

FLÁVIA RENATA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO ALEMÃ NA COLÔNIA RIOGRANDENSE: 1922-1938
(MARACÁI/CRUZÁLIA-SP)**

Presidente Prudente/SP/Brasil
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FLÁVIA RENATA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO ALEMÃ NA COLÔNIA RIOGRANDENSE: 1922-1938
(MARACAÍ/CRUZÁLIA-SP)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Campus de Presidente Prudente, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Arilda Inês Miranda Ribeiro

Presidente Prudente/SP/Brasil
2010

TERMO DE APROVAÇÃO

FLÁVIA RENATA DA SILVA

A EDUCAÇÃO ALEMÃ NA COLÔNIA RIOGRANDENSE: 1922-1938
(MARACAÍ/CRUZÁLIA-SP)

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Presidente Prudente, pela seguinte banca orientadora:


Profª Drª Arilda Inês Miranda Ribeiro
Departamento de Educação – Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, de Presidente Prudente

Prof Drº Luiz Bezerra Neto
Departamento de Educação – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

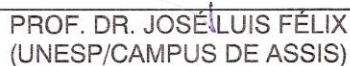
Profº Drº José Luis Felix
Departamento de Letras Modernas Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, de Assis

Presidente Prudente/SP
2010

BANCA EXAMINADORA



PROFA. DRA. ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO
(ORIENTADORA)



PROF. DR. JOSÉ LUIS FÉLIX
(UNESP/CAMPUS DE ASSIS)



PROF. DR. LUIZ BEZERRA NETO
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR)



FLÁVIA RENATA DA SILVA

PRESIDENTE PRUDENTE (SP), 27 DE AGOSTO DE 2010.

RESULTADO: _____

APROVADA

Dedico este trabalho

À minha filha Isabela, presente de Deus para mim, motivo principal de todas as minhas lutas, por ter sido muitas vezes privada de minha atenção em momentos importantes de sua vida de criança. À ela, para que saiba que a maior herança que temos é o conhecimento adquirido, algo que ninguém tira de nós e para que lhe sirva de incentivo à realização de seus sonhos e ideais.

À memória de minha mãe que pôde me ensinar a sonhar e a enfrentar as dificuldades sorrindo.

Ao meu pai Francisco por apoiar minhas decisões e se orgulhar de minhas conquistas.

Ao Everton pelo companheirismo e dedicação, principalmente durante os anos de pesquisa e por muitas vezes ter renunciado de seus próprios projetos e sonhos em função dos meus, para que saiba o quanto a sua presença é fundamental em minha vida e na realização deste trabalho.

Aos meus irmãos Evandro, Fernanda, Ana Lúcia e Joana pela amizade, carinho e por estarem juntos comigo na concretização deste sonho.

À memória de minha avó Mariana, mulher guerreira e corajosa, exemplo a ser seguido.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível ser realizado graças a muitas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram no desenvolvimento deste. Dessa forma, manifesto meus agradecimentos e minha gratidão:

À Arilda Inês Miranda Ribeiro por ter acreditado em mim e em meu trabalho, e pela sua orientação, a partir da qual o conhecimento não foi apenas transmitido, mas muitas vezes construído junto. Obrigada pela atenção quando precisei de hospedagem, pela compreensão e competência dedicadas nesta orientação.

À José Luis Félix, meu professor de alemão da graduação, que desde aquela época sempre me incentivou, e acreditou que eu poderia ir além. Agradeço pela amizade, empréstimo e doação de materiais e pela oportunidade de alguns trabalhos em conjunto. E ainda por ter me ajudado na tradução de documentos importantes para este trabalho.

Ao professor Luiz Bezerra Neto e sua esposa Maria Cristina Bezerra que em uma visita em minha casa em busca de fontes sobre a Colônia Riograndense, me incentivaram a prosseguir em minhas pesquisas.

À minha tia Inês que me criou desde os meus cinco anos de idade, deixando com isso passar seus projetos da juventude. A ela que sempre me orientou para vida e me ajuda incansavelmente sempre que preciso, principalmente nesta fase do mestrado.

À minha madrastra Conceição pela sua dedicação á família e prontidão para nos ajudar sempre.

Aos meus sogros Antônio e Imelda por terem contribuído nos cuidados ao meu esposo e minha filha.

Aos meus cunhados Emerson e Eliana pela hospedagem em São Paulo para pesquisa no Instituto Martius-Staden.

À Célia Dias Payão e Maria Thereza Dantas, Irmãs da Caridade da Congregação São Vicente de Paula, pelo apoio e confiança que sempre me transmitiram e pelas palavras certas, na hora certa.

A minha prima/irmã e comadre Solange pelo apoio em todas as ocasiões e, desde a época de escola incentivar meus estudos.

Ao meu primo, Maicon, pelas conversas e desabafos madrugadas a fora, que passando pelas mesmas angústias que eu (trabalho na rede e mestrado) compartilhou das alegrias e privações familiares e sociais que o mestrado nos traz.

A minha querida avó Benedita, aos meus tios e primos maternos e paternos, meus padrinhos, e enfim todos os familiares que incentivaram e torceram por mim.

Às Diretoras das Escolas que trabalhei desde o tempo da preparação para prestar o processo seletivo para o mestrado até a conclusão do mesmo: Maria Rita Taveira Camargo, Alda Grabrigna, Elisabeth Rodrigues Castilho pelo apoio e incentivo dado, e principalmente a Gertrudh Goettsche pela solidariedade e por ter me ajudado a “segurar as pontas” na escola tantas vezes durante a época do cumprimento das disciplinas.

À Ursula Goettsche e Lídia Braun pesquisadoras que me cederam vários materiais e pelas discussões sobre a pesquisa;

Aos descendentes de imigrantes e pessoas envolvidas na Colônia Riograndense que me cederam diversas fotos, informações informais e materiais para pesquisa: Regina Boech, Nilson Elisiário, Walter Rieger, Dagoberto Rieger, Marta Rieger, Johhanna Ziegler, Renata Mielke Fetter, Heike Müller, entre outros.

À família de Waldemar Ribeiro de Oliveira, nas pessoas de Maria Annita Porto Ribeiro, Hudson Felipe Porto de Abreu, Ana Maria Ribeiro Deliberador, os quais me receberam em suas residências (em contato online e por telefone) e colaboraram com materiais e informações importantes para essa pesquisa.

Aos fiéis amigos Léia, Raquel, Nei, Heleni, Fernando, Maria José, Nívea, Thais e Ivan, pela amizade sincera e companheirismo.

Ao grupo de música, Agnus Dei, da Paróquia São Sebastião de Cruzália, pela paciência e compreensão pelas minhas ausências em ensaios e missas.

À supervisora de Ensino da Diretoria de Ensino de Assis, Rosinei pela força e contribuição durante os trâmites da Bolsa Mestrado e por nossos longos papos sobre a História da Educação.

Aos meus queridos professores do tempo de escola e hoje companheiros de trabalho: Hosana, Luzia, Clenira, Marlúcia, Renata e Zardetto, ensinamentos para além da escola, os quais não esqueço jamais....

A todos os professores, amigos e companheiros de lutas e compromissos com a educação, por todos os ensinamentos e esperanças que transmitem aos educandos.

À minha amiga e companheira de pesquisa e viagem Rita de Cássia Zironi Di Nallo, pelo companheirismo, pelas lágrimas e risadas no caminho até Presidente Prudente.

À querida Dona Augusta Buziquia, filha de imigrantes alemães, que além de me incentivar para o aprendizado contínuo da Língua Alemã e gastar horas traduzindo e lendo poemas e histórias em alemão comigo, se tornou minha amiga e confidente.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pela Bolsa de Mestrado.

Ao Instituto Martius-Staden de São Paulo, pela atenção, pronto atendimento e por disponibilizarem-me matérias relevantes para esta pesquisa.

Enfim, agradeço principalmente aos Imigrantes Alemães e descendentes que cederam seus depoimentos para que a história da Educação da Colônia Riograndense fosse contada: Herta Weissheimer, Rosa Ludwig, Heinrich Hoffmann, Grete Wrede e Elsbeth Müller.

E acima de tudo agradeço a Deus, que ilumina o meu caminho e guia os meus passos.

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel Garcia Márquez.

RESUMO

Este trabalho trata da história educacional de uma colônia de alemães localizada no interior do Estado de São Paulo, a Colônia Riograndense. Esta colônia, que se situa em área rural, foi fundada em 1922 entre os municípios de Maracá e Cruzália, e é composta por famílias de origem germânica, vindas de outras Colônias Alemãs no Brasil, da Alemanha, e outros países da Europa. A pesquisa sobre os aspectos educacionais dessa colônia se torna importante, uma vez que em plena mata e num lugar praticamente desprovido de recursos, esses colonos conseguiram construir e manter em funcionamento um sistema escolar. Além disso, clubes, igrejas, cooperativa, corais, grupos musicais e de danças, entre outros, no intuito de garantir aos seus filhos, não somente o acesso à educação, mas também a preservação da língua e da cultura. Para tanto, essa pesquisa de cunho qualitativo, pautou-se na História e nos Estudos Culturais, na História Oral e em fontes literárias e bibliográficas sobre a área específica. Utilizou-se de narrativas orais dos pioneiros da Colônia Riograndense e de material iconográfico relativos ao cotidiano e às práticas escolares e sociais. Como resultados obtidos pode-se afirmar que a Imigração Alemã e sua contribuição cultural e educacional em solo paulista transformaram as práticas e as representações sociais que se tinham até então na região, haja vista terem conseguido implantar e manter vivos por um bom tempo, suas tradições, sua língua, suas práticas culturais e escolares. A escola por eles implantada contou com material próprio, em alemão, produzido no Brasil, para que os filhos dos imigrantes pudessem conhecer em sua própria língua a realidade local e se formarem como cidadãos brasileiros. A presença alemã com todas suas experiências e vivências configurou-se como meio importante de acesso à bens culturais e educacionais naquela região, tanto para os próprios filhos dos imigrantes, como para as crianças brasileiras que residiam próximas à colônia.

Palavras - chave: Imigração alemã, Educação, História das Instituições Escolares, História Oral, Estudos Culturais, Língua Alemã.

ABSTRACT

This paper presents a study about educational history of a German colony, located within the State of Sao Paulo, Colônia Riograndense. This colony, which is located in a rural areas was established in 1922 between the cities of Maracá and Cruzália, and is composed of families of Germanic origin, came from others German Colony in Brazil, Germany and other European countries. Research on the educational aspects of this colony becomes important, since in full forest and in a place almost devoid of resources, the settlers managed to build and maintain a functional a school system. Over there, clubs, churches, cooperatives, choirs, bands and dances, among others, in order to ensure their children not only access to education, but also the preservation of language and culture. Therefore, this qualitative research, was based in Cultural History and Studies, in Oral History and literary sources and literature on the specific area. We used the oral narratives of the pioneers of the Colony Riograndense and iconographic material relating to daily life and to the educational and social practices. As results, it can be argued that the German immigration and its contribution to cultural and educational in this land transformed the social representations and practices that had so far in the region, given their failure to deploy and remain alive for a long time, their traditions, their language, their cultural and school practices. The school said they deployed with their own material, in German, made in Brazil, that immigrants' children could know their own language in the local situation and to train as Brazilian citizens. The German presence with all their experiences configured as important means of access to cultural and educational in that region, both for their own children of immigrants, and for the Brazilian children who lived near the colony.

Keywords: German Immigration, Education, History of Educational Institutions, Oral History, Cultural Studies, German Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 01: Propaganda de remédio para amarelão | 43 |
| Figura 02: 1º mapa de loteamento da fazenda capivara | 53 |
| Figura 03: Michael Lamb e sua família | 55 |
| Figura 04: Propaganda publicada em jornal de língua alemã | 56 |
| Figura 05: Propaganda publicada em jornal de língua alemã | 57 |
| Figura 06: Primeiros colonos abrindo florestas | 58 |
| Figura 07: Primeiras moradias | 59 |
| Figura 08: Primeiras moradias | 59 |
| Figura 09: Desbravadores abrindo estradas | 60 |
| Figura 10: Viagem da Alemnhã ao Brasil | 62 |
| Figura 11: Colonos no trabalho com a terra | 67 |
| Figura 12: Troncos de árvores derrubadas | 68 |
| Figura 13: Famílias trabalhando na derrubada das florestas | 68 |
| Figura 14: Criação de porcos | 69 |
| Figura 15: Criação de galinhas | 70 |
| Figura 16: Propaganda: Colônia Riograndense e produção de alfafa | 71 |
| Figura 17: Transporte da Alfafa em carro de boi | 72 |
| Figura 18: Transporte da Alfafa | 72 |
| Figura 19: Transporte da Alfafa | 73 |
| Figura 20: Cooperativa Agrícola Mista | 75 |
| Figura 21: Primeira Igreja Evangélica Luterana | 76 |
| Figura 22: Igreja Evangélica Luterana com a comunidade reunida | 77 |
| Figura 23: Igreja Católica de São José das Laranjeiras | 77 |
| Figura 24: Igreja Evangélica Luterana | 79 |
| Figura 25: Igreja Católica de São José das Laranjeiras | 80 |
| Figura 26: Primeiro Prédio da Escola Alemã | 89 |
| Figura 27: Prédio novo da Escola Alemã | 90 |
| Figura 28: Questionário (frente) | 96 |
| Figura 29: Lehrer Hahn e seus alunos | 102 |
| Figura 30: Criança no jardim | 103 |
| Figura 31: Família conversando no jardim | 103 |
| Figura 32: Professor João Bernardo Trocourt e seus alunos | 104 |
| Figura 33: Questionário (verso) | 105 |
| Figura 34: Clube da Curva - colonos na venda | 114 |
| Figura 35: Encontro das senhoras da OASE | 115 |
| Figura 36: Oktoberfest no Clube da Curva | 115 |
| Figura 37: Visão Panorâmica do Clube da Curva | 116 |
| Figura 38: Grupo Musical "Edelweiss" | 117 |
| Figura 39: Clube Lírico da Barra Mansa | 118 |
| Figura 40: Visita do Cônsul Geral Dr. Speiser | 120 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 01: Entrada de imigrantes no Brasil | 41 |
| Tabela 02: Escolas Alemãs no Brasil | 84 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| | |
| CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA CULTURAL | 23 |
| 1.1 História Oral e História Cultural | 24 |
| 1.1.1 Algumas Concepções acerca da História Oral | 25 |
| 1.1.2 Algumas Concepções acerca da História Cultural | 28 |
| | |
| CAPÍTULO 2: O IMIGRANTE ALEMÃO NO SOLO BRASILEIRO | 31 |
| 2.1 Imigração Alemã no Brasil | 32 |
| 2.2 Brasil nas décadas de 20 e 30: entre rupturas e revoluções | 37 |
| 2.3 Brasil: paraíso de terras férteis e prósperas | 41 |
| 2.4 A educação brasileira – escola para todos ou todos sem escola? | 45 |
| | |
| CAPÍTULO 3: UMA COLÔNIA DE ALEMÃES NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO | 52 |
| 3.1 A formação da Colônia Riograndense | 53 |
| 3.2 Aspectos socioeconômicos da Colônia Riograndense | 69 |
| 3.3 A religião na Riograndense: católicos e luteranos | 75 |
| | |
| CAPÍTULO 4: A EDUCAÇÃO ALEMÃ NA COLÔNIA RIOGRANDENSE: ESCOLAS, CLUBES E PRÁTICAS CULTURAIS | 81 |
| 4.1 Considerações Preliminares | 82 |
| 4.2 Escola na Colônia Riograndense | 86 |
| 4.2.1 Formação | 86 |
| 4.2.2 Currículo | 91 |
| 4.2.3 Material didático | 98 |
| 4.2.4 Os professores | 100 |
| 4.2.5 Nacionalizações do Ensino e fim da Escola Alemã da Colônia Riograndense | 108 |
| 4.3 Vivências culturais na Colônia: a criação dos clubes e outras instituições | 111 |
| 4.4 De convidados a <i>Personas non gratas</i> – repercussões da Segunda Guerra Mundial na Colônia Riograndense – o perigo alemão | 119 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 124 |

| | |
|-----------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 128 |
| FONTES INÉDITAS ORAIS | 135 |
| ANEXOS | 136 |

Introdução

Mergulhar no passado é empreitada que desperta especial fascínio, não só pela riqueza do que há para desvendar, como pela quantidade de 'segredos' que o contato com o real propicia. (VIEIRA; FARIAS, 2007, p. 15)

A imigração alemã no Brasil, bem como a contribuição e a inserção dos respectivos imigrantes na sociedade brasileira, são temas de estudo de diversos pesquisadores da atualidade, haja vista que o assunto desperta os mais variados questionamentos e abordagens. É inegável a importância, em nossa sociedade, desses imigrantes que trouxeram consigo suas culturas, transportando para além da língua, ideias, esperanças, hábitos e concepções educativas, as quais enriqueceram com hibridações o nosso país.

Tendo em vista estas considerações, proponho-me a escrever uma história que ainda foi pouco contada: a da educação dos imigrantes alemães e de seus descendentes na Colônia Riograndense.

Certeau (1998) afirma que “toda pesquisa é autobiográfica e tem relação com a história de vida de cada um.” Da mesma forma, acredito que esta pesquisa está estreitamente ligada com minha história pessoal, até com o contexto em que eu cresci, me formei e do qual hoje faço parte.

No meu primeiro ano de escola, início de minha alfabetização, minha professora da 1ª série, Dona Beth, como era chamada pela sala, tendo trabalhado com o alfabeto em classe, propôs-nos uma lição de casa. Tínhamos que recortar de revistas, uma palavra para cada letra do alfabeto. Eu morava com minha avó materna no sítio e lá não tínhamos muitas revistas. Meus avós paternos, que sempre moraram na Colônia Riograndense, pois trabalhavam para uma família de alemães, tinham na casa deles pilhas e pilhas de revistas de moda, pois minha tia que morava com eles era costureira, e ganhava muitas revistas de suas freguesas. Fui para lá no final de semana para fazer minha tarefa. Minha tia deixou que eu recortasse as revistas mais velhas. Achei que algumas palavras eram compridas demais, diferentes, mas o que importava eram as letras no início delas. Recortei um monte e coleí no caderno, como havia pedido a professora. Fui para escola feliz da vida. Tarefa cumprida.

Ainda me lembro da expressão de espanto no rosto da professora. Ela questionou aquelas palavras e disse que não eram da Língua Portuguesa! Pediu para que eu as lesse. Eu estava começando a ler em Português. Eu disse a ela que não sabia ler. Pensei comigo, eu ainda não sei ler essas palavras, mas vou aprender um dia.

Eu havia levado palavras em Língua Alemã. As revistas de moda de minha tia eram todas vindas da Alemanha. Esse foi meu primeiro contato com a Língua Alemã.

Anos depois (1997) entrei no Curso de Letras da UNESP de Assis, me habilitando em Língua Alemã (2000) e Língua Inglesa (2003). Aprender Alemão não foi fácil, às vezes me dava medo. O professor falava, falava eu não entendia nada. Pensei em mudar de Língua, fazer Espanhol, mas não tive coragem, já estava envolvida.

No final do quarto ano, os professores de Literatura e Língua Alemã falavam muito da possibilidade de termos uma experiência na Alemanha (Programa de Au Pair¹), muitos alunos já tinham ido e tinham aprendido muito com isso. Eu me candidatei. Comecei a me corresponder com uma família, mandar fotos, telefonar. Os professores me auxiliavam nas cartas. Enfim tudo deu certo. Fui para lá em dezembro de 2000 e fiquei até o final de abril de 2001. Foi uma experiência maravilhosa de contato com a língua e cultura daquele país.

Voltei com vontade de continuar meus estudos nessa área. Sempre em contato com o professor de Língua Alemã, José Luis Félix, fui convidada por ele a participar, também com outros ex-alunos que tinham interesse no tema, de um grupo de estudos para leitura de textos relacionados à língua e a cultura alemã. Nesses estudos lemos um livro sobre as Escolas Alemãs do Rio Grande do Sul, de Egon Schaden². Nas discussões, o professor nos disse que na Colônia Riograndense também havia tido uma escola em que era ensinado só em alemão e que nunca haviam escrito e nem pesquisado nada sobre a mesma. Interessei-me pelo assunto e comecei a ler e pesquisar sobre o mesmo.

Em 2005 tive a oportunidade de iniciar um curso de pós-graduação Lato- Sensu na UNESP de Assis, na área de Estudos Lingüísticos e Ensino de Línguas. Fui orientada pelo Professor José Luis Felix, e dentro da Historiografia da Lingüística pude pesquisar um pouco sobre a Escola Alemã da Colônia Riograndense, e desta pesquisa resultou minha monografia, concluída em 2006.

Paralelamente a esses estudos também lecionei em escolas públicas da região. Trabalhei com projetos de música, de recuperação paralela, de leitura, e com a disciplina de

¹ O Programa Au Pair é realizado em conjunto com GUK (*Gesellschaft für Internationale Jugendkontakte*). As tarefas consistem em cuidar das crianças da família e ajudar no trabalho doméstico, trabalhando aproximadamente 30 horas por semana e duas ou três vezes à noite. Inclui um período de férias por ano. A ajuda de custo mensal era de DM 400 Marcos, não tendo custo de moradia, alimentação, pois a família concede um quarto individual. Oferecem ainda seguro de vida e plano de saúde.

² SCHADEN, Egon. Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira. In: **I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**. Porto Alegre: UFRS, 1963.

Inglês, na qual me efetivei em 2006. Além desses projetos específicos que citei, pude fazer parte também da organização de dois grandes Projetos Pedagógicos financiados pela CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), nas escolas onde lectionei.

O primeiro projeto foi em 2005, na EE Joaquim Gonçalves de Oliveira, de Cruzália, chamado *Resgatando a História de Cruzália*. Para desenvolver este trabalho, que tinha como objetivo escrever a história do município, da qual não havia nada registrado ainda, buscamos, além de documentos oficiais que pudessem contar a história do município, entrevistas com os pioneiros da cidade, fotos, pesquisas das lendas, objetos antigos, entre outros. Tivemos como produto final “*Resgatando as memórias de Cruzália*” e “*Lendas Cruzalienses*”.

O segundo projeto, intitulado *Rio Paranapanema e suas histórias*, realizado em 2006, na EE Prof. Teófilo Elias, de Florínea, também resultou em um livro publicado com o mesmo título. O projeto visou resgatar com os alunos a história local e a importância do Rio Paranapanema como fonte de subsistência para a região. Para isso fizemos parceria com a Casa da Agricultura de Florínea e com a Polícia Ambiental de Assis, visando algumas ações integradas aos alunos, tais como: visitas aos rios e nascentes, plantio de árvores e palestras sobre a história e a relevância do Rio Paranapanema. Além disso, usamos relatos e entrevistas como fontes históricas, mas desta vez não somente dos pioneiros, mas também dos pescadores.

Minha trajetória como educadora propiciou-me a chance de conhecer pessoas e realidades sócio-culturais diferentes, pois praticamente mudava de uma escola para outra a cada início de ano. Atualmente não estou lecionando, estou na função de Professora Coordenadora Pedagógica da EE Prof. Lourenço Luciano Carneiro, de Maracá, desde abril de 2008, o que tem me possibilitado vivenciar o processo educacional sob novo olhar.

Nesses trabalhos pedagógicos, percorri caminhos diversos para responder a indagações a cerca daquelas comunidades nas quais eu estava inserida e tentar assim, escriturar suas histórias. Pierre Nora afirma que a necessidade dos homens de alimentarem a história com os resquícios do passado e de construírem e manterem os referidos lugares da memória traduzem a busca, pelo ser humano, da eternidade e da identidade social (NORA, 1993).

Esses trabalhos realizados em escolas me instigaram um desejo: fazer pesquisa. Trabalhar com entrevistas. Resgatar memórias esquecidas. Escrever o novo, o inusitado. Voltei as minhas leituras sobre a escola alemã, sobre a Colônia Riograndense. Comecei um projeto de mestrado, só não sabia em qual programa eu entraria. Mostrei o projeto ao

professor José Luis Félix, ele sugeriu mais leituras. Dessa época até o ingresso no mestrado refiz esse projeto inúmeras vezes. E ele sempre me incentivando.

Na mesma época, uma doutoranda da Unicamp, Maria Cristina Santos Bezerra, a fim de ter informações sobre a escola alemã da Colônia Riograndense, me visitou, juntamente com seu marido Prof. Dr. Luiz Bezerra (UFSCar), após verem minha monografia e o material que eu tinha coletado para a mesma, me incentivaram a entrar em um programa de mestrado para que tudo aquilo que eu tinha fosse sistematizado e publicado. Isso me deu novo ânimo.

Comecei a pesquisar programas de Mestrado em Universidades Públicas do Estado de São Paulo, e encontrei no Programa de Mestrado em Educação da Unesp, de Presidente Prudente a linha de pesquisa que melhor enquadraria o que eu pretendia pesquisar. De imediato mandei um email com o meu projeto para a Professora Arilda Inês Miranda Ribeiro³, que já tinha livro publicado sobre um colégio alemão - *A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas – 1863-1889*. Esse livro traduzia perfeitamente pontos do meu objeto de pesquisa e claro, a autora seria a orientadora ideal para mim. Em sua resposta ao email que eu lhe havia enviado, disse para que eu prestasse o exame e se eu passasse conversaríamos. Li e reli várias vezes este email, tentando encontrar algo que não estava escrito, como “te oriento”. Inscrevi-me. Passei em todas as etapas. A Professora Arilda aceitou ser minha orientadora.

Embora me tenha sido ofertado uma Bolsa de estudos (Bolsa Capes) quando ingressei no Programa de mestrado, pois havia obtido o primeiro lugar no exame de seleção, acabei por decliná-la, pois na época havia passado em uma seleção do Estado para atuar como Professora Coordenadora Pedagógica em uma escola do Município de Maracáí. Entre a dificuldade de optar pela Bolsa ou pelo trabalho, que também me era importante, decidi encarar o trabalho na coordenação, paralelamente ao mestrado. Disse à Arilda que o primeiro lugar já me orgulhava. No entanto, em agosto do segundo ano no programa fui contemplada com uma Bolsa Mestrado da Secretaria Estadual de Educação (SEE), do Estado de São Paulo.

Assim, ingressei nessa caminhada de pesquisa e descobertas tendo em minha orientadora uma fonte de saberes e uma incentivadora em tudo o que eu me propunha a fazer. Para todas as dúvidas uma sugestão de leitura.

Com essa companheira de viagem, me propus a escrever essa história até então não escrita, porém viva na memória daquela comunidade. Memória essa que não é neutra,

³ Professora Livre Docente do Programa de Mestrado em Educação da UNESP – Campus de Presidente Prudente.

mas carregada de imaginação e de realidade. Lucila Neves em seu artigo *Memória, História e Sujeito: Substratos da identidade* (2000) afirma que

O ato de lembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o lembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente. (NEVES, 2000, p.109)

A educação alemã na Colônia Riograndense: 1922 a 1938 (Maracai/Cruzália-SP), nome dado a esta história, aborda a questão da inserção dos imigrantes alemães e de seus descendentes na sociedade brasileira, do ponto de vista educacional, dado que a educação sempre se configurou como fator decisivo para os imigrantes desde a fase inicial da colonização alemã no Brasil. Uma das primeiras coisas que os alemães imigrantes faziam ao se instalarem num lugar era construir uma igreja e uma escola. "Quem mexesse nela, intrometia-se no próprio santuário no qual se guardavam e se perpetuavam os valores culturais cultivados durante séculos" (RAMBO, 1994, p.7). Várias escolas foram fundadas como estratégia de inserção social, de preservação da cultura e identidade étnica e também de diferenciação social. (BEZERRA, 2007).

A educação desenvolvida na *Colônia Riograndense* trouxe contribuições significativas não somente no campo educacional, mas também, no lingüístico e cultural. Outros meios de educação não-formais, representados pela família, pela igreja (Luterana x Católica), enfim pela sociedade, são tratados neste trabalho, já que se acredita que o processo educacional não se constitui somente dentro de uma escola, mas também em outras esferas sociais.

Resgato aspectos da vida desses alemães enquanto os mesmos são considerados pessoas confiáveis e bem quistas na sociedade brasileira. Assim, uso como referência o período de 1922 a 1938, que representam respectivamente a data de formação da Colônia Riograndense e do fechamento de sua escola, a qual foi motivada pela instauração da ditadura de Getúlio Vargas em 1937. Optei por este período justamente por revelar dois momentos importantes para a Imigração Alemã na região: o convite e a propaganda para que os mesmos viessem colonizar as terras férteis da Colônia Riograndense e a ruptura, quando esses alemães passaram a configurar como “Personas não-gratas”, pois representavam uma ameaça a ideia do nacionalismo que estava sendo implantada pelo governo de Getulio Vargas. Com os desdobramentos da 2ª Guerra Mundial, tendo o Brasil se posicionado contra a Alemanha,

esses alemães que ora foram convidados a se instalarem no Brasil, passam a serem vistos como pessoas perigosas e representantes do Nazismo de Hitler.

Portanto, utilizando deste tempo histórico, acredito que se é possível observar como os imigrantes alemães se organizaram educacionalmente e socialmente, pois é o momento em que eles de fato puderam manifestar suas opiniões e representações sociais, formando assim as identidades coletivas e individuais que os caracterizaram.

Durante a pesquisa vários materiais sobre a Colônia Riograndense me foram disponibilizados por pesquisadores⁴, familiares de imigrantes⁵ e ex-alunos da escola alemã⁶, como: diários, documentos e registros da instituição e de particulares, jornais, cartas, materiais didáticos, entre outros. Também encontrei fontes valiosas no Instituto Martius-Staden em São Paulo, como notícias de jornais sobre a Colônia desde a época de sua formação, bem com um breve currículo dos professores que lecionaram na Escola Alemã. Esses materiais são utilizados na produção desta dissertação, pois acredito serem eles ricas fontes históricas.

Os procedimentos metodológicos utilizados são embasados na História Oral, na medida em que os relatos e as entrevistas com os ex-alunos desta escola e com os pioneiros desta colônia são de extrema relevância neste trabalho, e também na História Cultural, o que possibilita a observação de como as representações sociais e as relações de poder foram construídas e produzidas na Colônia Riograndense. Tais teorias serão explicitadas no primeiro capítulo dessa dissertação.

No segundo capítulo abordo a questão da imigração alemã no Brasil, os motivos que tiveram para imigrar, os desafios que encontraram, as contribuições dos mesmos na formação da sociedade brasileira e a inserção destes nesta nova terra. Abordo ainda neste capítulo, de forma breve, os aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil nas décadas de 20 e 30, apresentando assim, o Brasil que os imigrantes alemães encontraram quando chegaram à Colônia Riograndense em 1922. Refiro-me também à Educação no Brasil nesta mesma época, tendo em vista, quais eram as condições e as ideias pedagógicas da época, quais as reformas educacionais propostas, entre outros aspectos que contextualizavam a necessidade dos imigrantes alemães criarem sua própria escola na Colônia Riograndense.

⁴ Lídia Braum, Úrsula Goettsche e José Luis Félix.

⁵ Regina Boech, Johanna Ziggler, Dagoberto Rieger, Grete Wrede.

⁶ Rosa Ludwig, Herta Weissheimer, Waldemar Ribeiro, Heinrich Hoffman, Elbeth Müller,

Em seguida, temos o terceiro capítulo, no qual procuro fazer um histórico da Colônia, apontando como foi formada, como girava sua economia, a religiosidade, enfim como os imigrantes da Riograndense se organizavam socialmente.

No quarto capítulo procuro descrever como estava estruturada a Escola Alemã da Colônia Riograndense, enfatizando as características, o currículo, os materiais didáticos utilizados, os professores que lecionavam e a relação da escola com a comunidade. Ainda neste capítulo proponho um olhar sobre as outras esferas que contribuíram para a educação na Colônia Riograndense, tais como a família, a religião, os grupos de teatro, de dança e de coral, as festas, ou seja, todas as representações sociais e vivências culturais que permearam aquela comunidade. Ressalto também neste capítulo os desdobramentos e as repercussões geradas pela Segunda Guerra Mundial, o posicionamento dos imigrantes alemães da Colônia Riograndense em relação ao que estava acontecendo e como as representações acerca da presença alemã no Brasil passam a ser modificadas e lidas pelos brasileiros.

Finalmente, encerro este trabalho com algumas considerações e reflexões referentes ao aprendizado que me foi possibilitado com esta pesquisa e orientação, acreditando que o mesmo será fonte para novos caminhos, descobertas e olhares acerca do tema. Ainda, acreditando que o mesmo será útil como forma de reflexão para melhorar o que temos hoje, pois, como salienta Ribeiro,

Resgatar a história da origem dos estabelecimentos de ensino, analisar a formação do corpo docente, as disciplinas ministradas, os primeiros professores, etc. é uma forma de preservar a memória educativa, aliado ao desejo de melhorar o que temos atualmente. (RIBEIRO, 1999, p.12)

Assim, passo a dar voz a alguns dos envolvidos na construção e formação da Colônia em questão, pois estes a partir de suas memórias ajudam a construir e a reconstruir essa história que agora passa a ser contada, já que “a memória não é apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações”. (PORTELLI, 1997)

CAPÍTULO 1:

ASPECTOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA CULTURAL

1.1 História Oral e História Cultural

Antes de iniciar qualquer explanação sobre a concepção de história oral e de história cultural, vale salientar a importância e a necessidade destas duas metodologias em uma pesquisa como esta que me propus a fazer: A história da educação dos imigrantes alemães da Colônia Riograndense.

O trabalho com a História Oral foi imprescindível na medida em que utilizei os relatos e as entrevistas como fonte histórica, visando ouvir de fato aqueles que viveram e fizeram a história educacional da Colônia Riograndense. Portelli afirma que na área de atuação da História Oral todas essas vozes são importantes:

[...] desejamos ouvir aqueles que não foram ouvidos – as pessoas comuns, os trabalhadores, os pobres e os marginalizados, os homossexuais, os negros, as mulheres, os colonizados. Em nossa área de atuação, a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros - e, sem exceção, muitos especiais -, é *igualmente* importante e necessária. (PORTELLI, 1997, p. 18)

Freitas também aponta os testemunhos orais como possibilidades de documentação sob pontos de vistas diferentes, por isso, acredito eu, a importância dos mesmos dentro de um trabalho de história da educação.

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vistas diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento. (FREITAS, 2006, p.47)

Indagando com Portelli para que fazemos a História Oral, obtemos dele a resposta “Minha impressão é a de que a fazemos, antes de mais nada, para nós mesmos, motivados pelo desejo e pela necessidade de “tentar aprender um pouquinho” e de “conseguir com que as pessoas [nos] contem histórias.” (PORTELLI, 1997, p. 29)

Por outro lado, tornou-se relevante também neste estudo, os respaldos da História Cultural, dado que buscamos fazer um constructo histórico e cultural dos processos educativos de uma comunidade, em um determinado tempo e lugar, pois como afirma Chartier, a História Cultural tem por principal objetivo

[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (...) As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.

Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1987, p. 16-7.)

Assim, fazendo um diálogo com estes campos de conhecimento afins acredito ser possível trazer ao momento presente a história da educação na Colônia Riograndense.

1.1.1 Algumas concepções acerca da História Oral

Desde os tempos mais remotos a oralidade é utilizada por grupos diversos, a fim de manterem vivas suas tradições culturais. Era comum que os mais velhos e experientes passassem para os mais jovens suas vivências, lutas, batalhas, conquistas, medos e crenças. E tudo isso era feito de boca a boca. A voz de cada indivíduo era privilegiada e ouvida. A oralidade era o meio de garantir que a tradição, a cultura e a história de cada povo não caíssem em esquecimento.

Da mesma forma, a História Oral privilegia a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos, os “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 2006, p. 50)

De acordo com Joutard, a História Oral tem como inspiração original ouvir a voz daqueles que são excluídos e esquecidos na sociedade, para assim trazer à luz as realidades que a escrita não consegue descrever, para o autor

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os “derrotados”. Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (...) Mas, há, ainda, o mundo operário e o camponês – e o dos emigrantes. (JOUTARD, 2000, p. 33)

Joutard ainda explicita que através do oral pode-se apreender as verdadeiras razões de uma decisão, já que assim é possível penetrar “no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto racional.”[...] (JOUTARD, 2000, p. 34)

Neves aponta que a partir da metodologia da história oral é possível relembrar sujeitos e lugares históricos, dado que a partir dos depoimentos coletados é possível inferir

que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente, contribuindo assim para evitar o esquecimento e para registrar diferentes visões sobre o passado. (NEVES, 2000, p.109-12).

Os lugares da memória, então, podem ser considerados esteios da identidade social, monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme em um processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro. O mesmo se pode dizer da metodologia da História Oral, que, sendo uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. (NEVES, 2000, p. 112)

Galeano (1991) em uma metáfora sintetiza que o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade é a memória. É através da memória que os sujeitos individuais e sociais mergulham em suas histórias, na busca da construção de identidades individuais e coletivas, construindo e reconstruindo assim não só a própria história de vida ou de uma comunidade, mas sim a história da humanidade.

Thomson ao tratar das reminiscências do passado considera que “as histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.” Dessa forma, o que hoje somos, a identidade que trazemos molda nossas reminiscências; “quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido”. (THOMSON, 1997, p. 57)

A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. (THOMSON, 1997, p. 57)

Bosi destaca a liberdade da memória na escolha dos acontecimentos:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2004, p. 31)

Portelli traz à discussão a existência da memória alternativa, que acompanha e ao mesmo tempo resiste a mudanças.

A memória acompanha a mudança, contudo, também resiste às mudanças que optamos por não fazer – o eu nos remete novamente à História Oral como uma arte

não só daquilo que aconteceu, como também daquilo que deixou de acontecer, aquilo que poderia ter acontecido. Trata-se da memória como alternativa. (PORTELLI, 1997, p. 33)

Segundo Freitas, Halbwachs, relativizando as idéias de Bergson, salienta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje.” Ou seja, o tempo transforma o passado e com ele as pessoas “em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor”. (FREITAS, 2006, p.65)

Assim, o fato quando rememorado já vem reconstruído com as imagens do presente.

A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que “incomodam” são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. (FREITAS, 2006, p.60)

Para Freitas, o uso do depoimento oral como fonte histórica nos faz refletir sobre o fenômeno da memória em si. “Memória aqui entendida como propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais.” (FREITAS, 2006, p.59)

Em relação à coleta de informações, ou, trabalho de campo, Portelli (1997) assinala como sendo uma etapa fundamental em uma pesquisa de História Oral, pois através das conversas, entrevistas e dos relatos orais, cada sujeito ao focalizar suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta do funcionamento e da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Cada fato contado é ponderado de acordo com importância que representa em suas vidas.

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele. (PORTELLI, 1997, p. 15)

Portelli acrescenta ainda que “cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras”. (PORTELLI, 1997, p. 17)

Nesse sentido, a História oral representa um dentre diversos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico, uma vez que o texto da entrevista de história oral torna-se um documento, que deve ser interpretado e analisado como qualquer outra fonte histórica, ainda que considerando as especificidades do documento de origem oral (conflitos, contradições e frustrações).

Vale salientar ainda a importância do uso da fotografia dentro de um trabalho de História Oral. Granet-Abisset ao tratar sobre o papel da fotografia, a considera como uma representação da prática social cotidiana, fonte complementar da fonte oral.

Ambas compartilham uma mesma lógica, a da memória e do esquecimento, a da presença e da ausência, mediadas pela interpretação de um intermediário, o pesquisador ou o fotógrafo. Elas permitem certamente notar fatos, se não uma realidade. No entanto, essas fontes são pertinentes, sobretudo para apreender representações. (GRANET-ABISSET, 2002, p. 16)

A autora aponta também que a imagem reporta-se igualmente, as outras imagens formulando um tipo de discurso, colocando em questão o dispositivo e o conteúdo do discurso histórico. (GRANET-ABISSET, 2002, p.9)

Assim, pela fotografia podemos nos remeter a outras imagens a cerca da história da Colônia Riograndense e ainda apreender com elas sobre as representações sociais da época. Qual era o discurso que se fazia a cerca desta Colônia? Como ela é representada na foto? Quais memórias os entrevistados constroem e reconstroem sobre ela? Quais discursos eram proferidos dentro da Colônia pelos colonizadores aos colonos?

E é sob a perspectiva desse procedimento que os materiais iconográficos, os depoimentos orais e as memórias coletadas em entrevistas e conversas com os pioneiros da Colônia Riograndense serão abordados e citados neste trabalho.

1.1.2 Algumas concepções acerca da História Cultural e dos Estudos Culturais

A História Cultural propõe uma nova forma de fazer história, que privilegia não apenas os grandes homens e heróis consagrados pela História e pela Política, mas todo o sujeito, que pensa, que age, que existe. Qualquer sujeito fará parte do seu tempo, por mais singular que seja. O que importa é o que cada um representa em um determinado momento,

quem é, o que faz, o que pensa, quais práticas estabelecem, quais discursos proferem, quais representações sociais constroem.

Os Estudos Culturais – EC e a História Cultural trazem à tona a importância de se analisar os aspectos culturais de uma sociedade, tendo em vista as diferentes práticas que são nela produzidas, visando com isso, entender os comportamentos e as ideias que são compartilhadas em seu meio.

De acordo com Sardar e Van Loon (1998) toda esta dificuldade para definir os Estudos Culturais não significa que “qualquer coisa pode ser estudos culturais, ou que estudos culturais podem ser qualquer coisa” (p. 9). (...) há, pelo menos cinco pontos distintivos dos EC: O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido... E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos EC com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 43)

Segundo Chartier a história cultural tem por objeto identificar como a realidade social é construída e representada em diferentes lugares e momentos. Assim, a História Cultural pode ser compreendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” Para o autor as representações sociais são sempre determinadas e forjadas pelo interesse de algum grupo, por isso se torna necessário relacionar os “discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (CHARTIER, 1987, p. 17)

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1987, loc. cit.)

Costa (2003) apontam que a questão do poder se torna o centro das discussões, “se ele não estava nas estruturas do capital, precisava ser problematizado na linguagem, no simbólico, no inconsciente.” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 39)

Burke (2000) destaca a dificuldade de se definir o termo História Cultural e o entende como “uma tradução cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos da época estudada para os historiadores e seus leitores. Seu objetivo é tornar a “alteridade” do passado ao mesmo tempo visível e inteligível.”

Geertz em seus estudos sobre cultura, argumenta que:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura de significado [...] (GEERTZ, 1978, p. 15)

Assim, tendo em vista estes conceitos sobre os estudos culturais e história cultural, analisamos a história da Educação na Colônia Riograndense sob o aspecto das representações sociais e das relações de poder que eram construídas tanto na Escola Alemã da Colônia Riograndense como em todas as relações que cercaram esta comunidade. Pois “se nos EC, a cultura é uma arena, um campo de luta em que o significado é fixado e negociado, as escolas, sua maquinaria, seus currículos e práticas são parte desse complexo”. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 58)

CAPÍTULO 2:
O IMIGRANTE ALEMÃO NO SOLO BRASILEIRO

2. 1 Imigração Alemã no Brasil

Tendo em vista a importância de contextualizar A Colônia Riograndense dentro do processo de Imigração no Brasil, julgo necessário iniciar por uma breve explanação sobre a Imigração dos Alemães no Brasil e a presença desses em solo brasileiro.

O processo de imigração alemã para o Brasil é bem antigo. Vários foram os motivos que contribuíram para a saída dos alemães de sua terra natal.

As transformações ocorridas na sociedade alemã do século XIX, devido ao processo de industrialização e mecanização da lavoura, trouxeram muitas dificuldades à população de pouca ou nenhuma posse, mas mesmo assim, deram-lhes a oportunidade de optar por dois caminhos distintos: adequar-se às novas regras do jogo, inserindo-se na nova organização econômica e social, ou simplesmente emigrar, abandonando assim uma condição de vida aflitiva, em busca de outro destino, esperançoso de novas oportunidades, do outro lado do atlântico. (SIRIANI, 2003)

Estudos sobre a imigração alemã no país apontam a grande jornada que esses imigrantes faziam para chegar ao destino desejado. “A viagem dos imigrantes alemães iniciava-se nas cidades onde residiam. A jornada era longa antes de chegarem ao porto mais próximo, Bremen ou Hamburgo.” A viagem entre a Europa e o Brasil era feita em embarcações à vela e chegava a durar até 60 dias, por volta de 1870. Depois com o advento dos navios a vapor, esse tempo foi reduzido para 20 a 30 dias. (SÃO PAULO, 2007, p.8-9)

Siriani também destaca essa jornada.

Santos, 13 de dezembro de 1827. Vento favorável. A galera holandesa *Maria* atracou no arsenal de Marinha e lançou suas âncoras. A bordo, um estranho agrupamento de pessoas. Ao todo, duzentos e vinte e seis estrangeiros de tez clara e avermelhada que falavam uma língua arrevesada e ininteligível aos ouvidos das autoridades portuárias. Sua origem? A longínqua Europa Central. Tratava-se de imigrantes oriundos dos mais variados estados alemães. Vento favorável para seus sonhos, suas ansiedades, suas angústias e suas esperanças. A grande muralha representada pela Serra do Mar, com sua vegetação exuberante e exótica aos olhos desses indivíduos, já não era um grande obstáculo a ser transposto. Significava, apenas, mais um passo em direção à liberdade. Rumavam para uma terra de fartura e promessa, uma espécie de Canaã, onde o futuro lhes seria generoso, como acreditavam. O recomeço. (SIRIANI, 2003, p. 27)

Félix esclarece que Emílio Willems, a partir de uma perspectiva sócio-cultural, aponta algumas das razões que teriam levado os alemães a emigrar, os quais seriam não somente os de ordem econômica, mas também a questão da má distribuição de terras e a

cobrança de altos impostos. Havia ainda outro fator preponderante, as propagandas enganosas e mentirosas feitas pelos agentes das Companhias de Emigração, as quais levaram muitos camponeses a vender suas terras e tentar uma vida melhor e mais fácil na América. (FÉLIX, 1990).

Havia excesso de população para aquele tipo de sociedade que limitava a absorção das pessoas na vida econômica. Crises periódicas de fome apavoravam a população de algumas regiões. A exclusão da terra e a insuficiência de terra para viver ocorria para os camponeses quando uma terra era dividida em lotes entre os herdeiros ou quando só o mais velho herdava. Os impostos e as taxas cobradas pelo Estado e pelos nobres pesavam demasiado para os camponeses e para os moradores das cidades. O risco de endividamento era constante. (SÃO PAULO, 1994)

Segundo Siriani, os imigrantes partiram de sua terra natal em busca de um mundo desconhecido e promissor, a terra fértil e o clima quente propiciavam a ilusão de que era possível enriquecer facilmente ou ao menos possuir um lote de terra para sobreviver com dignidade. Assim, muitos abandonaram suas famílias, movidos “pelas promessas de inescrupulosos agentes de imigração que agiam em nome de firmas brasileiras, alemãs ou do próprio Governo Imperial, interessado na introdução da mão-de-obra livre no país para fins de povoamento do vasto interior do território nacional.” (SIRIANI, 2003, p.21)

Investiu-se em propagandas, onde o Brasil era retratado como sendo o paraíso. Cartazes, folhetos, jornais, livros e fotografias foram distribuídos na Europa, através de agências contratadas, visando estimular a vinda de imigrantes. O Governo de São Paulo assume os custos da viagem, financiando as passagens. (SÃO PAULO, 2007, p.7)

Siriani destaca que a onda imigratória alemã para o Brasil teve seu início no contexto da “abertura dos portos brasileiros às nações amigas pelo príncipe regente D. João, no ano de 1808, e foi incrementada após o decreto de 25 de novembro do mesmo ano”, possibilitando além do acesso à propriedade fundiária a estrangeiros, a entrada de grupos imigrantes de diversas procedências no território brasileiro. Porém, a presença de alemães no Brasil remonta o período colonial, ainda que em números diminutos, mas representando uma imigração de qualidade na medida em que aqui permaneceram, de forma definitiva ou não, estudiosos, artistas, engenheiros, artífices e militares de origem alemã, entre os quais podemos citar Hans Staden, Mauricio de Nassau-Siegen, Francisco Adolpho de Varnhagen, João Henrique Böhm, entre outros. (SIRIANI, 2003, p.45)

Em relação à imigração oficial de alemães para Brasil, o decreto de D. João VI, datado de 16 de março de 1820, declarando o interesse do governo em incentivar a entrada de

indivíduos alemães e “de outros países” que desejassem se estabelecer em território brasileiro, pode ser considerado como o ponto de partida. Embutido neste incentivo à vinda de imigrantes havia um grande desejo de *branquear* a população do Brasil, dado a grande quantidade de escravos negros que aqui existiam. “O imigrante europeu seria “o tipo racial mais adequado para purificar a *raça* brasileira” e também o tipo de mão-de-obra adequada para solucionar o problema econômico iminente.” (SIRIANI, 2003, p. 45-6)

Os artigos contidos no decreto de 1820 (já existiam em 1818 extra-oficialmente) possibilitaram a entrada de grandes contingentes populacionais durante todo o Primeiro Reinado e serviram de base para a fundação de várias colônias por todo o território. Entre essas colônias estão a *Leopoldina*, no Sul da Bahia, em 1818, a *Frankental*, fundada na mesma região, em 1822, por iniciativa de Georg Anton von Schaeffer (principal agente de imigração do período e amigo pessoal de D. Pedro I e D. Leopoldina), a Nova Friburgo do Rio de Janeiro, a São Leopoldo, no sul do país e, na Província de São Paulo, os núcleos de Santo Amaro e Itapeçerica. (SIRIANI, 2003, p.43)

Dessa forma, a política imigratória do governo brasileiro inicia-se com D. João VI, e posteriormente é desenvolvida pelo seu filho D. Pedro I, que tinha o objetivo de povoar regiões desabitadas do Brasil - essencialmente o sul, sujeito a invasões e guerras constantes. Além disso, buscava trazer soldados estrangeiros para o exército brasileiro.

Muitos imigrantes vieram também antes da independência, no contexto da abertura dos portos, no ano de 1808. Esses, que primeiro chegaram, constituíram um grupo de comerciantes com atividades de importação e exportação e se estabeleceram no Rio de Janeiro.

Em seguida, vieram outros no intuito de colonizar o sul do Brasil, por volta de 1824, tendo como marco principal a fundação de São Leopoldo – RS. A maioria dos estados brasileiros teve colônias alemãs em seus territórios. Em São Paulo os primeiros imigrantes chegaram à Vila de Santo Amaro, em 1827. Anos mais tarde, boa parte se destinou ao Paraná, na fundação da Colônia Rio Negro. A partir de 1840, começaram a chegar ao Espírito Santo, alemães e austríacos. Em Minas Gerais, a colonização se iniciou em 1850. E assim, os alemães foram povoando e colonizando vários Estados brasileiros, como o Amazonas, o Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, e outros. Esses alemães que aqui se instalaram trouxeram o desejo de colonizar e prosperar numa nova terra se espalhando principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo e São Paulo.

A idéia inicial era povoar as províncias do Rio grande do Sul e Santa Catarina, com o objetivo de proteger e defender a fronteira sul do império. Havia também a

preocupação de criar uma classe média de pequenos agricultores que produzissem gêneros alimentícios para o mercado interior. (SÃO PAULO, 2007, p.6)

Outro aspecto relevante na história da imigração alemã no Brasil, diz respeito às migrações internas que ocorreram e fizeram aumentar o número de núcleos de colônias alemãs. O berço da colonização foi de fato o sul do país, mas se estendeu por todo o país, através desse processo de migração.

Abreu menciona que no Estado de São Paulo a imigração alemã pode ser dividida em quatro fases distintas. A primeira fase corresponde ao período de 1827 a 1849. Nesta fase a vinda dos imigrantes é patrocinada pela província, que os destina de acordo com seus próprios interesses. Devido à falta de recursos, logo os dirigentes da província pedem ao governo central a suspensão da entrada de imigrantes em São Paulo. (ABREU, 1971, p.9).

A segunda fase - de 1840 a 1870 caracteriza-se pelo sistema de parceria. Os imigrantes que vieram nessa época são especificamente dos cantões da Suíça e da Alemanha.

Na terceira fase, de 1870 até a Segunda Guerra Mundial, é a época da grande imigração para São Paulo. Além de alemães vieram imigrantes de várias nacionalidades para o trabalho assalariado das fazendas de café.

Uma das características do sistema paulista de imigração era o contrato de trabalho na fazenda de café. O imigrante em geral era contratado pelo próprio fazendeiro na Hospedaria de Imigrantes. O contrato de trabalho na fazenda de café paulista consistia no pagamento anual de uma certa quantia por cada mil pés de café cuidados, geralmente com quatro carpas anuais sendo esse pagamento feito quase sempre parceladamente, depois das carpas. [...] A primeira retribuição era fixa e não dependia do preço do café, a segunda, às vezes sofria as interferências do preço do produto. (PETRONE, 2000, p.109).

Nesse período vários núcleos coloniais para instalação dos imigrantes foram criados. Entre eles estão o de Nova Odessa, que fora criado para receber Judeus russos refugiados em Londres, que logo se espalharam, ficando em seu lugar alemães, austríacos, espanhóis e italianos. Alguns dos colonos da Colônia Riograndense se alojaram primeiro nesse núcleo, até conseguirem comprar seu lote de terra.

A quarta fase, de acordo com Abreu (1971), começa a partir de 1945 perpassando até os dias de hoje. O processo de imigração passou a ser algo organizado e controlado, se caracterizando-se pelo fluxo de imigrantes para centros urbanos.

Sommer salienta que desde o primeiro período, 1829, até o final do último, 1918, em torno de 24.037 de alemães e 17.583 austríacos entraram no estado, num total de 41.620 pessoas de origem germânica. (SOMMER, 1945).

De acordo com Petrone, em São Paulo havia em 1930 cerca de 50.507 imigrantes alemães . (PETRONE, 2000, p. 104).

Félix menciona que não se deve deixar de lado fatores históricos como a abolição da escravatura, a febre da emigração na eclosão da Primeira Guerra, o período pós-guerra, a crise econômica do final da década de 20, a Segunda Guerra Mundial e o período pós-45, como motivadores para o processo de imigração no Estado de São Paulo. (FÉLIX, 1990).

Com a proibição do tráfico de escravos em 1850, o governo começa a levar em consideração a possibilidade de usar a mão-de-obra de imigrantes europeus nas plantações de café. (...) Tornava-se claro que havia necessidade de importar trabalhadores livres em larga escala para substituir os escravos nas lavouras de café. (SÃO PAULO, 2007, p.6)

Grande foi o número de imigrantes alemães para o Brasil. Deste o início deste processo os motivos foram diversos. No entanto, o que mais fica claro, em qualquer época em que a imigração tenha ocorrido, é o desejo de liberdade, de oportunidade de nova vida. “Para o imigrante, partir significava a expectativa de libertar-se.” (SIRIANI, 2003, p. 51)

Com tantas aspirações e sonhos, estes imigrantes, vindo de um país que tinha como princípio a valorização da cultura, da arte, da educação, é natural que tenham trazido progresso no âmbito cultural, social, econômico e educacional nas regiões onde se instalaram.

De acordo com Freyre a presença alemã no Brasil viria trazer um novo aspecto à formação brasileira, sem fazer violências às formas já características brasileiras dessa formação. (FREYRE, 1963, p. 19).

Ribeiro (2006) ao discorrer o desenvolvimento da cidade da Campinas destaca o seguinte: “Como sede desse avanço, a cidade tem necessidade de implantar benfeitorias. E além da cultura do café, a vinda dos imigrantes também contribuiu para mudanças, principalmente as de cunho cultural.” Citando Tschudi, Ribeiro continua a afirmar que “tanto os colonos como os imigrantes livres despertaram vida nova na população, criaram indústrias, aumentaram o movimento comercial, melhoraram o padrão de vida, situações estas que influíram na vida intelectual.” (RIBEIRO, 2006, p. 31)

Oberacker também observa a presença alemã no solo brasileiro como instauradora de progresso e organização:

A colonização teuta diferia da portuguesa, principalmente em que ela jamais teve finalidade meramente econômica. Mesmo nos povoados germânicos, mais primitivos, logo surgiam, no mínimo, comunidades religiosas, organizações escolares, jornais, bibliotecas, sociedades múltiplas, como de ginásticas, desportivas, de música e de canto. (OBERACKER, 1985, p.265).

Embora sejam muitas as contribuições destes povos em nossa sociedade, penso ser este trabalho apenas um recorte destas, dado que “faço falar” apenas uma das tantas vozes esquecidas, não ouvidas dos imigrantes alemães no Brasil, como já foi salientado em outro momento, a voz dos que fizeram e contribuíram para história da educação da Colônia Riograndense.

Teriam estes imigrantes, de fato, conseguido novas oportunidades de vida no Brasil? Qual o interesse do Brasil em promover a imigração? Por que o Brasil os queriam?

Tendo em vista estas indagações antes de me remeter à história da Colônia Riograndense, me deterei a esclarecer o contexto do Brasil quando da formação deste lugar.

2. 2 Brasil nas décadas de 20 e 30: entre rupturas e revoluções

O período compreendido entre a proclamação da República em 1889 e a Revolução de 1930, foi tradicionalmente denominado de República Velha, ou Primeira República.

A sociedade brasileira passava por uma época de transição com o fim de uma sociedade escravista e agrícola para uma sociedade capitalista e industrial. Dois modelos republicanos dialogavam: o modelo militar que queria um Estado forte e o modelo liberal de São Paulo que defendia o federalismo, pois a cidade, anteriormente, havia já implantado, com sucesso, políticas locais. Ambas as tendências, porém, concordavam com uma coisa: a pouca participação do povo.

Temos como contexto econômico e político, uma época marcada pela abertura de milhares de indústrias, principalmente em São Paulo, fazendo com que imigrantes e agricultores se deslocassem em massa para a Capital. Assim, nas primeiras décadas do século XX, o Estado de São Paulo vivenciou um acelerado processo de industrialização e enriquecimento devido aos lucros da lavoura de café e à articulação da política do café-com-leite, criada pelo presidente da república Dr. Campos Sales, pela qual os Estados de São Paulo e de Minas Gerais se alternavam na escolhas dos políticos a Presidência da República

Como todo período de transição, houve conflitos. Até 1930, vários levantes ocorreram no Brasil: Revolta da Vacina, Revolta da Chibata, Revoltas Tenentistas, greves de operários do Rio de Janeiro e São Paulo, fragilizando os governantes.

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, capital da República, apresentava graves problemas urbanos, como uma rede insuficiente de água e esgoto, coleta de lixo e resíduos precária, além de cortiços super povoados, situação que propiciava a proliferação de muitas doenças e grandes epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica. Buscando sanear e modernizar a cidade, o então presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906) conferiu plenos poderes ao prefeito Pereira Passos e ao médico Dr. Oswaldo Cruz para a execução de um grande projeto sanitário, o qual ficou conhecido como *bota abaixo*, devido as demolições dos velhos prédios e cortiços, que deram lugar a avenidas, edifícios e jardins. Com esse projeto muitas pessoas pobres foram desalojadas à força, o que as levou a morarem nos morros e na periferia. Juntamente a isso, iniciou-se também a campanha de extermínio de ratos (transmissores da peste bubônica) e de erradicação da varíola. Com a aprovação pelo Congresso da Lei da Vacina Obrigatória, brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, entravam nas casas das pessoas para aplicar a vacina contra a varíola à força. Diante de tantas mudanças a população estava confusa e descontente, o que culminou em uma revolta no período de 10 a 16 de novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, conhecida como a Revolta da Vacina.

Poucos anos depois, em 1910 (de 22 a 27 de novembro) também no Rio de Janeiro, os militares da Marinha do Brasil se revoltaram e quiseram por fim aos diversos castigos físicos a que eram submetidos como forma de punição. Como muitos dos marinheiros nacionais eram negros ou mulatos comandados por um oficialato branco, o uso de castigos físicos era comparado aos maus-tratos da escravidão, abolida no país desde 1888.

Assim, com o objetivo de extinção desses castigos corporais e a melhoria das condições de vida e trabalho da categoria a bordo das embarcações da Armada, desencadeou-se a A Revolta da Chibata. Após quatro dias de revolta, o governo do Presidente Marechal Hermes da Fonseca declarou aceitar as reivindicações dos marinheiros, abolindo os castigos físicos e anistiando os revoltosos que se entregassem.

Outro conflito que marcou as décadas de 20 e início da de 30 foi o movimento político-militar e ideológico conhecido como Revolta Tenentista ou Tenentismo, através da qual jovens militares faziam críticas às instituições republicanas e às condições da sociedade brasileira da época, além de buscarem defender a modernização econômica e combater a corrupção política do país.

As greves de operários em São Paulo e Rio de Janeiro mostraram também o clima de contradições e rupturas que estava o país. O texto que se segue, descrito pelo operário e historiador Everardo Dias, revela o dia a dia de São Paulo em julho de 1917,

evidenciando a greve geral que paralisou completamente a capital paulista e explicitando o choque entre o operariado, liderado principalmente pelo movimento anarquista, e o Estado oligárquico:

São Paulo é uma cidade morta: sua população está alarmada, os rostos denotam apreensão e pânico, porque tudo está fechado, sem o menor movimento. Pelas ruas, afora alguns transeuntes apressados, só circulavam veículos militares, requisitados pela Cia. Antártica e demais indústrias, com tropas armadas de fuzis e metralhadoras.

Há ordem de atirar para quem fique parado na rua. Nos bairros fabris do Brás, Moóca, Barra Funda, Lapa, sucederam-se tiroteios com grupos de populares; em certas ruas já começaram fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas e a polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos. Os jornais saem cheios de notícias sem comentários quase, mas o que se sabe é sumamente grave, prenunciando dramáticos acontecimentos. (Dias, Everardo Apud Bandeira, M. et alia, op. cit., pp. 56-57)⁷

Diante de tantas revoltas e questionamentos por parte da sociedade, entende-se que o Brasil estava vivendo uma grave crise não apenas econômica, como também social, política, ideológica e cultural, que colocava em discussão toda a estrutura política da chamada Primeira República, o qual começava a definhando e trazia à tona o Golpe de 30.

Em meio a esses conflitos e revoluções, no campo cultural e literário acontecia nessa época, em 1922, a Semana de Arte Moderna, evento que reuniu os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, o músico Heitor Villa-Lobos, os pintores Di Cavalcante e Anita Malfatti e diversos outros artistas. Influenciados pelo modernismo europeu, suas apresentações destoavam daquilo que os críticos entendiam como arte, levando o público a reagir com vaias e arremessos de objetos ao palco. Com toda a sua inovação, a Semana de Arte Moderna se tornou um marco na renovação artística no Brasil e também uma forma de protesto ao conflito oligárquico do poder que se tinha estabelecido no país.

A queda da bolsa de Nova Iorque em 1929, trouxe não somente consequências desastrosas para a Economia Mundial, mas também tornou o Governo brasileiro mais vulnerável ainda, abrindo possibilidades para o Golpe de 1930.

A política do café-com-leite, que se perpetuava no Brasil nessa época, se caracterizava pela alternância na Presidência da República de candidatos que ora eram indicados por Minas Gerais, ora por São Paulo. O candidato oficial, em 1930, deveria ser indicado por Minas Gerais, porém, Washington Luís, depois de consultar os 20 presidentes de estado, em julho de 1929, recebeu o apoio de 17 deles a Júlio Prestes, e o indicou como

⁷ Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=55>. Acesso em 18 mar 2010.

candidato oficial à presidência da república nas eleições marcadas para 1 de março de 1930. Diante desse fato, Minas Gerais, então, rompe com São Paulo, unindo-se à bancada gaúcha no Congresso Nacional e prometendo apoio a Getúlio Vargas à presidência. Em 1 de março de 1930, Júlio Prestes é eleito Presidente, mas não toma posse. Em 24 de outubro de 1930, um golpe militar liderado por comandantes militares no Rio de Janeiro, depõe Washington Luís e entrega, em 3 de novembro de 1930, o poder a Getúlio Vargas. Vitoriosa a revolução de 1930, Getúlio Vargas foi nomeado chefe do "Governo Provisório" e põe fim à supremacia política de São Paulo e Minas Gerais no governo federal. A instalação do governo Vargas acaba com o poder secular de São Paulo e Minas Gerais na política brasileira e muda radicalmente a sociedade constituída pelas grandes famílias agrárias de São Paulo como fonte de poder político e econômico.

Segundo Vieira; Farias, com o rompimento da chamada “política café-com-leite”, que se traduzia num pacto de alternância ente paulistas e mineiros frente à presidência da República tem-se o final da República. (2007, p. 74)

Assim, os acontecimentos que levaram ao movimento político-militar de 30 foram propiciados por “interesses contraditórios e, principalmente, pelo reclamo, cada vez mais forte, de uma organização política e institucional capaz de sepultar a ordem imperial.” (VIEIRA; FARIAS, 2007, p. 75)

Ainda citando Vieira; Farias, esta fase (1930-1937) foi marcada pela instabilidade política motivada por conflitos de interesses de facções revolucionárias.

Os tenentistas reivindicando sua permanência até a realização de alterações radicais na ordem social. Os constitucionalistas, formados por conservadores e moderados, exigindo uma constituição como estratégia para refrear o processo de centralização em vigor. Finalmente, mantém-se no poder através do golpe de Estado de 1937 que culminaria no Estado Novo, regime declaradamente autoritário. (VIEIRA; FARIAS, 2007, p. 87)

Diante dessa ebulição de ideias políticas contraditórias iam chegando ao Brasil vários imigrantes em busca de terras férteis e produtivas, como veremos a seguir.

2.3 Brasil: paraíso de terras férteis e prósperas

E desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir do Egito para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mana leite e mel. (ÊXODO, 3: 8)

De acordo com a história oficial, entre 1887 e 1930, entraram no país 3,8 milhões de estrangeiros, assim distribuídos: italianos, 35,5%; portugueses, 29%; espanhóis, 14,6%; alemães, 3,7%. A partir de 1908 começaram a chegar os japoneses.

Dados do Museu do Imigrante em São Paulo mostram a grande quantidade de imigrantes que vieram ao Brasil nessa época, como se pode observar na tabela abaixo:

| Nacionalidade | 1888 | 1920 | 1940 |
|---------------|---------------|----------------|----------------|
| Portugueses | 9.853 | 167.198 | 155.251 |
| Japoneses | - | 24.435 | 128.957 |
| Italianos | 13.384 | 398.797 | 213.091 |
| Espanhóis | 1.003 | 171.289 | 121.162 |
| Alemães | 4.838 | 11.060 | 33.397 |
| Subtotal | 29.078 | 772.779 | 651.858 |
| Outros | 7.747 | 57.072 | 110.133 |
| Total | 36.825 | 829.851 | 761.991 |

Tabela 1: Entrada de imigrantes no Brasil⁸

Já foram abordados anteriormente os motivos dos alemães para imigrarem para o Brasil. Muitos foram estes motivos, entre eles o “convite”.

Os imigrantes eram convidados, através das propagandas a virem para o Brasil, que de acordo com tais propagandas era um verdadeiro paraíso, local ideal para os imigrantes progredirem financeiramente, terem um pedaço de terra e liberdade de expressão.

Era de interesse do Brasil que os imigrantes, principalmente europeus, se instalassem em terras brasileiras, para assim, contribuírem com a formação da identidade e cultura nacional. Em não havendo ainda no Brasil, até início do século XX um referencial de cultura brasileira, outros povos que já tinham cultura ajudariam a formar a brasileira. Silva aponta que “O Brasil era um país ainda sem um “povo”, e a solução encontrada para a formação desse povo foi a vinda de outros povos.

⁸ Fonte: Recenseamento do Brasil – 1920, 1940. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Censos demográficos do Estado de São Paulo de 1980 (In: SÃO PAULO, 2007)

A solução apresentada pelas elites brasileiras, desde meados do século XIX, encaminhou-se na defesa de uma política migratória que propiciasse o branqueamento da população, idéia que foi reforçada pelos sucessivos governos republicanos, com o argumento da necessidade de braços e da excelente qualificação moral e técnica do trabalhador europeu. Reverenciados inicialmente por uma idealização positiva engendrada com base em sua condição de estrangeiros brancos e europeus, portadores dos símbolos do progresso e da civilização, esses homens foram pensados mediante seus atributos culturais e pessoais, projetados nas suas características elementares da vida cotidiana, em seus hábitos alimentares e culturais, nos conhecimentos diversos e habilidades nas artes mecânicas, nas suas construções, nos modos de lidar com os desafios e na beleza de suas mulheres. (SILVA, 2008, p. 43)

Todo este processo, ainda segundo a autora, impôs uma “dupla representação: a desqualificação do nacional e o elogio ao imigrante europeu”. (SILVA, 2008, p.44)

Essa desqualificação do nacional, no início do século XX é traduzida pelas manifestações literárias da época, que expressam um sentimento negativo sobre o brasileiro. O personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, tornou-se o próprio símbolo do homem brasileiro, ou seja, caipira, simples e incapaz de exercer seus direitos de cidadão. “Lobato pensa o caboclo como uma praga nacional: funesto parasita da terra (...) homem baldio, inadaptável à civilização (...), responsabilizando-o pelos problemas da agricultura.”⁹

Freyre atribui à miscigenação males que comprometem a saúde e a eficiência dos brasileiros:

Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. (FREYRE, 2006, p. 33)

Propagandas publicitárias da época também revelam as representações que se tinham acerca da figura do Jeca Tatu e do homem brasileiro.

⁹ Disponível em: <http://reda-umquestodeestilo.blogspot.com/2009/03/jeca-tatu-monteiro-lobato.html> Acesso em: 15 set 2009.



Figura: 1 – Propaganda de remédio para amarellão, veiculada na época – utilizando a personagem de Monteiro Lobato.¹⁰

Com a chegada do imigrante o perfil da sociedade brasileira, de certa forma, se transformou, dado que ao mesmo tempo em que assimilaram hábitos e costumes vigentes no Brasil, os estrangeiros contribuíram para modificar modos de agir, de pensar, de se alimentar e se divertir da população que aqui vivia, transformando-se em um dos componentes de nossa formação como povo.

Silva destaca que o cidadão republicano foi sendo modelado segundo o padrão cultural europeu, o cidadão ideal para se integrar a população do país deveria ser branco e cristão, os povos que não eram condizentes com essas características culturais eram rejeitados. (SILVA, 2008, p. 48)

Ribeiro aponta que a origem da palavra cidadão vem da raiz latina *civitas*, ou seja, habitante da cidade, e está ligada à ascensão da burguesia e do capitalismo. Assim, “o ser cidadão permaneceu como sinônimo de sujeito participante do desenvolvimento, do progresso, da urbanização, do moderno (RIBEIRO, 2001, p. 63-4) E os europeus representavam os cidadãos que bem se enquadrariam ao modelo desejado para fazer parte do Brasil republicano.

Sabe-se que juntamente com esta imigração oficial planejada e desejada, vieram também para o Brasil outros contingentes de imigrantes, sendo eles provenientes de países do Oriente Médio, como turcos, judeus, sírios e libaneses. Ressalta-se ainda os imigrantes

¹⁰ Disponível em: < <http://outroladodanoticia.files.wordpress.com/2008/12/aaaamonteiro1.jpg> > Acesso em 15 set 2009.

japoneses, que vieram em grande quantidade, a partir da década de 1920, destinados às lavouras de café.

Recorrendo ainda ao trabalho de Silva para tratar dos valores que definiam a sociedade brasileira da época, é importante ressaltar que um dos pré-requisitos para a cidadania brasileira era o pleno domínio da língua portuguesa.

Essa exigência, certamente, atingia todos os grupos que chegaram ao país, pois, ao longo das primeiras décadas do século XX, seus interesses e estratégias definiam-se por meio de canais próprios, de atuação política e de sociabilidade, tais como clubes, imprensa própria, escolas na língua mater e associações. Essa situação só será alterada na década de 1930, com a proibição de escolas estrangeiras “no âmbito das colônias” e a exigência de domínio da língua portuguesa para todos aqueles que optaram pela cidadania brasileira. (SILVA, 2008, p. 58)

Esta preocupação com a identidade brasileira e a crença de que é a escola pública a formadora de novos cidadãos republicanos, deram início a partir da década de 30 a uma série de medidas que proibiam o uso da língua materna por parte dos imigrantes, em todas as esferas da sociedade, principalmente na escolar. “Estava assim forjada a nova nacionalidade.” (SILVA, 2008, p.59)

Dessa forma, é possível inferir que o interesse brasileiro em trazer imigrantes europeus, além de econômico, devido a necessidade de mão de obra diante do processo de industrialização, era também cultural. Havia um interesse muito grande em forjar uma nacionalidade e uma cultura brasileira e os europeus eram os povos ideais para esse objetivo. Como, então, atraí-los? Através das propagandas que mostravam o Brasil como um paraíso, onde era possível obter terras férteis e produtivas. O Brasil seria para esses imigrantes a própria terra prometida, como outrora Deus prometera a Moisés: uma terra fértil e espaçosa, onde mana leite e mel. (ÊXODO, 3:8)

No entanto, quando aqui chegaram a realidade era bem diferente. Nem todos prosperaram, nem toda terra era fértil e nem todos conseguiram espaço e liberdade de expressão, haja vista as condições políticas e econômicas que existia no país, principalmente a partir da década de 30 com as medidas nacionalizadoras de Vargas. Este assunto será retomado no capítulo 4, o qual tratará sobre a Escola Alemã da Colônia Riograndense.

A seguir serão abordadas as questões educacionais que permeavam o Brasil nas décadas de 20 e 30. Como o sistema escolar era organizado e entendido na época? Qual era a demanda escolar? Qual era a filosofia educacional nas primeiras décadas do século XX? Havia escolas para todos? Essas indagações serão apontadas e discutidas adiante.

2.4 A Educação Brasileira – escola para todos ou todos sem escola?

Abordar a história da educação brasileira é imprescindível nesse trabalho que tem como temática A EDUCAÇÃO ALEMÃ DA COLÔNIA RIOGRANDENSE: 1922-1938 (MARACAÍ/CRUZÁLIA - SP). Embora se trate de um trabalho sobre a educação aos moldes alemães, dado esta colônia possuir sua própria escola, não se pode perder de vista as condições educacionais brasileiras da época da formação desta colônia. Sabe-se a questão educacional sempre foi muito importante para alemães, dado a cultura da qual provinham, conforme afirma Rambo (1994):

“Para se compreender devidamente a importância atribuída à escola pelos imigrantes teuto-brasileiros, católicos e luteranos, é necessário remontar ao passado milenar da formação histórico-cultural, da qual emergiram esses colonizadores (...). (...) Foram herdeiros de um rico e vasto arsenal de tradições culturais, sociais, políticas, econômicas, artísticas e religiosas, arduamente elaboradas, durante séculos.” (RAMBO, 1994, p. 8)

No entanto, para entendermos ainda mais este fato, se torna necessário conhecer a educação que o Brasil oferecia a estes povos imigrantes e mesmo para a sociedade brasileira. Assim, compreendendo a realidade do Brasil, pode se inferir o por quê desses colonos, alemães e descendentes, da Riograndense, não medirem esforços para construir sua própria escola em meio à mata. Dessa forma, apresento então, um pequeno recorte na história da educação do Brasil, nas décadas de 20 e 30.

Ribeiro aponta que

A forma como a sociedade influi no sistema educacional de um país pode ser observada sempre que se inicia um período de transformações e o sistema de educação existente já não atende às novas necessidades sociais criadas. A justificativa para a ampliação ou transformação do sistema de ensino varia de acordo com as condições políticas, sociais e econômicas vividas naquele momento. (RIBEIRO, 1999, p. 15)

A década de 1920 caracteriza-se como uma educação ainda ligada aos moldes do império. Tendo a Reforma Rocha Vaz, em 1925, como a “última tentativa do período no sentido de instruir normas regulamentares para o ensino”. (RIBEIRO, 1999, p. 15-16)

Até o final da década de 1920, as camadas dominantes, no Brasil, organizaram o ensino de forma fragmentária, com o objetivo de servir e alimentar seus próprios interesses e valores, tomado o país como um todo, e ideal, considerado o modelo proposto de educação.

“Isso se deu mesmo quando essas camadas deixaram de ser as únicas a procurar a educação escolar.” (ROMANELLI, 1993, p. 30)

Até a década de 30, o sistema educacional da elite brasileira, era um sistema particular de ensino secundário, de caráter acadêmico e intelectualista, conforme o sistema francês de ensino, além das grandes escolas de profissões liberais, estas, em sua maioria, públicas e gratuitas. No entanto, para o povo, havia poucos lugares nas escolas primárias públicas, de onde poderiam estes poucos alunos se dirigir às escolas normais e técnicos profissionais, estas mantidas em sua quase totalidade pelo poder público e, portanto, gratuitas.

Romanelli esclarece que um dos fatores que influenciam as escolhas da população pela busca de escolas é a herança cultural, dado que essa herança que determina o valor da educação, o valor da escola para determinado povo. A autora ainda argumenta:

Numa perspectiva social, a educação escolar pode ser considerada uma necessidade que gera uma demanda capaz de determinar uma oferta. Mas, nessa mesma perspectiva, fatores como a herança cultural, a ordem política e o próprio sistema econômico podem atuar de forma que orientem a demanda social de educação e controlem a oferta de escolas. (ROMANELLI, 1993, p. 26)

Assim, um agravante para o fato de se ter uma escola para poucos, no final da 1ª República, era o predomínio das populações estabelecidas na zona rural, o que determinava a demanda escolar, no decorrer do período. Romanelli esclarece:

Para uma economia de base agrícola, como era a nossa, sobre a qual se assentavam o latifúndio e a monocultura e para cuja produtividade não contribuía a modernização dos fatores de produção, mas tão-somente se contava com a existência de técnicas arcaicas de cultivo, a educação realmente não era considerada como fator necessário. Se a população se concentrava na zona rural e as técnicas de cultivo não exigiam nenhuma preparação, nem mesmo a alfabetização, está claro que, para essa população camponesa, a escola não tinha qualquer interesse. (...) para a grande massa composta de populações trabalhadoras da zona rural, a escola não oferecia qualquer motivação. (ROMANELLI, 1993, p. 45)

A autora explica que a falta de escolas no campo se dava por não haver interesse por parte dos camponeses em relação a educação, não havendo demanda, não havia preocupação por partes dos governantes. Assim, o modelo de ensino brasileiro existente na época não penetrava profundamente a grande camada popular, se caracterizando como uma educação de elite, já que a educação não atingia senão os filhos de pais em boa situação econômica na sociedade.

O depoimento de Afrânio Peixoto referenda o caráter excludente da educação no início do século XX:

“Sobre a formação das elites (...) no Brasil se está processando a seleção dos incapazes feita pelo ensino secundário; na escola primária o filho do rico, irmanado com o pobre, são bons e maus alunos, mas como os pobres são infinitamente mais numerosos, se tem numerosos alunos maus, tem também muitos bem dotados: digamos, se em 10 ricos há um aluno inteligente, em 90 pobres haverá 9 alunos iguais a esse rico (...) Vai começar o ensino secundário. Mas o pobre não pode frequentá-lo.; o liceu, o ginásio, o colégio custam caro. Os 90 pobres vão para as fábricas, para as lavouras, para a mão-de-obra. Os 10 ricos, esses farão exames, depois serão bacharéis, médicos, engenheiros, jornalistas, burocratas, políticos, constituirão a elite nacional; (...). Mas como nesses 10 apenas 1 é inteligente, essa ‘elite’ tem apenas 0,1 de capacidade” (RIBEIRO, 2000, p.88)

Romanelli também aponta que o caráter seletivo da escola, antes de 30, tinha uma razão de ser na ordem social aristocrática e patriarcal, dado que o sistema tentava responder às pressões da demanda com a criação de mais escolas, porém, sem mudar a estrutura da mesma, o que acabou criando condições para sua própria ruína. Não podendo conter a demanda, e sem poder responder às novas necessidades do desenvolvimento econômico, o sistema buscou defender-se e sobreviver à custa da “seletividade que era a marginalização de significativa parte da população.” (ROMANELLI, 1993, p.102)

Desde as primeiras décadas do século XX, os rumos da educação do país estiveram na pauta de discussão de vários setores organizados da sociedade. Dentre eles temos a Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, com a função de promover debates em torno da questão educacional; a influência da Escola Nova e seus defensores, movimento que se empenhou em dar novos rumos à educação, questionando o tradicionalismo pedagógico, e ainda os embates da Igreja no seu confronto com o estabelecimento de novos modelos para a educação. Todos esses movimentos que tiveram a educação como meta tornam evidente a diversidade de interesses que abrangia a educação escolarizada.

A Escola Nova se expressava através do discurso pedagógico liberal, e significava um movimento de renovação escolar, oriundo das mudanças no processo de desenvolvimento capitalista, que apresentava novos valores, necessitando, segundo seus defensores, de uma renovação da escola.

Saviani salienta que na década de 1920, o clima de ebulição social no campo educacional, tinha de um lado as forças do movimento renovador, ou seja, o grupo dos Pioneiros da Educação Nova, impulsionado pelos ventos modernizantes do processo de industrialização e urbanização; de outro lado, a Igreja Católica, que procurou recuperar terreno organizando suas fileiras para travar a batalha pedagógica.

Essas duas forças desempenharam um papel de relativa importância como dispositivos de sustentação do “Estado de compromisso”, concorrendo, cada uma à sua maneira e independentemente de seus propósitos explícitos, para a realização do projeto de hegemonia da burguesia industrial. (SAVIANI, 2008, p. 193)

De acordo com Saviani no período compreendido entre 1932 e 1947, as ideias pedagógicas no Brasil foram marcadas por um equilíbrio entre a pedagogia tradicional, representada pelos católicos, e a pedagogia nova, e cita as repercussões desse período:

Um equilíbrio tenso, em algumas circunstâncias, quando eram assacadas virulentas acusações de modo especial por parte dos católicos contra os escolanovistas; ou quando se tramavam nos bastidores políticos indicações e vetos de nomes para compor os quadros de pessoal docente e administrativo. (SAVIANI, 2008, p. 271)

As ideias contidas no Manifesto dos Pioneiros eram a ampliação da educação pública, a gratuidade, o ensino laico, a obrigatoriedade e a igualdade de direito, de gênero à educação, o ensino descentralizado a partir da realidade, foram o foco principal das lutas pela transformação do sistema escolar vigente.

Nesse contexto, Romanelli esclarece que “a campanha em torno da escola pública foi uma campanha que, crescendo de intensidade na época, visava, antes de tudo, a concretização de um dos princípios máximos do movimento: o do direito de todos à educação.” (ROMANELLI, 1993, 142)

O manifesto sugere em que deva consistir a ação do Estado, reivindicando a laicidade do ensino público, a gratuidade, a obrigatoriedade e a co-educação. Reconhecendo pertencer ao cidadão o direito vital à educação, e ao Estado o dever de assegurá-la e assegurá-la de forma que ela seja igual e, portanto, única para todos quantos procurem a escola pública, é evidente que esse direito só possa ser assegurado a todas as camadas sociais, se a escola for gratuita. (ROMANELLI, 1993, p. 147)

Saviani também cita que o ideal da Escola Nova envolvia três aspectos: escola única, escola do trabalho, escola-comunidade. (SAVIANI, 2008, p.213)

Assim, com Romanelli podemos inferir que as mudanças sociais e econômicas ocorridas no país, refletiram no sistema educacional brasileiro, possibilitando, a partir de 1930, a expansão do ensino por meio de uma demanda efetiva. Porém, essa expansão foi insuficiente e de certa forma caminhou no sentido inverso ao das necessidades criadas, acentuando ainda mais a defasagem existente entre a educação e esse desenvolvimento. “Em consequência, a educação escolar acabou por desempenhar papel conservador e alienante, na ordem social e econômica heterogênea, que é a brasileira.” (ROMANELLI, 1993, p. 125)

Segundo Ribeiro,

Os movimentos educativos ocorridos nesta época estavam estreitamente vinculados com objetivos de caráter político, servindo de instrumento de disputa pelo poder entre os grupos dominantes da sociedade. O sistema de ensino, quando não pertencia ao Estado, ligava-se às classes dominantes, cujos interesses sempre coincidiam com os daqueles que detinham o poder político, pois os movimentos educativos necessitavam de recursos que só podiam ser oferecidos pelo poder dominante. (RIBEIRO, 1999, p. 17)

A Era Vargas (1930-1945) é marcada por algumas dessas reformas e movimentos, os quais trouxeram mudanças formais e substanciais na educação escolar do país. Além do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, duas reformas desempenharam importante papel no campo educacional, a Reforma Francisco Campos e a Reforma Gustavo Capanema.

Vargas cria um novo ministério - da Saúde e Educação – que tinha como dever o estudo e o encaminhamento de assuntos relacionados ao ensino, bem como aqueles referentes à saúde pública e à assistência hospitalar. Esse Ministério foi criado com poderes amplos e com controle sobre o setor educacional. Logo que surge, executa como uma das primeiras realizações a reforma conhecida como Reforma Francisco Campos, que se tornou efetiva através de uma série de decretos que tinham como objetivo: criação do Conselho Nacional de Educação, organização do ensino superior no Brasil e adoção do regime universitário, organização da Universidade do Rio de Janeiro, organização do ensino secundário, restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas, organização do ensino comercial, regulamentação da profissão de contador.

À Reforma Francisco Campos é dado o mérito de, pela primeira vez, ser colocada em prática no sistema educacional brasileiro uma estrutura organizada ao ensino secundário, comercial e superior, que foi imposta a todo o sistema educacional do país, dando início à ação objetiva do Estado na Educação.

O decreto que instaurou o ensino religioso nas escolas públicas causou muitas polêmicas na época, dado que Francisco Campos era um dos ideários da Escola Nova, e um de seus ideais era de que a escola deveria ser laica.

Por meio deste decreto o novo ministro atendeu a uma insistente reivindicação da Igreja Católica. Qual o significado dessa aliança? Como explicar que um adepto do escolanovismo, ao assumir o posto de autoridade máxima dos assuntos educacionais da República, tenha tomado medida em benefício da Igreja Católica? (SAVIANI, 2008, p. 196)

No entanto, Fausto considera que a aliança com a Igreja Católica compreende-se pelo fato de que Francisco Campos vinha se aliando com o pensamento autoritário dos representantes católicos. O autor ainda afirma que o próprio Getúlio Vargas chegou a afirmar que sua diretriz governamental se assemelhava ao “direito corporativo ou organização das classes promovidas pelo fascismo, no período da renovação criadora que a Itália atravessa.” (FAUSTO, 1981, p.110)

Dessa forma, o ponto alto das reformas educacionais empreendidas por Campos e Capanema traz a marca do pacto com a Igreja Católica costurado por Francisco Campos na década de 1930.

O ideário de Francisco Campos perpassava pela crença de que a reforma da sociedade se concretizaria a partir da reforma da escola, da formação do cidadão e da produção e ainda pela modernização das elites, evidenciando assim, o papel posto às elites de decidir os rumos da educação para os demais.

As medidas adotadas por Francisco Campos trouxeram à tona a forma do novo governo de tratar a educação, ou seja, a educação passa a ser vista como questão nacional, “convertendo-se, portanto, em objeto de regulamentação, nos seus diversos níveis e modalidades, por parte do governo central.” (SAVIANI, 2008, p. 196)

A Reforma Capanema continuou com a tendência que já vinha sendo aplicada por Francisco Campos, tendência também encontrada nos princípios da Constituição de 1937, que evidenciava a dualidade do sistema de ensino brasileiro, ou seja, um ensino secundário público destinado às elites brasileiras e um ensino profissionalizante oferecido à formação da classe trabalhadora.

Capanema, concretiza, a reforma de Francisco Campos, relacionada ao ensino secundário, caracterizando-o como um tipo específico de ensino, com objetivos, currículo e organização próprios. Assim, as Reformas do Ensino Secundário, postas por Francisco Campos (1931) e Capanema (1942), reforçaram a dualidade quanto à formação profissionalizante e a função preparatória ao ensino superior, reafirmando a segunda.

No entanto, mesmo diante de tais reformas e mudanças educacionais ocorridas nas décadas de 20 a 30, a educação rural sempre ficou a margem do processo, e vemos seus reflexos até os dias atuais.

Bezerra Neto que revela que a educação rural encontra sérios problemas em vários aspectos:

A problemática da educação na zona rural é tão séria que, em 1988, Marcela Gajardo (1988:9) afirmava que a zona rural apresenta o maior índice de carências, quer no aspecto quantitativo, quer no qualitativo, pois a falta de equipe adequada, a menor carga horária e a inadequação do currículo tem levado a um alto índice de evasão e repetição dos alunos nesse setor.

Em estudo da Cepal, de 1982, ficou comprovado que o analfabetismo na América Latina é um fenômeno fundamentalmente rural, já que nos anos 70, por exemplo, 31,1% dos analfabetos estavam na zona rural, enquanto que nas zonas urbanas esse número caía para 7,6% (Gajardo 1988:14). (BEZERRA NETO, 1998, p. 78)

Tendo em vista os apontamentos a cerca da história da educação no Brasil, acima percorridos, mesma diante de mudanças e transformações em prol da democratização do ensino, e da escola para todos, como sonhara os escolanovistas, esta realidade ainda é distante, principalmente quando se diz respeito a zona rural.

Na década de 20, época da formação da Colônia Riograndense a situação ainda era mais grave. Na zona rural não havia sequer interesse em ter escolas, nem por parte dos camponeses, como salientou Romanelli (1993) e menos ainda por parte dos governantes.

Encontrando este contexto, os imigrantes e seus descendentes que vieram para a Colônia Riograndense, mesmo tendo que derrubar matas, logo trataram de construir sua escola. Era o cenário perfeito para construir uma nova pátria, porém tendo seu idioma como língua materna.

Estas questões serão abordadas a seguir, no capítulo 3, sobre a formação da Colônia Riograndense e no capítulo 4, sobre a Escola Alemã dessa colônia.

CAPÍTULO 3:
UMA COLÔNIA DE ALEMÃES NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

3.1 A formação da Colônia Riograndense

Alguns partindo da Alemanha, outros da Áustria, da Suíça, de outros países da Europa. Havia os que estavam no Brasil há anos, em colônias alemãs do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Paraná, e mesmo de outras partes do estado de São Paulo, que já tinham vindo da Europa em outras levas de imigrantes ou eram filhos destes. Embora de lugares diversos, tinham em comum a língua alemã e um desejo: Prosperar!

Foi com este ideal – prosperar (no sentido econômico - ter um pedaço de terra e ideológico - liberdade de ideias) que em 1922 muitos imigrantes e migrantes chegaram até a Colônia Riograndense.

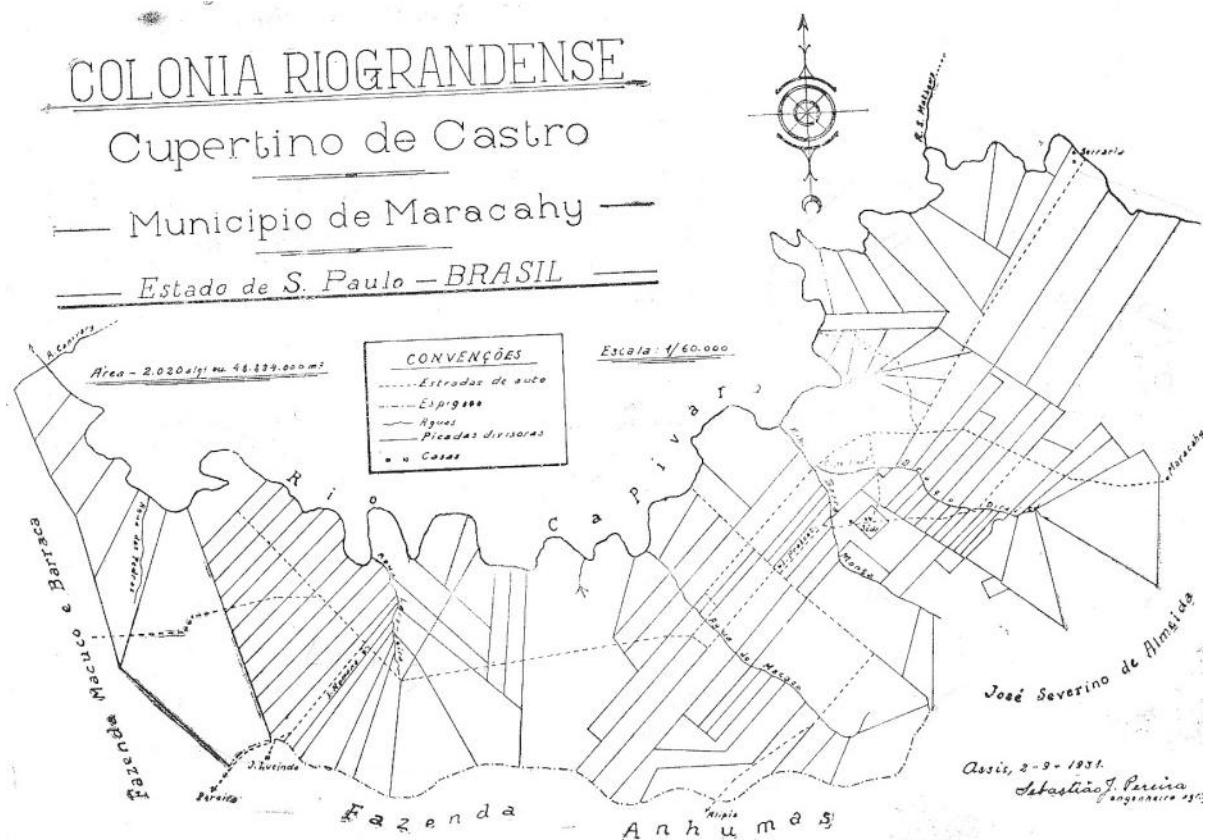


Figura 2: Primeiro mapa do loteamento da Fazenda Capivara do Capitão Alfredo Antunes. Projeto entregue ao seu sobrinho Cupertino de Castro. Década de 20.

A Colônia Riograndense¹¹, embora seu nome remeta a ideia de estar situada no Rio Grande do Sul, é uma colônia rural, fundada em 1922, no interior do Estado de São Paulo, na região de Assis, entre os municípios de Maracá e Cruzália.

¹¹ Localiza-se a cerca de 500 km de São Paulo. A chegada a essa Colônia, no sentido Capital – Interior de São Paulo se faz pela Rodovia Raposo Tavares – SP 270, até o trevo da cidade de Maracá, a partir daí pela Rodovia Michel Lamb – SP 435, a Colônia Riograndense se inicia no km 14.

Depois de 1918, chegaram ao extremo Oeste do Estado de São Paulo, junto à confluência dos rios Paraná e Paranapanema, imigrantes alemães que deram origem a colônias próximas de Presidente Prudente, como Quellental, Aimoré e Costa Machado, e outras situadas na região da cidade de Assis, como Wolhynia e Colônia Riograndense.

Entre eles estavam burgueses arruinados, trabalhadores sem emprego e militantes políticos. Havia também operários qualificados, artesãos, médicos, engenheiros e comerciantes. (SÃO PAULO, 1997, p. 28)

A origem desta colônia está ligada à Empresa Colonizadora Otto Isernhagen e Co. que trouxe os alemães da Europa, e também ao riograndense Michel Lamb¹², que de acordo com Oberacker Jr foi um dos primeiros colonos a chegar neste lugar. “Dieser erste Kolonist in Riograndense war der 1941 bereits verstorbene Koloniegründer Michel Lamb, ein Deutschstämmiger aus Feliz im Munizip Caí im Staat Rio Grande do Sul¹³. (OBERACKER, 1965, p. 373) A denominação de Colônia Riograndense está relacionada à grande influência dos colonos do Rio Grande do Sul.

De acordo com Félix, alguns “documentos revelam que “Michael Lamb” foi mesmo um dos pioneiros mais importantes da região”, dado ao número de conterrâneos que atraiu para a Fazenda Capivara, reforçando sua denominação como riograndense. Félix aponta também, que além de Michael Lamb, ainda se destacam como mentores do projeto de colonização:

[...] o proprietário da Fazenda Capivara, Capitão Alfredo Antunes de Oliveira e seu sobrinho, Cupertino de Oliveira Castro. Seus nomes aparecem em documentos forenses e foram amplamente citados em depoimentos de inúmeros colonos alemães... (FÉLIX, 1997-1998, p.132)

Alfredo Antunes de Oliveira, proprietário da Fazenda Capivara, decidiu lotear suas terras, assim, designou para isso o seu sobrinho e sócio Cupertino de Castro, fundando em 20 de junho de 1919, a empresa Cupertino de Castro e Cia., que previa, além do loteamento das terras, promover a criação e engorda de suínos, a formação de pastagens e a fiscalização da fazenda. Cupertino de Oliveira Castro tinha total liberdade de escolha para abertura da fazenda.

Assim, decidido a lotear 2.000 alqueires da Fazenda, Alfredo Antunes firmou contrato de promessa de venda, compra e loteamento, em 16 de fevereiro de 1922, com a Empresa Colonizadora Isernhagen & Malves. Cupertino passa a ser o Administrador dos

¹² Michael Lamb nasceu em 21 de novembro de 1879, em São Sebastião do Caí-RS. Instalou-se na Colônia Riograndense em Agosto de 1922, junto com a esposa, dez filhos e dois irmãos com suas respectivas famílias.

¹³ Este primeiro colono riograndense foi Michael Lamb, um descendente de alemães de Feliz, Município de Caí no estado do Rio Grande do Sul, que morreu em 1941, como fundador da colônia. (FELIX, 2000, p.7)

negócios de seu tio. Com o projeto, a Fazenda passa a ser loteada por Gustav Isernhagen, enquanto seu irmão Otto realiza viagens para os negócios imobiliários. Dessa forma, a Colônia Riograndense começa a se formar.

Während Gustav Isernhagen die Vermessung vornahm betätigte sich Otto Isernhagen als Landverkäufer und Werber. Er entfaltet in Deutschland eine umfangreiche Werbetätigkeit und brachte zahlreiche reichsdeutsche Auswanderer Ende der zwanziger Jahre nach der Kolonie Riograndense. (OBERACKER, 1965, p. 375)¹⁴

Michael Lamb chegou ao lugar em 1922, quando tudo ainda era mato. Herta Weissheimer, sua sobrinha, ao lembrar sua história pessoal e a história de sua família, narra “Meus pais entraram lá em 1922 e eu nasci em 1924, e era só mato. Eu vi o começo da Colônia”. Anos mais tarde, em 1928, Lamb expandiu seu domínio comprando a fazenda de Elísio Galvão, uma área de terra anexa à colônia, fazendo também o seu projeto de colonização. A esta nova área adquirida passou a chamar de Colônia Riograndense Galvão, posteriormente de Nova Riograndense. Muitos descendentes de alemães oriundos do Rio Grande do Sul e alguns com laços parentesco se estabeleceram neste lugar. “Quando toda a gleba da Barra Mansa e redondezas já estavam vendidas, o meu tio comprou a fazenda do Elísio Galvão e colonizou tudo aquilo para os gaúchos”. (Weissheimer, 2005)



Figura 3: Michael Lamb (ao centro segurando uma criança) e sua família na Colônia Riograndense. Década de 20.

¹⁴ Enquanto Gustav Isernhagen efetuava a medição das terras, Otto Isernhagen trabalhava como vendedor e divulgador imobiliário. Ele desenvolvia na Alemanha uma atividade rica em propaganda e trazia inúmeros imigrantes no final dos anos 20 para a Colônia Riograndense. (Tradução da Autora)

Thomson (1997) ressalta que “o processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história.” Identificamos, ao narrar uma história, o que pensamos que éramos no passado, o que somos no presente e o que desejamos ser no futuro. Segundo o autor, as histórias lembradas não representam exatamente o passado, mas traz aspectos do mesmo e “os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.” (THOMSON, 1997, p. 57)

As histórias rememoradas, ou seja, as memórias utilizadas na descrição dos acontecimentos desta colônia são úteis não só porque nos contam o que o povo fez, mas porque a partir da memória o sujeito nos conta, como diz Portelli, “o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que pensa que fez”. (PORTELLI, 1997, p.31)

Dessa forma a história que estamos reconstruindo evidencia não só aquilo que os documentos oficiais nos apontam, mas também o que é posto pelos diversos sujeitos que vivenciaram estes fatos.

Os lotes de terra da Fazenda de Alfredo Antunes eram comercializados por Otto Isernhagen em áreas de colonização alemã do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, do Espírito Santo, Paraná, além de outras regiões do Estado de São Paulo e também na Alemanha, na Áustria, na Suíça e em outros países europeus. Além disso, ainda comercializava esses lotes com imigrantes que ainda se encontravam na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo.

Isernhagen foi considerado “um vendedor de sonhos”, já que fazia de certa forma propaganda enganosa a cerca dos lotes de terra a venda. Como se pode notar abaixo nos anúncios publicados em jornais veiculados em Língua Alemã, da época:

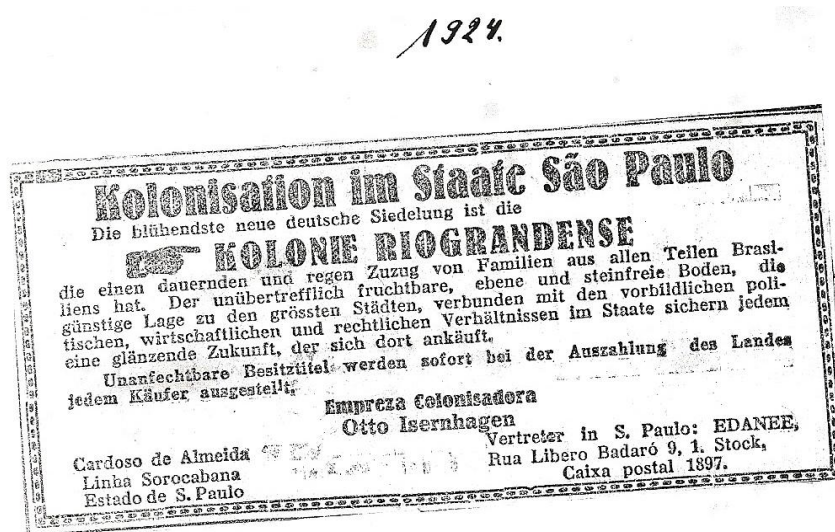


Figura 4: Propaganda¹⁵ publicada em Jornal de veiculação em Língua Alemã sobre a Colonização da Colônia Riograndense. Década de 20.

¹⁵ COLONIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO. A nova colonização alemã em pleno florescimento é a COLÔNIA RIOGRANDENSE, que tem um permanente e contínuo acesso de famílias de todas as partes do



Figura 5: Propaganda¹⁶ publicada em Jornal de veiculação em Língua Alemã sobre Colônia Riograndense. Década de 20.

De acordo com tais propagandas quem comprasse os lotes já encontraria solo bom e fértil, e na verdade, embora o solo realmente fosse fértil, esses lotes de terra ainda não se passavam de florestas fechadas. Ressalta-se que a Fazenda Capivara não era plana e nem sem pedras, como sugeria a propaganda, mas ao contrário, era a nascente de vários ribeirões afluentes do Rio Capivara e um dos locais mais acidentados na região. Daí, a mentira, a propaganda enganosa e a persistência em afirmar que se tratava de terras planas, e consequentemente fáceis para o uso.

Brasil. O solo com insuperável fertilidade, plano e sem pedras, a localização em relação as grandes cidades, somadas aos contatos políticos, econômicos e jurídicos exemplares no estado, asseguram um futuro brilhante a todos os que adquirirem um lote. Incontestáveis títulos de propriedade são emitidos aos compradores imediatamente na hora do pagamento da terra. (Tradução da autora. Fonte: Instituto Martius-Staden, São Paulo/SP)

¹⁶ COLONIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO. Localizada na mais fértil das regiões, com solo plano e sem pedras, a COLÔNIA RIOGRANDENSE, enquanto nova colonização puramente alemã em pleno florescimento, oferece a melhor garantia para desenvolvimento seguro e futuro tranqüilo, tanto a agricultores recém-chegados da Alemanha, quanto aos aqui estabelecidos a algum tempo, como comprovado pelos que já estão instalados aqui a mais de dois anos. - Incontestáveis títulos de propriedade são emitidos imediatamente aos compradores. (Tradução da autora. Fonte: Instituto Martius-Staden, São Paulo/SP.)

Como pode ser inferido a partir destas imagens, das quais faço uso considerando-as não como meras ilustrações, mas como fonte histórica completa, pois elas sempre têm algo a nos revelar, imagens que se traduzem por si só.



Figura 6: Primeiros colonos abrindo as florestas para fixarem suas moradias. Década de 20.

Além disso, havia o problema da escritura das terras, Sommer afirma que quando os primeiros resultados da propaganda foram notados, um dos proprietários obrigou os colonos a defenderem seus direitos à área que lhes pertencia, através de processo, devido a dúvidas e inquietações dos colonos em relação a indefinição de propriedade.

[...] als sich die ersten Erfolge der veranstalteren Werbung bemerkbar machten, trat ein anderer angeblicher Besitzer auf den Plan und zwang den Eigentümer der Fazenda Capivara seine Ansprüche auf die dazu gehörigen Ländereien in einem Prozesse zu verteidigen. Wie an anderen Stellen, so wurden auch hier strittige oder unklare Besitzverhältnisse Unruhe und Zweifel in die Reihe der Siedler oder Siedlungslustigen getragen.¹⁷ (SOMMER, 1945, p. 659)

Otto Isernhagen, além das propagandas enganosas que fazia a cerca do Brasil e da Colônia Riograndense, não repassava o dinheiro que recebia dos colonos ao verdadeiro dono das terras, o Capitão Alfredo Antunes, e conseqüentemente esses colonos não conseguiam obter a escritura de compra e venda desses lotes. Diante disso, o Capitão Antunes se viu obrigado a encerrar o contrato com a empresa de Isernhagen. Embora muitos colonos tenham obtido sucesso na aquisição de seu lote de terra, alguns tiveram que pagar duas vezes pela

¹⁷ Quando se notavam os primeiros resultados da propaganda realizada, entrou em cena um provável proprietário que obrigou, mediante processo, os então colonos a defenderem seus direitos à área que lhes pertencia. Assim como em outras localidades, aqui também houve dúvidas e inquietações dos colonos e pretendentes através de relações conflituosas e de indefinição da propriedade. (FÉLIX, 2000, p. 54-6)

terra e outros se viram obrigados a sair do lugar e voltar para a sua terra de origem ou se instalar em outra região qualquer.

Em relação às negociações dos lotes de terra, Braun ressalta que “Cada colono adquiria seu lote de terra através da compra, que seria parcelada conforme a negociação e também mantinha seus próprios meios de produção, ou seja, a mão de obra familiar.” (BRAUN, 2003, p.15-16).

Como já fora citado anteriormente, os colonos tiveram que abrir a mata fechada para construir suas primeiras moradias, as quais eram bem simples e precárias. Como podemos observar nas imagens a seguir:



Figura 7 – Primeiras moradias. Década de 20.

Wrede remete-nos, a partir de suas memórias, às imagens de como as primeiras casas eram feitas:

A maioria das casas era assim: cortavam toras e faziam as telhas de cedro, e as casas de coqueiro. Partiam o coqueiro, o limpavam e depois amarravam com cipó, alguns, quem podia comprar amarravam com arame, mas outros eram com cipó mesmo. (WREDE, 2005)



Figura 8 – Primeiras moradias. Década de 20.

Essas fotos das primeiras moradias mostram as dificuldades estruturais que os primeiros moradores da Colônia Riograndense encontraram, uma vez que tudo ainda era mato quando estes pioneiros chegaram. Tinham de abrir a mata para poderem fixar suas casas, para fazer estradas e deixar as terras próprias para o cultivo. Weissheimer lembra-se sobre a abertura das estradas de acesso a Colônia:

Sempre existiu uma dúvida sobre as estradas da colônia, porque as estradas que passam lá na Água do Macaco, que vem de Laranjeiras e vai pra Anhumas, essa estrada, eu lembro muito bem que os colonos fizeram no meio do mato, só com boi, meu tio mandou um empregado com uma junta de boi e meu pai mandou meu irmão com outra junta de boi e bastante funcionários, empregados com traçador pra cortar as árvores e tudo pra limpar (...). Até hoje eu sei o nome dos bois que foram puxar as toras pra limpar essa estrada. (WEISSHEIMER, 2005)

Esta imagem pode mostrar uma estrada sendo aberta pelos colonos, suas ferramentas são todas manuais.



Figura 9: Desbravadores abrindo estradas. Década de 20.

A propaganda sobre a Colônia Riograndense já estava feita e muitos imigrantes continuavam em seu destino.

Em 1923 a família de Dorotéia Renk, natural de Heber (Alemanha), com dificuldades propiciadas pela Primeira Guerra Mundial, e entusiasmada com a propaganda que se fazia sobre o Brasil e sobre a Colônia Riograndense se despede dos conterrâneos e parte para o “paraíso”. Seu diário, escrito durante a viagem Alemanha-Brasil e sua estadia na Colônia Riograndense nos aponta não só a memória de uma mulher guerreira e cheia de fé, mas também a memória coletiva de toda uma geração de imigrantes. A tristeza da despedida dos entes queridos e da pátria materna, que ela traduz em seus escritos, expressa também o sentimento contido no adeus de tantos outros imigrantes que assim como ela vieram ao Brasil

em busca de prosperar em uma nova terra. Lucila Neves considera que “a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo” (NEVES, 1998, p.527). Assim, as memórias de Renk representam as de muitos imigrantes e a saga de sua família é também a saga de tantas outras que foram se somando a esta comunidade de migrantes e imigrantes alemães.

8. Dezember 1923

Abfahrt aus Heber – Unter den Klängen des Posaunenchor von Heber haben wir den Wagen bestiegen. Fünf waren es an der Zahl. Sehr viele Bekannte hatten sich eingefunden zu einem letzten Händedruck. Es war ein schöner Abschied, aber schwer.

An (sic) Mittag waren wir in Soltau, und von da ging es weiter nach Bremen . Da sind wir in Leutheim geblieben bis zum 10. Dezember. Dann fuhren wir weiter nach Bremerhaven, und abends um 7 Uhr wurden wir eingeschifft. Abfahrt mit dem Dampfer “Werra” um 10 Uhr abends. (RENK, 1923-5)¹⁸

Segundo Lejeune, nas memórias o autor se coloca como testemunho de seu tempo, o objeto do discurso ultrapassa o indivíduo, e se torna a história dos grupos sociais e históricos aos quais ele pertence ou pertenceu (LEJEUNE, 1971, p. 15-6).

As memórias deixadas por Renk em seu diário descrevem desde a partida, a viagem no navio, até a chegada ao Brasil. No navio, assim como os sonhos de encontrar uma terra próspera e maravilhosa, nasciam crianças... “17. Dezember - ... Um 3 Uhr ging die Fahrt bei ruhigem, klaren (sic) Wetter weiter. Abends, ein kleiner Junge geboren.”¹⁹ (RENK, 1923-5)

No entanto, durante a viagem, havia também mortes. Renk fazendo alusão e, ao mesmo tempo refletindo sobre o fato, escreve: “Es ist schon wieder ein Kind gestorben und in das nasse Grab versenkt worden. Selig sind die Toten, die in dem Herrn sterben.”²⁰(RENK, 1923-1924)

¹⁸ 8 de dezembro de 1923. Partida de Heber – sob os sons do coro de Heber, entramos no carro. Éramos em cinco. Muitos conhecidos se encontravam ali para o último aperto de mão. Foi uma bela despedida, mas difícil. Na hora do almoço estávamos em Soltau e dali continuamos para Bremen. Em Leutheim ficamos até o dia 10 de dezembro. Então seguimos viagem para o porto da região de Bremen. À noite, às 7 horas, nos embarcamos. Partida com vapor “Werra”, às 10 horas da noite. (Tradução da autora)

¹⁹ 17 de dezembro de 1923. ... Às 3h, a viagem continuou sob um tempo tranquilo e claro. À noite, nasceu um menino. (Tradução da autora)

²⁰ Novamente morreu uma criança e foi afundada na sepultura úmida. Bem aventurados os mortos que descansam no Senhor. (Tradução da autora)

Termina o ano 1923. Também termina a viagem em alto mar. Em 1º de janeiro de 1924, o navio de imigrantes chega a Santos. Pose para o retrato.



Figura 10 – Viagem da Alemanha ao Brasil – início da década de 20. Navio que transportou os imigrantes que vieram à Colônia Riograndense.

Dorothea Renk registra a sua chegada ao Porto de Santos e as primeiras imagens que tem do Brasil.

1. Januar 1924

Jesus soll die Losung sein usw. Nun sind wir in Santos und werden ausgeschifft. Als wir auf die Straßen kamen, lagen an vielen Stellen die Kaffeebohnen so dick. Man konnte sie zusammenfegen. Dann wurden wir im “Hotel Europa” einquartiert, und nachmittags mußte das Gepäck durch den Zoll, und nach zwei Tagen ging es mit der Seilbahn nach São Paulo. Da wurden wir in ein Immigrantenhaus geführt.

²¹(RENK, 1923-5)

Para chegar ao lugar de destino ainda era preciso uma longa jornada. Viagem de trem. Trechos a pé e de carro de boi. Além disso, havia o calor e o sol quente.

5. Januar 1924

Zuerst mußten wir fünf Kilometer zu Fuß gehen, und dann der Lehm Boden! Das machte keinen Spaß, und dann die Hitze! Dann kam der Ochsenkarren, mit acht Ochsen gespannt. Da wurde Handgepäck aufgeladen und obendrauf die Frauen und kleine Kinder. Dann ging es durch tiefe Täler und über hohe Berge. Und die liebe Tropensonne brannte auf uns, bis wir um 3 Uhr in einem kleinen Dörfchen Halt machten und Kaffee tranken und etwas ausruhten. Da lagen schon welche auf dem

²¹ 01 de janeiro de 1924. Jesus deve ser a solução etc. agora estamos em Santos e vão nos desembarcar. Quando chegamos as ruas havia por toda parte uma espessa camada de grãos de café. Poder-se-ia amontoá-los com a vassoura. Então fomos alojados no “Hotel Europa” e à tarde nossa bagagem precisou passar pela alfândega, e depois de dois dias ela seguiu de trem para São Paulo. Lá fomos conduzidos para uma Casa de Imigrantes. (Tradução da autora)

Boden, die nicht mehr weiter konnten. Der Ochsenkarren konnte auch nicht mehr mitfahren.²²(RENK, 1923-5)

Junto a isso, ainda havia as dificuldades de adaptação com a comida local, como fica claro nesta citação do diário de Renk:

Da wurde es dunkel im Urwald. Mit Fackeln wurde der Weg beleuchtet, bis wir endlich den 6. Januar abends um 9 Uhr müde ankamen. Da wurde aufgetischt, aber nicht wie in Deutschland, sondern angebrannter Reis, in Wasser gekocht. Den andern Tag gab es Bohnen mit Reis, auch angebrannt. Da hatten wir alle genug.²³ (RENK, 1923-5)

Renk também registra as mortes ocasionadas por uma epidemia de tifo que afligiu os primeiros moradores da Colônia, entre eles uma de suas filhas.

Die Zeit ist vergangen. Jetzt haben wir November. - November - Emma und Martha haben hohes Fieber bekommen. Wir waren ohne ärztliche Hilfe. Nach vierzehn Tagen waren sie soweit klar und haben das Heilige Abendmahl genommen. Aber mit unserer lieben Emma verschlimmerte ese (sic) sich so sehr, daß wir nicht an Genesung denken könnten. Und sie ist am 13. Dezember eingeschlafen, fünf Monate nach unserem lieben Vater. Die beiden Kinder haben sehr geweint, aber Gott ist der Waisen Vater.²⁴ (RENK, 1923-5)

Pastor Knoch em seus escritos também relata essa epidemia de tifo e malária que houve na colônia,

[...]“eine gefährliche Typhus - und Malaria – Epidemie im Jahre 1925 verleidete manchem Siedler die neue Kolonie. Viele starben aber auch den schweren Kolonisten-Tod. Keine ärztliche Hilfe gag es hier, keine Lebensmittel, keine Medizin, keine richtige Wohnung: das war ein schwerer Beginn für unsere Gemeinden.”²⁵ (KNOCH, 1955)

²² 05 de janeiro de 1924. Primeiro tivemos que andar 5 km e então o trecho com barro. Não foi fácil e ainda o calor. E vinha o carro de bois, atrelado com oito bois. Ali colocou-se, então, a bagagem de mão e, em cima dela, as mulheres e as crianças. E assim foi, por vales e colinas. E o adorado sol dos trópicos queimou sobre nós, até que às 3 horas fizéssemos uma parada em um vilarejo, tomássemos café e descansássemos um pouco. Aí alguns já estavam estirados no chão sem poder continuar a caminhada. O carro de bois também não podia continuar daquele ponto. (Tradução da autora)

²³ Então, ficou escuro na mata. Com tochas o caminho iluminado, até que, finalmente, chegamos cansados no dia 6 de janeiro, à noite, às 9 horas. Puseram a mesa, mas não como na Alemanha, mas sim com arroz refogado, cozido em água. No outro dia houve feijão com arroz, também refogado. E aí já estávamos enjoados. (Tradução da autora)

²⁴ O tempo passou e agora estamos em novembro. – Novembro [1924] - Emma e Martha estão com febre muito alta. Nós não tínhamos assistência médica. Depois de quatorze dias elas estavam melhor e tomaram a hóstia sagrada. Mas, nossa querida Emma piorou muito, tanto que não conseguíamos mais pensar em melhora. E ela faleceu em 13 de dezembro, cinco meses depois do nosso querido pai. As duas crianças choraram muito, mas Deus é o pai dos órfãos. (Tradução da autora)

²⁵ Uma grave epidemia de tifo e malária no ano de 1925 desestimulou alguns colonos pela nova colônia. Mas muitos tiveram morte terrível. Não havia assistência médica, meios de subsistência, remédios e moradia adequada: foi um começo difícil para nossa comunidade. (Tradução da autora)

O pastor ainda afirma que neste começo difícil o que fortaleceu esta comunidade foi o fato dos corações se unirem e se sensibilizarem para caridade cristã, uma vez que todos tinham as mesmas necessidades.

O projeto inicial de colonização da Fazenda Capivara sofreu alterações profundas, inclusive com o desaparecimento da firma de Isernhagen & Malves, o próprio Michael Lamb organizou seu empreendimento similar. Comprou a fazenda de Elizio Galvão na direção do município de Cruzália, no alto, do Bairro da Estiva, terra totalmente plana, sem pedras, com madeiras de lei na floresta, tudo adequado para o grande negócio da ocasião, a produção de alfafa, e abriu novo projeto: A Nova Colônia Riograndense.

De acordo com Félix, de 1930 em diante o projeto de colonização de Cupertino e de Michel Lamb percorreram caminhos similares. Lamb tornou-se um grande líder na colônia, incentivou o cooperativismo, o cultivo de alfafa, montou prensas, abriu estradas, foi o responsável direto pelo sucesso dos alemães na região (FÉLIX, 1997- 1998, p.133).

Assim, considerando as memórias dos entrevistados sobre a Colônia Riograndense, selecionei alguns fragmentos dos mesmos sobre os nomes que consideravam mais importantes para o desenvolvimento da Colônia.

Weissheimer em suas memórias relembra:

O meu pai Gustavo Lamb, meu tio Michel Lamb (...). O meu tio trazia o Cônsul de São Paulo para visitar a Colônia, depois ele faleceu com cinqüenta e cinco anos. Já o meu pai foi o fundador da cooperativa. Ele e o Michel eram os cabeças de tudo. Primeiro era o Cupertino, também. Todo o pessoal que vinha da Alemanha direto para a colônia, se hospedava lá no Cupertino e os gaúchos que vinham do Rio Grande do Sul ficavam na nossa casa e na casa do tio Michel Lamb. Quando toda a gleba da Barra Mansa e redondezas já estavam vendidas, o meu tio comprou a fazenda do Elizio Galvão e colonizou tudo aquilo para os gaúchos. (WEISSHEIMER, 2005)

As memórias de Ludwig enfatizam, também, a presença importante dos Lamb, e a ajuda daqueles que primeiro chegaram aos que vieram depois e não tinham ainda onde se instalar.

Os primeiros colonizadores são os Lamb, (...) foram os primeiros a chegar em 1922 ou 1921, depois veio outra leva do Espírito Santo, em 1924, porque os Lamb vieram do Rio Grande do Sul, junto com esses que vieram do Espírito Santo, vieram também a família do meu marido, ele veio com três anos, ele se chamava Pedro Paulo Ludwig, depois vieram os alemães da Alemanha, que ficaram sabendo dessa colonização alemã, que foi crescendo, evoluindo bastante. Esses que vieram da Alemanha se juntaram a essa gente que falava alemão, pois se sentiam mais em casa, pois chegar a lugar onde não tem nada e ainda não poder se comunicar. Então era assim, quando uma família chegava todos os ajudavam, os alojavam até essa família poder construir o ranchinho deles e assim a colônia foi crescendo depressa. (LUDWIG, 2005)

Hoffmann, pioneiro e ainda morador da colônia também se recorda dos nomes mais relevantes para a história da colônia:

Michel Lamb, Fritz Marth, ele sempre dizia que em 1922, que ele, junto com um tal Plonner e um tal de Kremmer, foram um dos primeiros que chegaram aqui, antes do Michel Lamb. Michel Lamb é considerado o que fundou a Colônia, mas falar que fundou é muito pesado, ele, o irmão e outros gaúchos compraram a maior gleba de terras e começaram a plantação de alfafa, mas nessa mesma época vieram outros, não só gaúchos, mas também alemães e austríacos. E esse Fritz Marths era suíço, José Plonner ou era alemão ou austríaco, acho que austríaco (...). Bom, esses foram importantes, tem também o Gustavo Lamb. Meu avô que era pastor chegou aqui em 1923, o pastor Heinrich Wrede, foi o primeiro pastor da região. (...) Esse meu avô trouxe muitos capixabas consigo, mas a maioria foi embora. Eles falavam “vamos voltar para o Brasil”. Para Laranjeiras vieram muitos capixabas também, vieram mais tarde os alemães Neumann, Behlau, eles vieram da Prússia. (HOFFMANN, 2005)

Nas memórias acima relatadas, algumas informações são confirmadas, outras entram em atrito. No entanto, para a história oral, isso é aceitável, uma vez que o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais, já que é um processo individual que se vale de instrumentos socialmente criados e compartilhados, possibilitando, deste modo, que as memórias sejam ora semelhantes, ora contraditórias, ora sobrepostas. (PORTELLI, 1997, p. 16)

Assim, conforme Guedes-Pinto,

[...] ao se reconstituir um dado evento, a partir das versões daqueles que dele participaram, parte-se do pressuposto de que tais versões não serão idênticas, nem uma anulará a outra, mas serão partes da realidade ora representada. (GUEDES-PINTO, 2008, p. 34)

A diversidade nas lembranças relatadas pelos colonos da Riograndense pode ocorrer também devido à segregação e organização dos mesmos: gaúchos com gaúchos, alemães com alemães, católicos com católicos e luteranos com luteranos. Ora, tanto as famílias gaúchas, como as famílias alemãs irão ressaltar em suas memórias os feitos de seus conterrâneos.

Voltando à história da Colônia, em relação ao seu espaço político-geográfico, pode-se afirmar que o núcleo velho da colonização foi a Fazenda Capivara ao longo do Rio Capivara, separando católicos em São José das Laranjeiras e Luteranos no Bairro da Barra Mansa. O núcleo novo seria a Nova Colônia Riograndense, de iniciativa de Michael Lamb, quando comprou a Fazenda Galvão e a loteou, e ainda outras terras no entorno destes projetos, como a Colônia Caçador, Castelo Branco, Nova Wolhynia e até mesmo a Colônia Lex, hoje a cidade de Tarumã.

Braun divide a distribuição das famílias, em diferentes regionalizações, considerando a existência de três núcleos de colonização:

O primeiro foi formado a partir de 1922 e localiza-se na Água do Macaco, Água dos Porcos, Água da Barra Mansa. É considerado o núcleo central da Colônia e um lugar privilegiado, de onde emergem as principais iniciativas em relação a ela. A cooperativa foi construída nesta região, sendo que, esse núcleo recebeu colonos de várias nacionalidades, alemães, suíços, poloneses, austríacos, etc., também “alemães-capixabas”, que migraram do Espírito Santo e “alemães-gaúchos”, sendo em sua maioria evangélicos luteranos.

Outro núcleo se fixou nas bandas de São José das Laranjeiras a partir de 1924, sendo na maioria católicos vindos de diferentes regiões da Alemanha, Prússia Oriental e também do Espírito Santo. Nesse núcleo, se encontra a maioria das grandes propriedades da região. Por último, um núcleo se formou lá na Água da Estiva, com uma predominância de gaúchos, visto que, Michel Lamb incentivou suas vindas ao lotear e comercializar terras na Fazenda “Galvao” em 1929. (BRAUN, 2003, p.54)

É importante salientar que a princípio, eram denominados e considerados como Colônia Riograndense somente os assentamentos da Fazenda Capivara. No entanto, essa denominação posteriormente expandiu-se para a Fazenda Galvão e outras fazendas adjacentes. Outras colônias que se formaram como a Colônia Wolhynia, Castelo Branco e Lex, também passaram a ser consideradas como Colônia Riograndense.

Sommer em seu manuscrito sobre a Colônia Riograndense apresenta em números a população da colônia:

Die Bevölkerung deutschen Ursprung auf der Kolonie Riograndense betrug 1925 etwa 80, 1930 etwa 60 Familien; für das Jahre 1937 wurden, einschließlich der Nachbarsiedlungen Laranjeiras und Nova Riograndense, 155 Familien angegeben, von denen 90 Reichsdeutsche, 45 Brasilianer deutscher Abstammung und 20 Russlanddeutsche waren.(SOMMER, 1945, p.661)²⁶

Dessa forma, em meio a florestas a serem devastadas, desilusões advindas das propagandas enganosas, das dificuldades de escrituração dos lotes de terra e de mortes dos entes queridos, propiciados pela falta de assistência médica, a Colônia Riograndense inicia seu processo de formação, tendo à sua frente migrantes e imigrantes, que com o trabalho em conjunto estavam determinados a prosperar.

²⁶ A população de origem alemã na Colônia Riograndense somava em 1925 cerca de 80 famílias, em 1930 cerca de 60 famílias. Em 1937 estimava-se 155 famílias, incluindo-se as colonizações vizinhas de Laranjeiras e Nova Riograndense, das quais 90 famílias de alemães da Alemanha, 45 de brasileiros de ascendência alemã e 20 famílias de alemães-russos. (FÉLIX, 2000, p. 57)



Figura 11: Colonos no trabalho com a terra. Década de 20.

A maioria das famílias que se estabeleceu na Colônia não tinha no início grandes recursos, os serviços eram braçais, mesmo na abertura das florestas. As toras de madeira eram difíceis de serem derrubadas e removidas. Renk rememora em seu diário um dos momentos mais dolorosos de sua estadia no Brasil, a morte de seu marido, ocasionada por uma fratura no pé, devido a queda de uma das toras das árvores que derrubava a fim de se instalarem em seu lote de terra.

1.Juli 1924

Ein Unglücksfall. Ein Baum hat unserm lieben Vater den linken Fuß gebrochen. Da kam die Krankenschwester und legte einen Verband an. Wir hatten die Hoffnung, daß alles gut würde.[...] Dann kam der 29. Juli, die Schwester kam und wollte einen neuen Verband anlegen. Da trat eine sehr starke Blutung ein. Sie schnürte das Bein ab, aber es war vergebens. Er war sehr vernünftig, und die fragte ihn: "Willst du zum Heiland?" da sagte er: "Ja". Und wir sollten nicht weinen. Das war das Letzte. Da ist er sanft eingeschlafen. ²⁷(RENK, 1923-5)

A imagem abaixo retrata o tamanho das árvores que eram derrubadas para a instalação dos imigrantes em seus lotes. Através dela, podemos entender o acidente ocorrido com o esposo de Dorothea Renk, o qual o levou a morte.

²⁷ 1º de julho [1924]. Aconteceu um acidente. Uma árvore fraturou o pé esquerdo de nosso querido pai. Ai veio a enfermeira e fez um curativo. Tínhamos a esperança de que tudo fosse ficar bem. [...] Então chegou o dia 29 de julho, daí veio a enfermeira e queria fazer outro curativo. Começou uma hemorragia muito forte. Ela tentou estancar o sangue com um torniquete, mas foi em vão. Ele estava muito consciente e ela perguntou a ele: quer ir para o céu? Ai ele respondeu: "sim". E nós não deveríamos chorar. Isto foi tudo. E, então, faleceu serenamente. (Tradução da autora)



Figura 12: Troncos de árvores derrubadas na Colônia Riograndense. Início da década de 30. (Família Mielke)

As famílias trabalhavam sempre juntas, mesmo as mulheres e as crianças tiveram que ajudar na derrubada das matas. Nesse momento, a mulher é vista como a auxiliar do marido em todos os serviços que se deparam. Aqui homens e mulheres se igualam. Não havia outras possibilidades. No início da colonização da Riograndense a mulher alemã não podia ficar em casa, apenas com seus afazeres domésticos. E nem as crianças podiam apenas brincar ou estudar. Todos trabalhavam juntos na terra.



Figura 13 – Famílias trabalhando na derrubada das florestas. Final da década de 30. (Família Mielke).

Nessa imagem, é possível notar a família toda envolvida na labuta com a terra. Além disso, pode-se inferir a questão de adaptação ao clima, todas as pessoas estão usando

chapéus, já que as mesmas têm pele clara e não eram acostumados com o sol quente e temperatura até quase 40 graus.

3.2 Aspectos socioeconômicos da Colônia Riograndense

Os primeiros produtos cultivados nas terras da Colônia Riograndense foram mandioca, milho e feijão. Os próprios proprietários e suas famílias plantavam visando apenas à subsistência. Algumas famílias, como a de Elsbeth Müller (2009), também tinham como meio de subsistência a criação de porcos, galinhas e gados. Na imagem que se segue, o lote de terra já está praticamente desmatado, apropriado para a criação de animais.



Figura 14 – Criação de porcos. Década de 30. (Família Müller)

Noutra imagem crianças e adultos tratam dos frangos e galinhas. A família se integra as suas criações. As criações além de servirem para a subsistência, também serviam como presentes. Wrede, em entrevista a Braun, se recorda das criações que ganhou de presente em seu casamento. “Quando eu me casei em 43, eu ganhei dez galinhas e um galo, presente de casamento do Bender.” (WREDE, 2003 apud BRAUN, 2003). Uma família que possuísse muitas criações era uma família de muitas posses na época.



Figura 15 – Criação de galinhas. Década de 40. (Família Müller)

Os colonos não fizeram somente cultura de subsistência, mas foram além. Incentivados por Michael Lamb os colonos da Riograndense deram início ao plantio de alfafa, tendo em vista a comercialização. O cultivo dessa cultura proporcionou muito lucro e o auge econômico da colônia em 1940, tornando-se, nesta época, a maior produtora de alfafa do Brasil. Anúncios e propagandas sobre a produção de alfafa eram produzidos em revistas e jornais que veiculavam em Língua Alemã. Eram comuns frases como esta: “Alfafa - o ouro verde”. (BRAUN, 2003, p. 56) A alfafa era considerada uma fonte de riqueza que representava além do desenvolvimento, a ascensão social. Esses anúncios serviam também para vender os lotes de terra e chamar mais descendentes de alemães à região, garantindo de certa forma a hegemonia alemã no lugar. Em pesquisa no Instituto Martius-Staden, em São Paulo, encontramos propaganda sobre a Colônia Riograndense Galvão, ou seja, o núcleo que foi loteado por Michael Lamb. Essa propaganda destaca a Colônia como o único lugar produtor de alfafa no Estado de São Paulo, como podemos observar abaixo:

Einzigste Alfafazone


im Staate São Paulo

Colônia Riograndense

Galvão

Município MARACAHY

Linha Sorocabana São Paulo



Rio Grandense hat sich in den 12 Jahren seines Bestehens soweit entwickelt, dass es über seine ursprünglichen Grenzen hinaus ausgedehnt werden musste. — Die Erweiterung erfolgte in den angrenzenden Ländereien des Elisia Galvão, welche für die Kolonisation aufgeschlossen und vermessen wurden.

Der Boden ist, wie in ganz Rio Grandense beste Terra Roxa. — Das leicht gewellte Gelände ist nahezu eben und völlig steinfrei. — Der dichte Urwald besteht hauptsächlich aus Pau d'Alho, Figueira branca, Jaracatia, auch alle Nutzhölzer, wie Pirova, Zedern, Capriava etc. stehen in mächtiger Grösse.

Die Fruchtbarkeit des Landes zeigen am deutlichsten die üppigen Alfafelder, welche 7—9 vollreife Schmitte im Jahr liefern mit einem durchschnittlichen Ertrage von 2000 Arroben (pro Aiqueire) trockenem, versandfertigem Alfafa. — Dass in solchem Boden, Mais, Mandioka, Zuckerrohr und alle Getreidefrüchte gut gedeihen, weiss jeder Pflanzler.


An Obst gedeiht in mehreren Sorten: Orangen, Bananen, Abacaxis, Mamão, Feigen und Pfirsiche, Äpfel, Birnen und die verschiedensten Beeren. — Wein gedeiht gut der Obstgarten gibt reichlich Auswahl.

Die Mehrzahl der Pflanzler treiben Alfafabau und Schweinezucht, welche beide in grossem Umfange betrieben werden können, da der ebene, steinfreie Boden bestes Pflugland ist, welches leicht und mit Maschinen mühelos bearbeitet werden kann.

Mit dem Grösserwerden der Pflanzungen wird allgemein zum Maschinenbetrieb übergegangen, wodurch das 4-fache Land bestellt werden kann, ohne dass man mehr Arbeitskräfte nötig hätte.

Der Absatz der Erzeugnisse hat eine natürliche Garantie dadurch, dass das Rio Grandense die einzige fruchtbare Alfafazone im ganzen Staate São Paulo ist, wodurch eine Überproduktion innerhalb des Staates nicht auftreten kann.

Gegen die Konkurrenz aus anderen Staaten wie Paraná, Riogrande usw. ist der Riograndense-Pflanzler dadurch immer im Vorteil, dass jede Einfuhr von Landesprodukten nach dem Staate São Paulo versteuert werden muss. — Durch die grössere Entfernung vom Verbrauchszentrum São Paulo werden auch die Transportkosten wesentlich höher. — Die Verkaufspreise richten sich aber immer nach dessen der eingeführten



Waren, dadurch hat hier der Kolonist zu dem Gewinn einer günstigen Pflanzung nach den des Zolls und der geringeren Frucht.

Die Erzeugnisse der Kolonie Riograndense kommen in einem Tag direkt nach der Hauptstadt S. Paulo, sofern sie nicht in den benachbarten Städten abgesetzt werden. — Um den Verkauf braucht sich der Pflanzler nicht zu kümmern, da die Kolonie eine eigene Verkaufsorganisation in São Paulo hat, welche auf genossenschaftlicher Grundlage für den Verkauf aller Erzeugnisse der Kolonie Riograndense sorgt. — Selbstverständlich ist es jedem überlassen, selbst und direkt zu verkaufen.

Die Verladestationen sind: Cardoso de Almeida, Assis oder Paraguassu', wohin die Erzeugnisse von den zahlreichen Lastwagen der Kolonie auf guten Autostrassen gebracht werden.

Um den Transport noch zu vereinfachen baut die Stadt Assis mit der Kolonie zusammen, eine neue, kürzere, fast ebene Autostrasse, welche in wenigen Wochen in Betrieb genommen und die Kolonie in 1 1/2 Stunden mit Assis verbinden wird.

Die ganze Gegend ist sehr gesund, Malaria oder sonstiges, durch das Klima verursachte Krankheiten, sind in der Kolonie noch nicht vorgekommen, das gesunde und frische Aussehen der Kolonisten bestätigt dies. — Auf den ersten Blick schon lassen die gepflegten Höfe eine in allen Teilen gesunde Wirtschaft und behäbigen Wohlstand erkennen.

Die Kolonisten sind ausschliesslich Deutsche oder deutschen Abstammung, Schule, Kirche und Arzt sind vorhanden, ebenso 2 Mahlmöhlen, 2 Sägemöhlen und verschiedene Handwerker.

Gestützt auf die alte Kolonie entwickelten sich die Pflanzungen in der neuen Zeit schnell, und die zahlreichen recht ansehnlichen Sítios geben jedem Interessenten Gelegenheit sich von der Fruchtbarkeit und den Möglichkeiten der einzelnen Lote zu überzeugen.

Ein weiterer Beweis für das Emporbühen der Kolonie ist das Urteil, das Herr Generalkonsul Dr. Speiser aus São Paulo anlässlich seines Besuches über die Kolonie abgegeben hat, er bezeichnete dieselbe als eine der besten, die er im Staate São Paulo kenne.

Trotz der guten Verhältnisse sind die Preise niedriger gehalten. — Eine Aiqueire (24 200 qm.) kostet 400.000.000 bei Barzahlung, bei Teilzahlung 450.000.000, wovon 250.000.000 bei Kauf, der Rest nach 2 Jahren zu zahlen ist.

Für die Rechtmässigkeit der Besitztitel wird in jeder Form garantiert. — Jeder Landkauf wird staatlich registriert und vom Staate bestätigt.

Alle Auskünfte erteilt:

MIGUEL LAMB
COLONIA RIOGRANDENSE
MUNICIPIO: MARACAHY
Linha Sorocabana — Caixa Postal, 41
São Paulo

Vertreter in:

Figura 16 - Propaganda²⁸ sobre a Colônia Riograndense e a Produção de Alfafa – Das Landleben – Revista Agrícola Teuto-brasileira, São Paulo, 1933.

Vale destacar nesta propaganda, a informação logo no início do texto, após a manchete “Einzigste Alfafazone im Staate São Paulo – Colônia Riograndense Galvão” e ao final, abaixo do nome do autor Miguel (sic) Lamb, no caso, também vendedor de lotes na Colônia Riograndense Galvão²⁹. A referência que é feita a “Linha Sorocabana” remete a idéia de uma colônia de fácil acesso a estrada de ferro, já que o trem garantia o transporte da alfafa. Nas imagens abaixo podem ser observadas a evolução no transporte da alfafa da Colônia Riograndense, que de início era feito por carros de boi. É interessante notar o nome de Michael Lamb, que vem na propaganda assinalado como Miguel Lamb. Nos diversos documentos e trabalhos relacionados a formação da Colônia Riograndense o nome desse colono é apresentado em três formas diversas Michael, Michel e Miguel. Adotamos neste trabalho Michael, como sugere a grafia alemã.

²⁸ Tradução em anexo.

²⁹ Fazenda que comprou com o objetivo de colonizar, para qual atraiu vários conterrâneos e familiares.



Figura 17 – Transporte da alfafa em de carro de boi. Início da década de 30. (Familia Mielke)

Braun afirma que os primeiros tratores movidos a gasolina chegaram na Colônia por volta de 1947, facilitando o cultivo da alfafa. (BRAUN, 2003, p. 91)

Na imagem seguinte observamos o transporte da alfafa sendo feito com carreta e trator.



Figura 18 - Transporte da alfafa. Colônia Riograndense Década de 40.

Em seguida, a produção de alfafa é transportada por um pequeno caminhão. As iconografias revelam o desenvolvimento da Colônia Riograndense.



Figura 19 – Transporte da alfafa na Colônia Riograndense. Década de 40.

Sommer (1945) aborda a questão, salientando o desenvolvimento econômico trazido por esta cultura:

Die wirtschaftliche Gesundung der Kolonie trat erst ein, als der Anbau von Kleeheu (alfafa) aufgenommen wurde, worin siedler die Riograndenser Herkunft ausreichende Kenntnisse besaßen. Sie konnten auch die Mittel aufbringen, die zu dieser kostspieligen Kultur und den dazu gehörigen Einrichtungen nötig sind. Der überdies für den Kleeanbau erforderliche tiegründige Boden war auf der Riograndense vorhanden. Diese Kolonie gehört heute zu den wichtigsten Plätzen, die São Paulo mit Kleeheu versorgen. (SOMMER, 1945, p.661)³⁰

O sucesso da colônia era garantido pelo empenho dos alemães, pela riqueza do solo, pelas relações comerciais e pelo cooperativismo.

Oberacker ressalta em resumo do seu artigo, já citado anteriormente, que no ano de 1941 quando essa colônia foi visitada e estudada pelo autor, “constituía uma das mais bem sucedidas e abastadas colônias agrícolas fundadas por alemães e seus descendentes no Brasil.” (OBERACKER, 1965, p. 397). A cultura da alfafa que era toda vendida na capital do estado, trouxera à colônia riqueza e bem estar, o que, segundo o autor, lhes garantia uma situação privilegiada diante de imigrantes alemães fixados em outras colônias.

[...] enquanto um colono em outra colônia de alemães no mesmo estado tinha uma receita de 4 contos, ou outro colono no Espírito Santo de 2,3 ou até só de 1,8 contos por ano a do colono em Riograndense era cerca de 8 contos mais ou menos. É todavia, precisamente essa importância que o autor considera receita mínima para um colono que deseja manter um nível de vida europeu. O colono em Riograndense estava pois (em 1941) ainda nessa situação enquanto que a grande maioria dos

³⁰ A saúde econômica da colônia prosperou quando surgiu a cultura da alfafa, no que os colonos de origem riograndense tinham conhecimento suficiente. Eles conseguiram até mesmo os recursos e os equipamentos que se faziam necessário a essa cultura. Além disso, o solo profundo exigido para a cultura da alfafa existia na Colônia Riograndense. Essa colônia pertence hoje aos lugares mais importantes que produzem alfafa em São Paulo. (FÉLIX, 2000, p. 57)

colonos alemães e seus descendentes eram condenados a sentir a manifesta queda do seu padrão de vida social e cultura em comparação com o nível de vida na Europa. (OBERACKER, 1965, p. 397-8)

No entanto, anos mais tarde, por volta de 1955, como já previa Oberacker, o mercado de alfafa tornou-se inviável, perdeu o seu valor comercial. O produto era vendido para alimentar a cavalaria do governo e esta foi substituída por automóveis motorizados, sendo a alfafa substituída pelo combustível mineral.

Gewiß wäre es interessant, wenn sich jemand auf Grund unserer Untersuchung die Mühe machen würde, die weitere Entwicklung in den letzten 25 Jahren (nach der weitgehenden Motorisierung des Heeres und evtl. Bodenerschöpfung) auf der Kolonie Riograndense zu untersuchen. Die Veränderung auf allen Gebieten, vor allem auch auf wirtschaftlichem – Übergang vom Klee-Anbau zur Schweinemast – und auf kulturellem Gebiet, dürfte recht aufschlußreich für das allgemeine Studium der deutschen Kolonisation in Brasilien sein. (OBERACKER, 1965, p. 397)³¹

Como o comércio de alfafa fracassou, entregaram-se, os colonos, à produção de algodão nos anos seguintes, mas com o ataque de doenças e pragas nesta lavoura, a partir de 1960 optaram pelo cultivo de soja e trigo. Estes novos produtos deram grandes lucros e maior concentração de rendas. Os grandes produtores começaram a comprar as terras dos pequenos proprietários, ocasionando por um lado riqueza para alguns e para os outros o êxodo rural, deixando de ter a aparência inicial de estar dividida em pequenos lotes de terra, para se aparentar mais com o modelo das grandes propriedades. (FÉLIX, 1990)

Nesta época, a participação e o papel da Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense, que já existia desde 1929, fundada pelos pioneiros Michel Lamb e Gustav Lamb, foi extremamente importante para esse sucesso.

Nascida para facilitar os negócios de alfafa em São Paulo, a Cooperativa da Colônia Riograndense adaptou-se no decorrer dos anos conforme a base econômica que a sustentava e foi a principal responsável pelo sucesso dos alemães, impedindo maior dispersão dos colonos e descendentes. Essa capacidade de adaptação da cooperativa assegurou sua sobrevivência e até fez com que ela se tornasse uma grande empresa nos anos 70, quando da introdução do cultivo altamente mecanizado da soja e do trigo. (FÉLIX, 1997-1998, p. 138)

Porém, devido a vários fatores, em agosto de 1994, a Cooperativa entra em falência, deixando para aos seus associados muitos prejuízos e dívidas.

³¹ Com certeza seria interessante, se alguém, baseado em nossa pesquisa, se empenhasse em investigar a continuação do desenvolvimento nos últimos 25 anos na Colônia Riograndense (depois da mecanização do solo). As mudanças em todas as regiões, especialmente no aspecto econômico – passagem do cultivo da alfafa para a engorda de suínos – e no aspecto cultural poderiam ser verdadeiras alternativas para o estudo geral da colonização dos alemães no Brasil. (FÉLIX, 2000, p.48)

Na época de pleno funcionamento da Cooperativa, além do seu papel econômico, a mesma contava com médicos, dentistas, supermercados, posto de combustível, etc. para uso de seus associados.



Figura 20 – Cooperativa Agrícola Mista da Colônia Riograndense, 2010.

Braun cita que a falência da cooperativa trouxe para os colonos além das mágoas profundas em relação ao campo econômico, dificuldades de sociabilidade das pessoas, já que lá era um ponto de encontro dos colonos. (BRAUN, 2003, p. 172).

De 1999 a 2008, as instalações da Cooperativa ficaram alugadas para a Cocepa – Comércio de Cereais Paulista. No entanto, no corrente ano, estas instalações estão em posse da empresa Agromar.

Uma vez consolidada economicamente pelo sucesso da alfafa já no início da colonização, a comunidade possuiu recursos para a construção de suas práticas religiosas, culturais, educacionais. Como os alemães vivenciaram essas práticas? Como viveram sua fé? Como praticaram sua religiosidade? A seguir, explanaremos tais questões.

3.3 A religião na Riograndense: Católicos e Luteranos

Em todas as conversas, entrevistas e material escrito sobre a história da Colônia Riograndense comentam-se que a construção dos primeiros ranchos, da igreja e da escola foram feitos em mutirão.

Félix aponta que na Colônia Riograndense havia uma divisão entre católicos e luteranos. Estes se destacam por serem em maior número e também porque chamam mais atenção, pois constituem, na região, uma comunidade diferente e opõem-se às práticas comuns dos grupos não-alemães. Já os católicos, no início, se isolaram e posteriormente confundiram-se com brasileiros, católicos em sua maioria. (FÉLIX, 1997-1998, p.135).

Os católicos situaram-se no bairro urbano São José da Laranjeiras, e os luteranos, do outro lado do Rio Capivara, no Bairro da Barra Mansa, e em outros bairros ao entorno deste.

As primeiras igrejas, tanto a Luterana como a Católica, foram construídas no início da colonização. Para os alemães eram imprescindível construir escolas e igrejas nos lugares onde se instalavam. Kreutz aponta a construção de igrejas como elemento básico na vida doméstica dos alemães.

Nas primeiras décadas, a vida dos imigrantes alemães se caracterizou mais por uma luta pela sobrevivência e pela constituição, gradativa, de alguns elementos básicos na sua vida doméstica, como construção de casa e benfeitorias, e na sua vida comunitária, como a construção de escola e de igreja. (KREUTZ, 1994, p. 21).

Na imagem abaixo, temos a primeira Igreja Luterana da colônia, com a comunidade reunida para alguma celebração.



Figura 21 – Primeira Igreja Evangélica Luterana. Década de 20.

Em seguida temos a mesma igreja, provavelmente com sua torre sendo desmanchada ou reformada. Por volta de 1959 um novo templo fora construído em seu lugar.

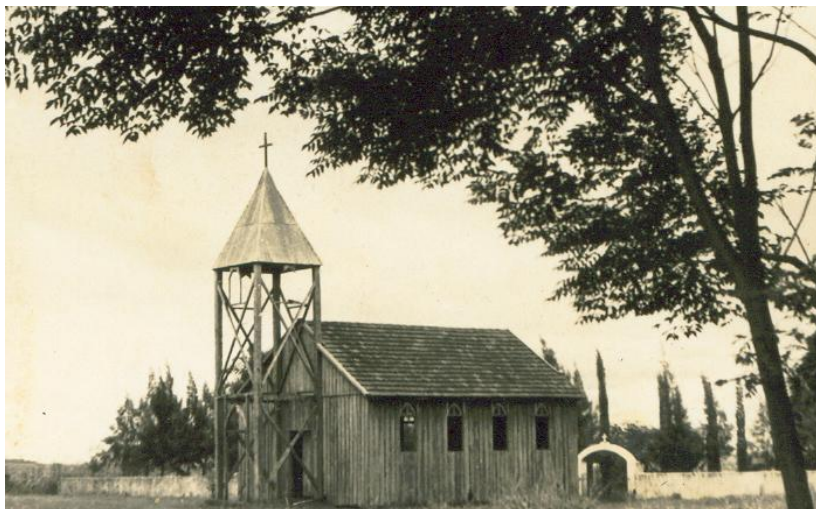


Figura 22 – Igreja Evangélica Luterana. Década de 30.

Logo atrás da igreja, tendo um portão na entrada, está o cemitério dos luteranos. Ainda hoje as pessoas dessa igreja são enterradas nesse lugar. “O primeiro culto religioso da colônia foi realizado na casa paroquial, no dia 28 de setembro de 1924 [...] Os cultos eram celebrados, durante várias décadas, em alemão.” (SILVA, 2006, p. 17-8)³²

A comunidade alemã Católica também providenciou sua igreja, ficando esta bem ao centro de São José das Laranjeiras. De acordo com registros particulares de colonos a primeira missa foi celebrada no dia 16 de agosto de 1926, na casa do colono Bernardo Ludwig, o que significa que a igreja foi construída posteriormente.



Figura 23 - Igreja Católica de São José das Laranjeiras.

³² Há registros no diário de Dorothea Renk e nos escritos do Pastor Knoch sobre o primeiro culto.

A religiosidade estava presente desde os primeiros anos da formação da Colônia, dado que esses colonos encontravam na fé e na religião a força para superar as dificuldades, como relata Weissheimer ao ser questionada sobre a importância da religião para ela, em entrevista a Lídia Braun: “Ah! Sempre fomo muito ligado. Eu acho que ajudo de agüentá.” (WEISSHEIMER, 2003 apud BRAUN, 2003, p. 105)

Oberacker também aborda a religião em seu artigo sobre a Riograndense, destacando a Igreja como a única organização que reúne todos os falantes de alemão sem distinção, e neste caso, ambas as igrejas, a evangélica luterana e a católica, mas principalmente a Igreja Evangélica Luterana, da qual pertencia a maioria da população da colônia. (OBERACKER, 1965, p. 394)

Quanto à Igreja Católica, embora tenham sido os alemães os mentores da sua construção, os sermões eram feitos em alemão e em português, dado que a mesma se localiza em zona urbana e os brasileiros da região também a frequentavam.

Ambas as igrejas possuíam jornais ou boletins que veiculavam suas informações, orações e reflexões em língua alemã, garantindo aos colonos serem evangelizados de acordo com seu credo, na sua própria língua. Oberacker menciona alguns: o jornal *Deutsche Volksblatt*, da Igreja Católica de Porto Alegre, os boletins *Sonntagsblatt*, do Rio Grande do Sul e o boletim da Igreja Luterana. (OBERACKER, 1965, p.395)

Sobre a Igreja Evangélica Luterana, Pastor Johannes Knoch escreve um texto intitulado *Kirchengeinde Riograndense (Comunidade Paroquial Riograndense)* no qual descreve a trajetória desta comunidade, de sua formação, construção da igreja até o ano 1955.

Seus escritos também fazem alusão à chegada do primeiro Pastor da Comunidade, Heinrich Wrede, vindo do Espírito Santo.

Auf der Suche nach Neuland für die Kolonisten von Espírito Santo begriffen kam auch Pastor Heinrich Wrede in die damals kleine Deutsche Siedlung, die den Namen Rio Grandense erhalten hatte, da die ersten Siedler von Rio Grande gekommen waren. (KNOCH, 1955, p.169)³³

Quanto a este pastor, Grete Wrede, sua nora, em suas lembranças da Colônia comenta:

Heinrich Wrede. Ele veio do Espírito Santo para cá. Os pastores da Alemanha tinham direito a férias lá, e ele estava a muito tempo sem tirar férias, em 1939 ele tirou férias para passear na Alemanha e nisso estourou a Guerra e ele não pode

³³ Na busca de novas terras inclusive para os colonos do Espírito Santo, veio então o pastor Heinrich Wrede para, na época, pequena colônia alemã, que tinha recebido o nome Riograndense porque os pioneiros tinham vindo do Rio Grande do Sul. (FÉLIX, 2000, p.64)

voltar mais. Depois ele adoeceu e começaram a vir outros. E por causa da Guerra não pode voltar até 1945. (WREDE, 2005)

Assim, citando Braun, vale destacar que desde os primeiros anos da fundação da Colônia, a religião representava uma forte referência para os colonos, dado que esta prática estava além do exercício da crença e do alento nas dificuldades, “[...] frequentar a Igreja significava se reunir, ter nela um espaço de comunicação e de troca, além de reforçar hábitos e tradições na realização dos rituais e festas.”(BRAUN, 2003, p. 104)

As iconografias que se seguem apresentam as igrejas Católica e Luterana nos dias atuais.



Figura 24 – Igreja Evangélica Luterana da Colônia Riograndense, 2008.

Ambas se encontram no mesmo local de outrora, ou seja, no centro de suas comunidades.



Figura 25 – Igreja Católica de São José das Laranjeiras, 2010.

Os cultos e as missas acontecem com frequência e são ambos em língua portuguesa, uma vez que a língua alemã é falada apenas pelos mais velhos. No entanto, em datas comemorativas, como Natal e Páscoa, de acordo com os entrevistados, na Igreja Luterana os cultos são celebrados em língua alemã.

Uma vez apresentada as práticas religiosas dos alemães da Colônia Riograndense, passo agora, às práticas educacionais e recreativas. Havia escola em meio a mata? Como era a escola dos alemães? Como os alemães conviviam socialmente? Como se organizavam para se divertirem?

CAPÍTULO 4:
A EDUCAÇÃO ALEMÃ NA COLÔNIA RIOGRANDENSE: ESCOLAS, CLUBES E
PRÁTICAS CULTURAIS

4.1 Considerações Preliminares

No campo e na cidade surgiram escolas particulares sempre que a existência de uma colônia estava assegurada ou, inúmeras vezes, até antes disso. Ora eram casas de madeira de apenas um cômodo, ou dois, ora eram belos prédios ou grupos de edificações, dotados de campos de esporte, ginásio, salão de festas e palcos, circundados por jardins e grandes árvores. Os mais velhos disso ainda se recordam (FOUQUET, 1974, p. 169-170)

Antes de me referir a Escola Alemã que existiu na Colônia Riograndense, penso ser necessária uma breve explanação a respeito das Escolas Alemãs no Brasil, já que a escola da Colônia Riograndense, apesar de parecer se tratar de uma escola isolada em meio a matas e picadas, fazia parte de toda uma organização escolar existente nos lugares onde havia comunidades alemãs, tanto em zona urbana, como em zona rural.

A educação desempenhou papel primordial no processo de inserção dos imigrantes na sociedade brasileira. Esta questão sempre se configurou como fator decisivo para os imigrantes, desde a fase inicial da colonização alemã no Brasil. Uma das primeiras coisas que os imigrantes alemães faziam ao se instalarem num lugar era construir uma igreja e uma escola. "Quem mexesse nela, intrometia-se no próprio santuário no qual se guardavam e se perpetuavam os valores culturais cultivados durante séculos" (RAMBO, 1994, p.7).

Rambo aponta que a questão escolar na Alemanha no século XVIII e XIX é condição para se entender a iniciativa quanto à organização de escolas e ao posicionamento dos mesmos em relação nacionalização destas escolas. O autor afirma que historicamente a região da qual procederam os alemães que imigraram para o Brasil, foi local de onde se firmaram as bases da cultura ocidental, sendo esses "herdeiros de um rico e vasto arsenal de tradições culturais, sociais, políticas, econômicas, artísticas e religiosas, arduamente elaboradas, durante séculos." (RAMBO, 1994, p. 9)

Côncias, desde a primeira hora, da ambientação desfavorável para não dizer hostil, e decididas a não abrirem mão do passado cultural e religioso, as comunidades puseram mãos à obra, antes que fosse tarde. Muniram-se de todos os recursos disponíveis para prevenirem a ameaça de uma ruptura cultural eminente. E o meio que lhes apareceu mais eficaz, encontraram-no na própria bagagem cultural trazida de além oceano: a escola. Tratava-se de uma escola que não servia apenas de núcleo alfabetizador, mas representava o antídoto eficaz contra uma possível degenerescência cultural. Com essa missão gigantesca à raiz deve ser entendida e colocada nos seus devidos parâmetros a escola de comunidade (Gemeinschaftschule) de ambos os credos e que tanto bem trouxe aos camponeses teutos nos primeiros 120 anos, e depois, a partir de 1940 fez tanta falta. (Rambo, 1994, p. 14)

Segundo Bezerra, entre as diversas razões do interesse dos alemães pela escola, uma seria devido ao conhecimento escolar que já traziam consigo, uma vez que a Alemanha desde a Revolução Protestante foi uma das precursoras da instrução pública moderna, e outra seria a necessidade de integração à sociedade brasileira, embora os seus ensinamentos até meados da década de 1940 tenham sido pautados na língua e cultura alemã. (BEZERRA, 2007, p.44)

O fato desses imigrantes já trazerem consigo grande bagagem cultural e educacional, explica a importância da instituição escolar nas comunidades alemãs e o porquê desses imigrantes lutarem pela construção de escolas e sua implementação nos locais onde se estabeleciam.

Félix faz alguns apontamentos sobre a iniciativa dos imigrantes em construir escolas, e salienta:

a escola dos imigrantes nasceu da necessidade do colono e baseou-se na tradição escolar dos alemães. Configurou-se como iniciativa dos imigrantes e por eles foi sustentada. O governo brasileiro esteve praticamente ausente na origem da Escola Alemã. Os religiosos de confissão luterana e católica ajudaram no desenvolvimento do sistema escolar. [...] Entretanto, com a evolução do sistema, a essência da Escola Alemã vai se modificando e a experiência educacional ganhando êxito. (FÉLIX, 2004, p. 58)

Bezerra também aponta que além da condição histórica, a ausência do estado foi fator decisivo para a criação de instituições pelos imigrantes alemães:

Esses grupos, fortalecidos pela sua condição histórica e ao mesmo tempo pela falta de atendimento às necessidades sociais básicas, como a saúde, lazer, religião e educação, acabaram por criar entidades que iriam suprir, ou ao menos minimizar, a ausência do estado. Foi assim que surgiram as associações escolares, de tiro, de canto, as religiosas, os cemitérios etc. (BEZERRA, 2007, p.1).

As Escolas Alemãs tiveram o seu auge nas primeiras décadas do século XX. Nos anos de 1920 e 1930 os imigrantes alemães atingiram uma organização de 1.041 escolas comunitárias com 1200 professores. (KREUTZ, 1994, p.9) A filosofia educacional desse sistema em pleno funcionamento era ensinar conteúdos vinculados à realidade do aluno, com material didático produzido para esse fim, e atendendo as características e os recursos de cada colônia.

| Estatística das Escolas Alemãs no Brasil - 1931 | | | | | | | | |
|---|------------|--------|----------|--------|---------|--------|---------|--------|
| Estado | Evangélica | | Católica | | Mista | | Total | |
| | Escolas | Alunos | Escolas | Alunos | Escolas | Alunos | Escolas | Alunos |
| RS | 549 | 18.938 | 362 | 16.666 | 41 | 1474 | 952 | 37.078 |
| SC | 116 | 4.874 | 80 | 4.920 | 82 | 3.052 | 297 | 12.346 |
| PR | 10 | 309 | 7 | 1.142 | 17 | 731 | 34 | 2.182 |
| SP | 6 | 295 | 2 | 609 | 21 | 2.261 | 29 | 3.165 |
| RJ | 1 | 30(*) | - | - | 4 | 400(*) | 5 | 430(*) |
| ES | 21 | 705 | - | - | 1 | 12 | 22 | 717 |
| MG | 2 | 76 | - | - | - | - | 2 | 76 |
| BA | - | - | - | - | 2 | 67 | 2 | 67 |
| PE | - | - | - | - | 1 | 20(*) | 1 | 20(*) |
| GO | - | - | - | - | 1 | 15(*) | 1 | 15(*) |
| Total | 705 | 25.227 | 451 | 23.337 | 169 | 8.032 | 1345 | 56.596 |

Tabela 2: Escolas Alemãs no Brasil³⁴

De acordo com Schaden, as escolas alemãs no Brasil podem ser divididas em 3 tipologias:

O sistema escolar teuto-brasileiro constituiu-se de forma bastante complexa. A sua notável diferenciação interna, tem sido escamoteada não raro pela designação corrente de “escola alemã”. Dadas as múltiplas formas de transição, não é fácil, aliás, dar uma tipologia satisfatória das “escolas alemãs” no Brasil. De qualquer modo, conviria distinguir pelo menos entre: 1ª, escolas alemãs propriamente ditas, surgidas, sobretudo em núcleos urbanos e mantidas, em sua maioria, por sociedades escolares; 2ª, escolas comunitárias ou coloniais, características das zonas de fraca densidade demográfica, e, 3ª, escolas mantidas por congregações religiosas alemãs. (SCHADEN, 1963, p. 65)

Bezerra também faz uma divisão quanto ao nível das escolas de origem germânica: no nível alto havia as escolas que serviam a elite tanto imigrante como nacional, que visava tornar os alunos aptos a cursar universidades, tanto no Brasil, como na Alemanha. Essas eram escolas urbanas. “Dessas escolas, algumas adquiriram, com o passar do tempo, o status de escola internacional, em que o ensino é dado em duas línguas, possuem duplo currículo um brasileiro e outro alemão e são instituições oficiais dos dois países.” O nível intermediário era representado pelas escolas urbanas que ofereciam nível médio ou profissionalizante, que preparavam os alunos para assumir os cargos médios na sociedade. Por fim, havia as escolas primárias, tanto na área urbana, quanto na área rural - onde a maioria

³⁴ Fonte: Mauch, Claudia, Vasconcelos, Naira(Org.). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p.157. (*) Totais sem confirmação Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/alemaes/tradicoes.html>. Acesso em 18 de março de 2010.

dessas escolas estava instalada. O objetivo das escolas primárias era a transmissão dos conhecimentos básicos de leitura e de escrita “para que seus egressos pudessem entrar rapidamente no mercado de trabalho, mas com os conhecimentos necessários para não ser lesado, nem em transações comerciais de seus produtos agrícolas, nem em negociações salariais nas indústrias nascentes.” (BEZERRA, 2007, p. 5).

O crescimento e o êxito dessa escola ficaram marcados pela intensa produção de materiais didáticos, formação de professores e a fundação de associações escolares. “Intensificaram-se também os encontros, seminários, reuniões pedagógicas e conferências locais e paroquiais.” (FÉLIX, 2004, p. 61)

Fica claro que a Escola Alemã fazia parte de um projeto organizado e estruturado, o que a diferenciava da realidade brasileira da época.

Havia grande contraste entre os dados educacionais de uma região de imigração alemã com os de uma região cuja ocupação era somente de brasileiros, explicitando o êxito das colônias em relação ao analfabetismo. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, enquanto nas colônias alemãs o índice de analfabetismo era quase inexistente, na população brasileira era de 80%. (PAIVA, 1973, p. 83)

É interessante mencionar o uso do termo “Escola Nova – Neue Schule em contraposição com a Escola Antiga – Alte Schule,” indicando as diferenças na organização do modelo educacional que se tinha até 1900, para modelo existente a partir de 1900 até 1938, além de estar vinculado também com os ideais da Escola Nova, que “era corrente no final do século XIX na Alemanha. (FÉLIX, 2004, p. 61)

No Brasil, como já fora mencionado em capítulo anterior, esses ideais da Escola Nova só viriam a se expandir a partir da década de 20.

De acordo com Cury, o ideal educacional para os reformadores tem a criança como centro, “mas é da realidade que este ideal tira sua seiva e força que se espalham pelo organismo social e pelo próprio indivíduo, através da estrutura e eficiência dos métodos ativos.” (CURY, 1988, p. 85)

Kreutz (1994) afirma que a concepção educacional da escola alemã era de vincular os conteúdos propostos com a realidade dos alunos, o que aos poucos foi sendo consagrada com a expressão *Realia*.

“*Realia*, termo latino, significava *as coisas reais*, isto é, currículo e processo pedagógico partindo da realidade do aluno e preparando-o melhor para a mesma, em termos individuais e coletivos. *Realia* não significava apenas o elemento natureza, mas também as instituições e os simbolismos com os quais a criança vivia, como família, lar, comunidade. (KREUTZ, 1994, p. 48)

Desta forma, compreende-se que os mentores da Escola Alemã precederam no Brasil os ideais da Escola Nova, mesmo antes do Manifesto dos Pioneiros da Educação, o qual fora publicado somente em 1932, época em que a Escola Alemã estava em pleno funcionamento nas colônias alemãs do Brasil.

Como já mencionado anteriormente, a Colônia Riograndense também implementou a sua escola – uma escola alemã, propriamente dita, em consonância com as características e ideias das Escolas Alemãs fundadas no Brasil. Contou com professores, materiais didáticos, associação e prédio próprio, fazendo parte de um projeto maior das Escolas Alemãs. Os aspectos de sua formação e sua história explanaremos a seguir.

4.2 Escola na Colônia Riograndense

4.2.1 Formação

Transformá-los em cidadãos brasileiros úteis, sem renegarem suas tradições culturais, eis a grande meta. (RAMBO, 1994, p. 75)

Os alemães e seus descendentes tinham uma visão nítida sobre a importância da educação como instrumento de formação da cidadania. De acordo com Kreutz

O impulso mais expressivo da concepção de educação, como condição para a formação da cidadania, ocorreu no início do século XIX. Fichte e Pestalazzi enfatizaram a ideia de que as reformas sociais e políticas deveriam surgir pela educação. Educação para todos seria a condição básica para regenerar a sociedade e assegurar a todas as crianças desenvolvimento moral e intelectual. (KREUTZ, 1994, p. 16)

Era inconcebível para eles a ideia de seus filhos ficarem sem instrução no meio da mata, dado que a colônia se localizava em área rural. Assim, com a ajuda de toda comunidade de imigrantes, em sistema de mutirão, nasce a Escola Alemã da Colônia Riograndense, em 1925³⁵, três anos após a instalação dos primeiros colonos no lugar.

³⁵ A princípio a pesquisadora teve dúvidas a respeito da data exata de criação da escola, se fora em 1924 ou 1925. No entanto após tradução de documentos referentes à criação da escola (encontrados no Instituto Martius-Staden), pode se confirmar o ano de 1925.

A concepção educacional por eles implantada era própria das escolas alemãs já existentes no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, haja vista que a filosofia educacional e o currículo dessas escolas estavam em consonância, pois faziam parte de um projeto educacional organizado e estruturado, como foi apresentado anteriormente. Este modelo visava ensinar seus filhos em sua própria língua, no caso em alemão, e valorizar sua cultura, sem deixar de lado o contexto no qual estavam inseridos, preservando o conceito de germanidade. Nos dizeres de Kreutz, “a escola precisa formar para a cidadania, isto é, tinha-se uma perspectiva de integração da escola com a proposta da sociedade (comunidade – região – unificação alemã.” (KREUTZ, 1994, p. 47)

Em relação ao conceito de cidadania para os imigrantes, Kreutz salienta que

Para eles, o exercício da cidadania dava-se mais na esfera da organização comunitária, do local e regional, mais no âmbito da sociedade civil do que política. O lema era recorrer ao Estado, sua instância política e jurídica, apenas se isto fosse absolutamente necessário. Não era de sua tradição esperar ou reivindicar do Estado, mas organizar-se de forma autônoma. (KREUTZ, 1994, p. 44)

Segundo Bezerra a importância de se aprender alemão na escola significava um meio de se manter a cultura materna:

Aprender alemão na escola era fundamentalmente para manter a cultura alemã, pois a escola era o lugar onde poderiam ter contato com a sua cultura de origem, já que necessariamente teriam que se adequar a sociedade receptora e os contatos interculturais seriam cada vez mais necessários, já que brincavam com crianças brasileiras na rua, precisavam se relacionar comercialmente e o português seria a língua dominante. Aprender alemão, então seria uma estratégia de resistência a uma assimilação que não tardaria a acontecer. (BEZERRA, 2004, p. 40)

Grete Wrede, imigrante alemã, moradora da Colônia Riograndense, sintoniza aquilo que sabe da história dos imigrantes alemães, com suas memórias sobre a implantação da escola na Colônia Riograndense,

Onde os alemães imigravam a coisa principal era fazer uma escola e uma igreja (...). Naquele tempo não tinha escola em todo lugar como tem hoje. Aqui não era do Estado, era tudo particular. A comunidade se juntou para fazer a escola e era tudo mantido pela comunidade. (WREDE, 2005)

As memórias de Wrede põem em evidência a metáfora que Pierre Nora faz sobre o trabalho com memórias com “o arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico

profundo”, mostrando o efeito de revelação que a memória possibilita “a adequação da história e da memória.” (NORA, 1993, p. 7- 8)

Os imigrantes alemães não escolheram a cidade mais próxima para construir sua escola, mas sim, o meio rural, o centro da colônia. As bases daquela escola estavam alicerçadas no desejo pela preservação dos valores e dos costumes alemães, na defesa da língua e da cultura.

Para melhor implementação da Escola Alemã, o pastor Heinrich Wrede, juntamente com a comunidade de imigrantes e descendentes, constituíram uma associação de colonos – *Kolonistenverein*. Wrede se recorda:

Então esses que vieram descendentes dos alemães, eles tinham necessidade, achavam que precisavam fazer alguma coisa, era uma sociedade. Então cada um que tinha filhos deu uma parte e construíram essa escola, tinha gente do Rio Grande, colonizadores da Colônia também, que lá no Rio Grande era mais, já mais adiantado, daí eles trouxeram um professor, professor mesmo! Sabia as duas línguas, eles providenciaram, esse professor veio e morava, uma vez em uma casa, outra vez na outra e a gente pagava mensalidade e assim foi indo. (WREDE, 2005)

A organização comunitária era muito importante para os imigrantes alemães, pois representava para eles a sobrevivência da sua organização social, da língua, das tradições, da sua cultura. (BEZERRA, 2007, p. 73-4)

O primeiro prédio construído para a escola era simples e de madeira. Relatos confirmam que tempo depois esse prédio foi incendiado por um colono que ao colocar fogo em sua roça para a limpeza do solo, não tomou medidas necessárias para o fogo não se expandir, e o prédio escolar acabou sendo totalmente incendiado.³⁶

Diante de tal fato, a comunidade delegou a este colono, a responsabilidade de construir uma nova escola, e para que as aulas continuassem sendo realizadas, as mesmas passaram a ser ministradas na primeira Igreja Luterana da Colônia, também construída em madeira pelos colonos.

Weissheimer se recorda do ocorrido:

Eu lembro quando a escolinha foi queimada, só não lembro quando queimou. Foi antes de eu entrar na escola (...). Eu conheci a família que queimou. (...) Quando eu estudei as aulas eram na igreja, depois que construíram a nova escola (...). (WEISSHEIMER, 2005)

³⁶ Essa história pode ser encontrada em: FÉLIX, J.L. Alemães na Colônia Riograndense: histórias e estórias. São Paulo: João Scortecci Editora, 1992.

Na foto abaixo, a escolinha de madeira, conforme é lembrada pela maioria dos entrevistados, traz a tona várias possibilidades de leituras e inferências. Num primeiro olhar pode-se dizer que a escola era mista (para meninas e meninos), a sala era multisseriada, havia alunos brasileiros e alemães. Enfim a fotografia revela muito das práticas escolares que se tinham na época. Além disso, essa imagem traz também a seguinte questão: Se era uma escola alemã, por que havia negros na sala de aula? Nota-se também que a questão da hegemonia da raça ariana não fazia parte desse contexto escolar, uma vez que não havia somente alemães, embora esta escola tenha sido organizada e mantida de acordo com os moldes alemães.



Figura 26 – Primeiro prédio da Escola Alemã – década de 20.

Pela história da educação no Brasil, é possível inferir que na época da criação dessa escola, no início da década de 20, era muito raro haver escolas na zona rural. Então, para brasileiros que não tinham onde estudar, uma escola, mesmo que de língua alemã, serviria.

Essa hipótese se concretiza, com a história de Waldemar Ribeiro de Oliveira³⁷, brasileiro que estudou nessa escola alemã. Enteadado de Cupertino de Castro, conta que foi alfabetizado em alemão, junto com os filhos dos imigrantes, devido ao fato de não haver escolas na região. Devido ao fato de ser alfabetizado em língua alemã, nos anos da 2ª Guerra

³⁷ Infelizmente não pude gravar entrevista com Waldemar Ribeiro de Oliveira. Consegui apenas uma conversa informal com ele e sua família. Quando estive em sua casa para entrevista, o mesmo se encontrava doente (mal de Alzheimer), na cama, e a partir daí, estive em sua casa várias vezes para tentar entrevistá-lo, no entanto, não consegui, já que sua memória já se encontrava abalada pela doença. Porém, obtive da família de Waldemar Ribeiro Oliveira, algumas memórias escritas do mesmo, sobre a Colônia Riograndense. Essas encontram-se nos anexos.

Mundial teve que servir de interprete para a polícia, quando essa ia até as casas dos colonos em busca de objetos e materiais impressos que podiam ter ligação com o Führer³⁸.

A construção da nova escola iniciou-se em 1926 e sua inauguração em 28 de março de 1937. O prédio foi feito em alvenaria, medindo 9×20 m, e não foi construído somente para ser sede da nova escola. Possuía algumas salas e um grande salão ao centro, possibilitando que bailes e comemorações da comunidade fossem feitos lá. O local escolhido para a nova sede da escola seria entre as Águas da Barra Mansa e Água do Macaco³⁹. Na época da construção os colonos decidiram que este seria o melhor lugar para se construir a nova escola, pois ficava no centro da Colônia.



Foto 27 – Prédio novo da Escola Alemã – década de 30.

Mesmo a escola se localizando no centro da Colônia, muitos alunos tinham que ficar ou na casa de parentes que moravam mais próximos à escola, ou tinham que andar longas distâncias para chegar até lá. Os pais de Rosa Ludwig optaram por deixá-la na casa de parentes: “Eu morava com um tio, minha irmã também, na Barra Mansa. Então a gente ia a pé, um bom trecho, antigamente a gente fazia isso”. (LUDWIG, 2005)

Nos diálogos obtidos a partir das entrevistas constatei que as reminiscências sobre a Escola Alemã não são construções individuais de apenas um dos alunos que lá estudou, mas as reminiscências são construções coletivas, produzidas a partir do cotidiano das pessoas que viveram naquele lugar ou que fizeram parte daquele contexto educacional. Assim, “a história

³⁸ Líder, chefe – forma como Adolf Hitler era chamado.

³⁹ Atualmente a escola está desativada e está servindo de moradia para uma família de descendentes de alemães, para que a mesma fosse cuidada e não se deteriorasse com o tempo.

de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence.” (LIMA, 2009, p. 22)

Weissheimer recorda que seu pai Gustavo Lamb, resolveu presenteá-la com uma égua, para que a filha não tivesse que andar longa distância a pé. “Eu tinha uma égua, eu não ia pra escola a pé [...], pois morava longe da escola”. (WEISSHEIMER, 2005)

A casa dos alunos em muitos casos ficava distante da escola, por isso, havia a dificuldade de acesso enfrentada diariamente pelos alunos, na época não havia alternativas. Os que tinham cavalos e charretes iam dessa forma, mas a maioria andava quilômetros a pé.

“Eu me lembro de quando chovia, que tinha que tirar o sapato para ir à escola, porque ele enchia de barro e a gente não ia agüentar o sapato. Quando chegávamos tinha um riozinho perto da escola, e a gente lavava os pés, levava um pano para enxugar”.(LUDWIG, 2005)

A dificuldade com a distância que tinham que andar, não atrapalhava o projeto educacional da Colônia. Houve pleno funcionamento da escola, dos anos de 1924 até 1938, com o fechamento da Escola Alemã pelo Decreto 406⁴⁰.

A Escola Alemã da Colônia Riograndense não existiu apenas em um determinado prédio desde o início, mas em três locais diferentes, na escolinha de madeira, na igreja, e por fim no prédio que foi construído para ser a escola. Então, chamamos de Escola Alemã, não só o prédio onde as aulas foram presididas, mas a existência de um modelo educacional que tinha como língua oficial o alemão, com características e objetivos próprios, entre esses, a formação de cidadãos, o resgate da língua e cultura materna e a valorização do contexto social do aluno. Dessa forma, passamos a explicar sobre a forma como o currículo era concebido e organizado. Como o currículo podia privilegiar a valorização da cultura e da língua germânicas? Quais relações de poder estavam implícitas no currículo ensinado na escola?

4.2.2 Currículo

Se nos EC [Estudos Culturais], a cultura é uma arena, um campo de luta em que o significado é fixado e negociado, as escolas, sua maquinaria, seus currículos e práticas são parte desse complexo. (...) Sendo construído culturalmente, o currículo reflete o resultado de um embate de forças, saberes e práticas investem produção de

⁴⁰ BRASIL. **Decreto-Lei nº 406**, de 4 de maio de 1938. Conhecida como “Lei da Nacionalização”. Exige o ensino em língua nacional. Proíbe a circulação de revistas e livros em língua estrangeira. Decreta o fechamento das escolas estrangeiras no país. In: Lex-Coletânea de Legislação. São Paulo: Lex, 1938. BRASIL..

tipos particulares de sujeitos e identidade sociais. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 58)(grifo meu)

O currículo das primeiras Escolas Alemãs do Rio Grande do Sul, de acordo com Rambo, correspondia de início, àquilo que os colonos achavam que os alunos deveriam aprender: o catecismo, a Bíblia, a escrita e a aritmética, os cálculos para o dia-a-dia, e, ainda, cantos religiosos e profanos. No entanto, a partir de 1900 com a melhor estruturação e organização dessas escolas, os colonos passaram a exigir aquilo que se imaginava como “mínimo indispensável” para seus filhos. (RAMBO, 1994, p. 127-8)

Kreutz também argumenta que as matérias ensinadas limitavam-se somente ao necessário: “aprendizado da leitura e da escrita, história bíblica, catecismo (religião) e os fundamentos de matemática aplicados às necessidades cotidianas. (KREUTZ, 1994, p. 9)

Além desses conteúdos básicos a serem ensinados, Kreutz cita como prioridade a formação da cidadania:

O modo de organizar o currículo e o material didático na escola teuto-brasileira, priorizando a formação para cidadania, têm como referência uma tradição milenar de organização econômico-social e política em base comunitária, não centralizada pelo Estado. (KREUTZ, 1994, p. 45)

O autor ainda elenca os três aspectos mais relevantes a partir da análise de documentos sobre o currículo da escola teuto-brasileira:

- a) a questão curricular da escola teuto-brasileira estava diretamente vinculada a um projeto maior;
- b) no currículo da escola teuto-brasileira havia forte ênfase na formação da cidadania, concebendo-se o Estado de forma descentralizada, decorrente da experiência dos imigrantes no país de origem;
- c) no currículo da escola teuto-brasileira transparecia uma atenção contínua para se manter coerência entre proposta pedagógica, objetivo da escola e adequação ao projeto mais amplo dos teuto-brasileiros. (KREUTZ, 1994, p. 38)

Bezerra aponta que o currículo das Escolas Alemãs situadas em meio rural geralmente era organizado em quatro anos, visando o ensino dos rudimentos da escrita, da leitura, de cálculo, diferenciando essas escolas das escolas de classe média e das de elite. (2004, p. 55)

Ribeiro apresenta o avanço do currículo do Colégio Florence durante os anos de sua existência, mostrando que o currículo dessa escola de elite era específico para sua clientela, formada por filhas de famílias importantes na sociedade de Campinas. “Através dos

anos, a instituição incorporou conhecimentos, técnicas e matérias que possibilitaram seu programa conter quatorze disciplinas durante o ano letivo.” (2006, p.103)

Diferentemente das Escolas Alemãs urbanas, cujo público era de elite, as Escolas Alemãs situadas em regiões rurais permaneceram com o currículo básico, ou seja, os conhecimentos aplicados as necessidades do dia-a-dia, com ênfase nos cantos e teatros, como forma de perpetuar um sentimento nacionalista acerca da pátria materna. Como é o caso dessa escola em questão.

E na Escola Alemã da Colônia Riograndense? Quais eram as ênfases dadas ao currículo dessa escola?

Na memória coletiva construída acerca do currículo da escola, há consonância na fala das ex-alunas Herta Weissheimer e Rosa Ludwig.

Weissheimer se recorda do currículo escolar: “Tinha aula de tudo, língua, história, geografia. (...) Tinha teatro todo dia.” (WEISSHEIMER, 2005)

Da mesma forma, Ludwig, também menciona como era a organização curricular.

Era bem avançada, não era assim, nem se compara com as escolas que tinha em volta. (...), por exemplo, geografia e tudo, a gente sem perceber sabia onde ficavam outras pessoas, outros países, hoje em dia você pergunta a uma criança onde fica isso, onde fica aquilo, esse país, eles não sabem responder, esse *ensinava as coisas principais* assim, era matemática, geografia, a língua, e tudo. (LUDWIG, 2005) (grifo meu)

A memória dessas ex-alunas pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente, já que o ato de relembrar insere-se nas possibilidades de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, como afirma Neves,

(...) a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o relembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente. (NEVES, 2000, p. 109)

O currículo estudado na Escola Alemã dizia respeito às representações que os imigrantes tinham do mundo e da sociedade, e era a partir dessa representação que os saberes, os valores e as formas de pensar e ver o mundo, implícitos nesse currículo, eram apresentados. Dessa forma, “sendo construído culturalmente, o currículo reflete o resultado de um embate de forças e seus saberes e práticas investem na produção de tipos particulares de sujeitos e identidades sociais.” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 57)

Kreutz defende também que a escolha do currículo é determinada pelo momento histórico em que se vive, estando inseridos nesse currículo uma seleção de cultura e todo um conjunto de ênfases e omissões que traduzem o que se entende por educação. (KREUTZ, 1994, p. 35)

A ênfase dada pelos imigrantes alemães à produção de material didático para suas escolas, ou seja, um material que atrelasse o ensino da língua alemã com a realidade brasileira, é compreensível na medida em que a cultura e a realidade em que estavam inseridos eram consideradas primordiais no currículo de suas escolas.

O momento histórico que se tinha em cena, na época da existência dessa escola (1925-1938) era marcado pelo sentimento nacionalista, tanto nos países da Europa, como no Brasil. Dessa forma, também faziam parte do currículo escolar, peças de teatro e hinos nacionalistas, tanto brasileiros, como alemães.

O relatório deixado por Trocourt aponta em vários momentos estas atividades dentro das práticas escolares que se tinham, em sua época de professor. Entre elas, cita:

1. Festa de 1º de maio, com apoio do NSDAP ⁴¹;
2. Teatro no dia 7 de Setembro;
3. Transmissões pelo rádio de acontecimentos na Alemanha, como O Dia do Partido, Jogos Olímpicos e o Discurso do Führer.

Também nas lembranças de uma das entrevistadas estes momentos de cunho nacionalista se revelam. Ludwig ao ser indagada sobre a existência do ensino de músicas na Escola Alemã, responde que sempre ensaiavam um hino e que o professor João Trocourt “era muito patriota” (LUDWIG, 2005)

O Hinário utilizado na Escola para o ensino de música também apresenta várias canções patrióticas, tanto em português como em alemão.

No entanto, os teatros e os corais não eram utilizados somente com esse caráter nacionalista, mas também com forma da expressão cultural dos imigrantes, estavam presentes sempre que havia comemorações e festas. A escola, segundo Kreutz (1994), deveria despertar nos alunos “o gosto pela música e pelo canto, que nas comunidades teuto-brasileiras era cultivado com especial ênfase através da formação de corais e da promoção de cantos populares; religiosos e profanos.” (KREUTZ, 1994, p. 54)

A questão religiosa também estava presente de certa forma no currículo dos alunos, já que havia orações, cantos religiosos e mesmo porque a Igreja Luterana serviu de

⁴¹ Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Partido Nacional Socialista.

sede para escola durante algum tempo, como já foi salientado anteriormente. E afinal, a Escola Alemã da Colônia Riograndense era laica ou confessional?

Quanto a esta indagação temos duas posições, nos discursos das ex-estudantes, a de que a escola era laica e a de que havia o hábito das orações diárias.

Retornando as reminiscências dos entrevistados e aos processos da memória, remeto-me a Portelli (1997), que diz :

As recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porem, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p.16)

Tendo em vista a observação de Portelli é compreensível encontrar posições diversas sobre um mesmo assunto, já que as memórias podem ser também contraditórias. Para Ludwig, a escola era laica, ou seja, não tinha nenhuma relação com a Igreja Luterana. Dando voz as suas palavras: “Não, não tinha nada a ver com a igreja, a escola era particular, os colonos que pagavam e construíram a escola com o esforço deles e cada um dava o que podia e tinha uma quantia que a gente tinha que pagar por criança.” (LUDWIG, 2005)

Weissheimer (2005), porém, diz que um dos professores tinha o hábito de fazer orações com os alunos, o que demonstra, de certa forma, mesmo que inconsciente, a religião luterana estava inserida nos ensinamentos e no currículo daquela escola. “O primeiro professor era filho de pastor, então para ele, oração era sagrada, tudo isso.” (WEISSHEIMER, 2005)

Em pesquisa no Instituto Martius-Staden, nos documentos que foram encontrados sobre a Escola Alemã da Colônia Riograndense, um questionário de 1929 respondido pela diretora/professora Gertrud Loreng Heidtmann aponta que oficialmente a escola era denominada como *Gemischte Schule* - Escola Mista, uma vez que há um campo para ser respondido sobre o tipo da escola que poderia ser: escolas para meninos, para meninas ou mista, escola popular ou de elite, escola evangélica ou católica, paritária ou sem confissão.

Juni 1929

Fragebogen

des Landesverbandes Deutsch-Brasilianischer Lehrer.

In doppelter Ausfertigung einzusenden an den zuständigen Lehrerverein oder, falls keiner vorhanden, an den „Landesverband Deutsch-Brasilianischer Lehrer“, São Paulo, Rua Olinda 48

Deutsche Schule in: Kolonie Rio-grandense

Name der Schule: Escola Rio-grandense

Anschrift: Escola Rio-grandense, Maracahy

Munizip: Maracahy Bundesstaat: São Paulo

Art der Schule (Knaben-, Mädchen- oder gemischte Schule; Volks- oder Höhere Schule; evangelisch, katholisch, paritätisch oder konfessionslos):
Gemischte Schule

Jahr der Gründung: 1925 Ist eigenes Schulhaus vorhanden? Ja

Wer unterhält die Schule? Schulverein Rio-grandense

Zahl der Klassen: 3 Zahl der Kinder: 28 a) Knaben: 13 b) Mädchen: 15

Wieviel Kinder deutscher Muttersprache? 28

Welches ist die Hauptunterrichtssprache? Portugiesisch

Ist Lehrerbücherei vorhanden? Kein Zahl der Bände: _____

Ist Schülerbücherei vorhanden? Kein Zahl der Bände: _____

Welche Lehrbücher werden verwandt? 1.º Livro, Cartilha da Infancia, Brasilianischen Atlas, Portugiesischer Grammatik, Historia de Brazil.

Welche unbedingt notwendigen Lehrmittel fehlen? _____

Name des Schulleiters: Bertrud Grichtmann

Zahl der Lehrer: _____ Zahl der Lehrerinnen: 1

Figura 28 – Questionário, 1929 (frente) ⁴²

A *Gemischte Schule* - Escola Mista – se caracterizava como uma escola em que meninas e meninos partilhavam do mesmo espaço escolar. A Escola Mista era a melhor opção para uma comunidade que ainda estava em formação, que tinha poucos recursos físicos e financeiros e contava com membros tanto Evangélicos Luteranos, como Católicos. A escola tinha que abranger a todos.

Algumas informações são muito importantes neste questionário, como por exemplo, as perguntas: “Quantas crianças com língua materna alemã? 28. Qual é a língua

⁴² Tradução em anexo.

principal na sala de aula? Português”. Como que a língua principal seria o Português, se a língua materna de quase todos os alunos que frequentaram a escola neste ano era a alemã?

Kreutz explanando sobre as estratégias de nacionalização progressiva do ensino, diz que já a partir de 1909, o governo condicionava as subvenções às escolas particulares ao uso diário de, no mínimo, duas horas de ensino de português e que na década de 1930, cerca da metade do professores já eram subvencionados pelo poder público. (KREUTZ, 1994, p. 29)

Deste modo, nesta época já estavam em andamento decretos e leis que visavam a nacionalização do ensino, e talvez fosse mais prudente para a professora colocar no questionário que a principal língua ensinada era o português. De acordo com Weissheimer, que entrou na escola em 1930, aos 6 anos de idade, ao ser questionada sobre se a língua ensinada era a alemã, diz:

Só em alemão. O pouco que sei de português eu aprendi com meus filhos, quando eles foram para a escola. Eu não tive escola do governo. Eu saí com doze anos e no último ano, já estava a guerra. Então tinha uma hora por dia de português, se o resto no recreio, colega, amigo, tudo, em casa só se falava alemão. O que se aprende com uma hora por dia. Não aprende nada não. (2005)

Podemos inferir a partir do questionário e das memórias escolares de Weissheimer que 1929 a Colônia Riograndense já sofria pressão quanto ao ensino da Língua Oficial na escola, porém como forma de resistência, conseguiram adiá-lo até por volta de 1936.

Fazendo referência, ainda, ao questionário, tem-se a informação que no ano de 1929 havia 3 classes, com o total de 28 alunos, sendo 13 meninos e 15 meninas. Essas informações são importantes para se entender como o currículo era organizado, para quem e para quantos as aulas eram dirigidas e quais relações de poder permeavam a organização desse currículo.

Esse questionário era uma forma da “Associação Nacional dos Professores de Alemão-Brasileiro”, de São Paulo se informar e ao mesmo controlar o funcionamento da escola, o aprendizado dos alunos e mesmo desempenho do professor.

Juntamente com a preocupação com um currículo organizado e fundamentado de acordo com as necessidades reais e culturais da escola, estava a necessidade da produção de materiais didáticos, exclusivamente com a finalidade de atender as escolas alemãs no Brasil.

4.2.3 Material didático

O material didático das Escolas Alemãs, como já foi mencionado anteriormente, era próprio para escolas teuto-brasileiras, produzido no Brasil, em língua alemã e visando o contexto do aluno no cenário da imigração no Brasil. Kreutz indica que havia uma diretriz específica na elaboração desse material, que seria a partir da realidade local e regional, para que os alunos não tivessem apenas melhor compreensão desta realidade, mas também se engajassem plenamente na mesma. (KREUTZ, 1994, p.46)

Na medida em que se percebia que os livros importados não eram adequados para seu público alvo, mais se intensificava a produção dos livros para a Escola Alemã. Os imigrantes acreditavam que os seus descendentes deveriam ter conhecimento acerca da nova pátria e mesmo do seu idioma, para assim, lentamente, conquistarem a cidadania brasileira.

Houve ampla produção de material didático elaborado especialmente para a escola teuto-brasileira, e os alunos eram efetivamente alfabetizados, dominando os elementos básicos da escrita, da leitura e das operações matemáticas além de se engajarem ativamente nas estruturas comunitárias. (KREUTZ, 1994, p.23).

Kreutz, em 1994, pesquisou o Material Didático na Escola Teuto Brasileira. Uma de suas conclusões resulta na classificação de livros específicos (E), livros de apoio (A) e livros comuns (C), presentes tanto nas escolas brasileiras, como nas escolas alemãs.

No âmbito a Escola Alemã dentro da Colônia Riograndense a lista de livros que encontramos é incompleta. Os livros estão distribuídos entre os ex-alunos, guardados em suas casas ou então em algum acervo particular do que sobrou da escola. Durante a coleta de informações e entrevistas aos ex-alunos, foi possível observar que os mesmos só se lembram do título dos livros didáticos que usaram na escola, mas não conseguem precisar outras informações para melhor identificação do material.

Uma breve análise desses livros confirma as afirmações encontradas nos estudiosos dessa área, ou seja, pedagogia e conteúdo adaptados à nova realidade, um misto de cultura alemã e brasileira.

Segundo Kreutz

Afirmava-se explicitamente, e reiteradas vezes, que o material didático produzido na Alemanha não satisfazia porque não era elaborado a partir da realidade teuto-brasileira e nem para os objetivos da mesma escola. Isto foi enfatizado pelas lideranças religiosas e pelos professores católicos e evangélicos que se lançaram na tarefa de elaborar o material didático. (KREUTZ, 1994, p. 46)

De acordo com nossas pesquisas, os livros didáticos encontrados no âmbito da Escola Alemã dentro da Colônia Riograndense foram os seguintes:

1. SCHLÜTER, W. *Es tönen die Lieder...Deutschbrasilianisches Liederbuch für Schule und Haus*. São Leopoldo – RS: Verlag Rotermund und Co, (1931).
2. Federação dos Centros Culturais 25 de Julho (RS). *Meine Bunte Fibel*. São Leopoldo, RS: Rotermund.
3. Mehrere Lehrer. *Deutsches Lesebuch – 2 Stufe*. Porto Alegre, RS: Selbach & Mayer, 1910.
4. MAYER Jr., João. *Leitura escolar alemã com discussão dialogada – Deutsches Lesebuch mit Wiederholung in Frageform*. Porto Alegre, RS: 1915.

Esses livros também são citados e identificados na Pesquisa de Kreutz sobre os materiais didáticos das Escolas teuto-brasileiras.

Ainda temos os livros indicados no questionário de 1929, referente à Escola Alemã da Colônia Riograndense, citado anteriormente, os quais são:

1. *A orthoepia*;
2. *Coração de Criança 1º livro, Cartilha da Criança*;
3. *Brasilianischen Atlas*;
4. *Portugiesischer Gramatick*;
5. *História do Brasil*.

Desses livros, podemos identificar na pesquisa de Kreutz apenas um com o mesmo título: *História do Brasil*, os demais aparecem, mas com títulos mais completos. Por exemplo: no questionário temos o livro *A orthoepia*, na pesquisa de Kreutz temos *A orthoepia da Língua Portuguesa em exercícios para as escolas allemãs no Brasil*.

A maior parte desses livros elencados não foi lembrada pelos ex-alunos, talvez pelo fato de terem sido utilizados antes do período em que os entrevistados estudaram.

O livro que se encontra nas lembranças dos entrevistados é o “*Deutsches Lesebuch*”. Livro que servia para os quatro anos, e continha quase toda a matéria que eles deveriam aprender durante o curso, de acordo com a entrevistada Herta Weissheimer, que disse ter possuído este livro, mas que hoje já não o tem mais, pois este “se acabou de tão velho”.

Entre os livros didáticos produzidos para as Escolas Alemãs, havia também os Hinários e Cancioneiros, utilizados no ensino de música. Na Colônia Riograndense, utilizou-se o Hinário *Es tönen die Lieder...Deutschbrasilianisches Liederbuch für Schule und Haus*, um livro de canções teuto-brasileiras para ser utilizado na escola e no lar. Este hinário foi me

apresentado pela família de Waldemar Ribeiro de Oliveira, ex-aluno da escola, como sendo uma relíquia que Waldemar guarda dos tempos escolares.

A partir do estudo deste material é possível afirmar que

a formação de uma nova identidade híbrida, alemã e brasileira, já se refletia através das tradições culturais, do sistema escolar e mesmo do material didático por eles produzido, já que os mesmos apresentavam a ligação viva entre as duas pátrias, mantendo um saudosismo em relação à pátria de seus pais e a herança dos antepassados, demonstrando ao mesmo tempo o amor, o respeito e a fidelidade à pátria brasileira. (SILVA; RIBEIRO; FÉLIX, 2009)

O trabalho de análise desses livros didáticos se torna importante, já que “o livro didático é o veículo de um sistema de valores, crenças e normas que norteiam a sociedade, refletindo traços da cultura na qual se inscreve.” (GARBOSA, 2004, p.91)

Chervel afirma que a prática escolar fornece informações sobre a produção do conhecimento que não são encontradas no nível de sua produção dentro da ciência ou em outras instâncias da sociedade. Assim, os manuais didáticos e os cadernos escolares, com milhões de páginas escritas, segundo ele, podem revelar uma história ainda não relatada nem analisada. (CHERVEL, 1990)

Considerando o pensamento de Chervel, acredito ser necessária uma pesquisa mais detalhada a respeito dos materiais didáticos utilizados na Escola Alemã da Colônia Riograndense, assim será possível conhecer também outra história ainda não contada e nem escrita.

4.2.4 Os professores

Não era um homem comum. Embora casado e com filhos, envolvia-o uma aura quase mística. Representava tudo que na comunidade se venerava: as virtudes humanas e religiosas, os valores familiares, sociais, culturais, morais e religiosos. Sendo guardião de todos esses tesouros, entende-se, também, que qualquer desvio em seu comportamento esperado, fosse tão seriamente revelado pelas comunidades. (RAMBO, 1996, p. 174)

Segundo Rambo, o professor era o elemento humano mais importante nas comunidades teuto-brasileiras, já que sua missão extrapolava as paredes da escola, sendo responsável não somente pelo ensino das primeiras letras e fornecimento dos conhecimentos mínimos para conviverem em seu universo social e nele obterem um mínimo de sucesso. A

ele era conferida a incumbência de liderar atividades importantes da comunidade, referentes à religião, à escola, à educação e às iniciativas de natureza social, cultural e econômica. Podia-se até dispensar a presença contínua de um padre, mas o professor tinha que estar sempre a postos. “sua presença, seus conselhos, suas opiniões, enfim, sua liderança eram insubstituíveis.” (RAMBO, 1996, p. 170).

De acordo com Schaden, os professores deveriam ser pessoas da própria comunidade ou que tivessem o pleno domínio da língua alemã e seu trabalho não se limitava apenas às aulas em alemão, mas também a ensaios de coral, de teatro, organizações de atividades festivas ou recreativas nas colônias, entre outras, ou seja, deveriam se envolver nos projetos da comunidade. (SCHADEN, 1963, p. 67).

A escola teuto-brasileira, criada e mantida pelos próprios colonos, estava ligada aos professores internos da comunidade. O professor era membro desta e o seu trabalho não se limitava a ministrar um programa de ensino. Cabia-lhe dirigir o coro nas reuniões de culto religioso e organizar atividades festivas ou recreativas na colônia. Não raro, era também conselheiro dos colonos nas mais variadas situações e podia mesmo exercer as funções de médico ou de juiz. O seu status, bastante variável, dependia da medida em que se mostrasse capaz de corresponder a esses e outros papéis de acordo com as expectativas dos colonos. (SCHADEN, 1963, p.67)

Assim, a tarefa da escola e dos professores era não somente a de ensinar a língua materna aos filhos dos colonos, mas também os valores culturais, sociais e religiosos que faziam parte daquela comunidade.

Os professores que passaram pela Escola Alemã da Colônia Riograndense buscavam também seguir este modelo educacional, que visava o ensino da língua atrelado à transmissão de valores culturais, sociais e religiosos.

Destes professores, sabe-se de três que marcaram a história e estão na memória dos que lá estudaram: Jörgen Wrede, Reinhold Hahn, conhecido como Lehrer Hahn e João Bernardo Trocourt.

O primeiro professor, Jörgen Wrede, era morador da colônia, filho do pastor Heinrich Wrede. Foi escolhido por ter mais estudo que os outros colonos e também por ser filho de pastor, o que, com certeza, garantia a ele maior credibilidade por parte dos outros colonos. Essa situação é apontada por Schaden (1963):

Os seus professores, muitos dos quais colonos um pouco mais letrados do que os que se dedicavam a lavoura, trabalhavam quase sempre em condições precárias e sujeitos à arbitrariedade dos pais dos alunos, mas, por outro lado, exerciam, não raro, grande influência na vida coletiva, porquanto a sua esfera de ação, transcendendo o âmbito estritamente escolar, se estendia a outros setores, como às

atividades religiosas, à política local, à recreação e às relações dos moradores com a sociedade luso-brasileira. (SCHADEN, 1963, p.76)

O segundo professor, Reinhold Hahn, foi o primeiro professor alemão a lecionar na Colônia e foi trazido da Alemanha especificamente para esse fim.

A iconografia abaixo mostra o *Lehrer Hahn*, como era conhecido, e seus alunos nos primeiros anos da Escola Alemã. É possível inferir pela imagem a importância do momento na época: todos estavam bem vestidos, embora a maioria não possuísse calçados. As flores na mão das meninas seria uma forma de estarem bem postas para aquele momento especial. Há um esforço para configurar o estrato social alemão: o professor trajando terno e gravata; os meninos de camisa e calça; as meninas de vestido e adornos, acrescidos das flores. Chama a atenção a falta de sapatos, o piso de terra e a natureza ao fundo.



Figura 29 – Lehrer Hahn e seus alunos – década de 20.

Müller (2009) em suas reminiscências sobre a Riograndense se recorda do jardim que havia na casa em que morava com seus sogros, o qual, segundo ela foi construído pelo *Lehrer Hahn*, em agradecimento a moradia que esta família lhe oferecia na época em que lecionava na Colônia. Mostrando-me as fotografias do jardim, salienta o quanto este professor era querido entre os colonos.



Figura 30 – Criança no jardim. Década de 20.

O jardim feito por *Lehrer Hahn* para essa família era o local agradável para as conversas, para receber as visitas, para as brincadeiras das crianças. As imagens revelam a frequência de jardins junto às casas, cultivo este bem comum na Alemanha, quando se despede do inverno e todos semeiam flores e hortas ao entorno das casas.



Figura 31 – Família conversando no jardim. Década de 20.

João Bernardo Trocourt, o último professor que lecionou em alemão, veio do Rio Grande do Sul. Seu pai era francês e sua mãe era alemã. Este professor ficou na colônia durante treze anos e chegou a lecionar também em português, após a nacionalização do ensino. Era poliglota, sabia falar alemão, português, espanhol, francês e inglês. Devido ao fato de ter permanecido por mais tempo, é o mais lembrado.

Nesta imagem dos alunos com o professor João Trocourt, assim como na outro do Lehrer Hahn com seus alunos, conserva-se o esforço para se acentuar o estrato social alemão: o professor de terno e gravata, meninos de camisa e calça, meninas de vestidos e adornos. O interessante é que nesta imagem a maioria dos alunos já possuía sapatos. E ao invés da paisagem natural ao fundo, aqui, o que aparece é a parede do novo prédio escolar.



Figura 32 – João Bernardo Trocourt e seus alunos. Década de 30

Rosa Ludwig (2005), que foi aluna desse professor recorda-se do importante papel que este professor desempenhou na Colônia Riograndense:

Lembro. Como posso esquecer? Era um professor extraordinário, era João Bernardo Trocourt, acho que tinha alguma coisa de descendente de francês, mas ele era uma pessoa muito capacitada. (LUDWIG, 2005)

O questionário respondido pela diretora Gertrud Loreng Heidtmann, sobre a Escola Alemã, citado anteriormente, sugere que a mesma também lecionou na Riograndense, no ano 1929, haja vista tê-lo assinado nos campos referentes a diretora e a professora.

Além desses dados, o documento traz um mapa de como chegar a escola e uma breve descrição da Colônia, como o número de famílias alemãs e a base da economia, no caso a cultura de alfafa e a criação de porcos. Nas entrevistas realizadas o nome desta professora

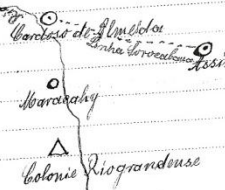
não foi citado, ou por ela ter lecionado pouco tempo escola ou devido ao fato dos entrevistados terem entrado na escola após esse período.

Verzeichnis der Lehrer:

| Name | Ort und Tag der Geburt | Staatsangehörigkeit | Lehrerprüfung | Seit wann in Brasilien? | Bemerkungen |
|---------------------------------|---|---------------------------|---------------|-------------------------|-------------|
| <i>Gerhard Ludwig Heidtmann</i> | <i>João Paulo 13. August 1904</i> | <i>Paulista- mein</i> | | <i>1904</i> | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

Bemerkungen: (insbesondere: Zahl der Deutschen am Ort, ihre Hauptbeschäftigung, Skizze zur Lage des Schulorts)

Besiedelt ist die Colonie von über 60 deutschen Familien, ihre Hauptbeschäftigung ist Alfafabau und Schweinezucht.



Ort und Tag: *Colônia Riograndense 6. Juli 1929.*

Unterschrift: *Gerhard Ludwig Heidtmann*

Figura 33 – Questionário, 1929 (verso).

É interessante destacar neste questionário a forma como a professora responde ao item sobre sua nacionalidade, ao invés de dizer que é brasileira, diz ser paulistana.

Em relação à estadia e moradia dos professores na Colônia Riograndense, os que vinham de fora eram hospedados nas casas dos colonos, e estes garantiam além da hospedagem, o salário e a alimentação. Ludwig (2005), relembra: “O professor João veio e morava um pouco em cada casa, e a gente pagava mensalidade, e assim foi indo”.

Weissheimer, também comenta este fato: “só o professor Jörgen Wrede era morador da Colônia, já os outros vieram de fora e ficavam hospedados nas casas dos colonos, que fizeram esse favor. Pra todos era pesado no começo”. (WEISSHEIMER, 2005)

O gasto com manutenção da escola já era programado pelos colonos, pois tinham consciência da importância desse fator para o desenvolvimento e crescimento da comunidade. Sabiam que através da instrução e conhecimento poderiam obter mais facilmente seus

direitos, se integrar a sociedade brasileira e garantir o sucesso econômico e financeiro, possibilitando bons empregos para os filhos, compra e venda de terras, sem correrem o risco de serem enganados.

Oberacker comenta os gastos dos colonos, que iam desde despesas com a melhoria da propriedade e das máquinas, a dispêndio com festas anuais e religiosas, como a igreja e a escola, entre outros. (OBERACKER, 1965, p. 389)

O fato de o professor morar nas casas dos colonos fez com que a aproximação entre eles crescesse, ficando mais fácil para ambos alcançar os ideais que tinham em relação à escola. Para os colonos, facilitava a participação efetiva da escola nas festas comemorativas da Colônia. Já no caso do professor, na medida em que adquiria confiança por parte dos pais, maiores eram as chances de exercer o seu trabalho com mais autonomia, e de obter sucesso e respeito nas suas aulas, além de fortalecer o seu papel de formador de opinião e detentor do conhecimento diante da comunidade.

Compreende-se assim, que a figura do professor vinha envolta em toda uma atmosfera de respeito e de veneração. Não era um homem comum. (...) Representava tudo o que na comunidade se venerava: as virtudes humanas e religiosas, os valores familiares, sociais, culturais, morais e religiosos. Sendo guardião de todos esses tesouros, entende-se, também, que qualquer desvio em seu comportamento esperado, fosse tão seriamente relevado pelas comunidades. (RAMBO, 1996, p. 174)

A escola representava condição indispensável não só para a preservação dos valores culturais, mas também para a integração harmônica da vida da comunidade. Dessa forma, o professor que lecionava nessa escola, além de ensinar a língua materna dos imigrantes, deveria se envolver nos projetos da comunidade. Na Colônia Riograndense, além das aulas diárias, cabia ao professor o ensaio de músicas e peças teatrais para as datas comemorativas e festividades da comunidade.

Ribeiro cita a contribuição artística, de teatros, danças e músicas, no desenvolvimento do Colégio Florence. Da mesma forma, acredita-se que na Escola Alemã da Colônia Riograndense, o ensino de teatro e música também contribuíram para a formação de seus alunos.

A música, o canto, as peças encenadas contribuíram não só no que diz respeito à parte artística, mas fundamentalmente para o universo cultural. (...) Aprendia-se e assimilava-se uma gama de conhecimentos através do prazer que o trabalho artístico permitia. (RIBEIRO, 2006, p. 104)

Ludwig, que foi aluna do professor Trocourt, diz que ele ensinava canções da Alemanha, como o Hino Nacional, pois era muito patriota, e também sempre ensaiava um “teatrinho” para apresentar nas festas da escola. Weissheimer também se recorda “Tinha aula de tudo, língua, história, geografia. (...) Tinha teatro todo dia.”

Em relatório escrito pelo professor João B. Trocourt, este fato se comprova:

Am 7. September feierten wir der Schule den “Unabhaengigkeitstag”. Wir fuehrten unter anderem ein kleines Drama auf welches wir in der Schule selber erarbeitet hatten: “Independência ou Morte”. (TROCOURT, 1937)⁴³

Vale salientar, a importância do registro escolar como fonte de pesquisa e documentação, já que um dos poucos escritos dedicados especialmente à Escola Alemã da Riograndense foi deixado pelo professor Trocourt, em Língua Alemã⁴⁴.

Na medida em que os professores da Escola Alemã se dedicavam ao projeto pedagógico da comunidade, de ensinar partindo da realidade do aluno e buscando prepará-los melhor para a mesma, dando ênfase sobre a *Realia*, eram construídas também suas práticas educacionais e suas competências. Assim, fazia parte das práticas e da competência do professor preparar o aluno para a preservação e ao mesmo tempo reflexão sobre suas tradições, suas angústias e a resoluções de problemas do dia-a-dia.

Assim, constata-se que a figura do professor e toda representação que se fazia do mesmo estava em torno dos saberes produzidos pelas práticas docentes decorrentes do contexto educacional no qual a escola alemã estava inserida, e ainda, nas tomadas de decisões e mudanças de posturas, entre outras questões, que a vivência em comunidade exigia.

As práticas docentes desses professores estavam estritamente relacionadas com aquilo que a comunidade esperava deles. Ensaiavam coral, poesias, teatros, entre outras atividades. A escola, representada pela presença do professor, era o centro da comunidade, onde todas as decisões e atividades importantes aconteciam. A ela era conferida, assim como ao professor, valor inestimável. “O professor era, portanto, mestre-escola, líder comunitário, modelo para as crianças, para os jovens e os adultos.” (RAMBO, 1996, p.98)

⁴³ No dia 7 de setembro, festejamos na escola o dia da Independência. Nós apresentamos entre outras coisas, um pequeno drama que nós mesmos preparamos na escola: “Independência ou Morte”. (FÉLIX, 2000, p. 71)

⁴⁴ Este documento foi traduzido por Félix (2000), e revela que João Trocourt agradece em carta ao Führer os recursos recebidos para a escola Riograndense...

4.2.5 Nacionalização do ensino e fim da Escola Alemã da Colônia Riograndense

No início da República, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil inicia uma campanha de políticas e ações voltadas para a configuração de um projeto nacionalizador, que buscava inculcar na sociedade ideias e valores de uma homogeneização necessária para que o país se modernizasse.

Bezerra aponta que o ensino de alemão no Estado de São Paulo era acompanhado de perto tanto pelos inspetores escolares estaduais, quanto por representantes do governo alemão, e salienta os decretos e leis que passaram a ser regulamentados para esse fim. Entre eles estão a “Lei 1950, de 8 de dezembro de 1920, que alterou a idade mínima para ingresso na escola para nove anos, e a obrigatoriedade do ensino da língua nacional, especialmente nos estabelecimentos particulares.” Ainda, o Decreto nº 3356, de 31 de maio de 1921, que regulamentou a Lei nº 1750, de 8 de dezembro de 1920 – Reforma da Instrução Pública – através da qual se proibia as aulas para crianças menores em outra língua que não fosse o português. Em 1925 a lei nº 2095, de 24 de dezembro, define que só os brasileiros natos ou os portugueses natos poderiam lecionar as disciplinas de português, história e geografia, - consideradas disciplinas básicas para a divulgação do ideário nacionalista. (BEZERRA, 2007, p. 94- 96).

Assim, com a Campanha de Nacionalização compulsória do governo, começa a haver uma indagação: como poderia ser brasileiro quem não falasse o português? As escolas passam a ser vistas, nesse contexto, como locais ideais para que se formassem desde a infância e juventude, cidadãos patriotas. Deste modo, as escolas étnicas passaram a ser consideradas como espaços que não atendiam à implementação de políticas e práticas pedagógicas consonantes com a campanha de nacionalização.

Esta polêmica coincide com acontecimentos que precedem a segunda Grande Guerra. Sendo estes dois fatos determinantes para a proibição de escolas em línguas estrangeiras, tornando obrigatório o uso do idioma nacional.

Félix menciona umas das principais reformas de Capanema, que foi o decreto 406, com medidas nacionalizadoras a todas as escolas de língua estrangeira no país.

Uma das principais reformas no Estado Novo foi a do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema que empreendeu dura ação repressiva contra as escolas mantidas pelas colônias alemãs no sul do país. A nacionalização do ensino começou em 1938 com o Decreto 406 determinando, entre outras coisas, que o material didático fosse em português, que os dirigentes escolares fossem brasileiros natos e que o ensino de

língua estrangeira fosse proibido para menores de 14 anos. Seguem outros decretos federais, estaduais e municipais reorganizando ou criando novas escolas nas áreas de colonização, nomeando professores, proibindo a importação de material didático e o emprego da língua alemã em público, etc. o projeto de nacionalização empreendido pelo Estado Novo consegue fechar mais de duas mil escolas, sobretudo depois de 1942, quando o Brasil rompeu relações com a Alemanha. Do comércio de compensação com a Alemanha aos ataques nacionalistas contra um “perigo alemão”, a era Vargas marca o auge da história da Imigração e da Colonização Alemã no Brasil.(FÉLIX, 2004, p. 44)

Para inserir uma doutrina patriótica ao processo de educação, mais tarde Vargas usou de vários instrumentos criados através de uma série de decretos, dirigidos ao combate das influências estrangeiras em todas as escolas. As escolas comunitárias e particulares foram as primeiras a receberem as medidas adotadas. A língua estrangeira era associada ao problema da propaganda nazista e fascista. Diante desta nova realidade, com a Campanha de Nacionalização do Governo Vargas, os colonos alemães presenciaram a paralisação do trabalho educacional que cultivaram durante anos.

Para colocar o seu projeto em prática, o governo buscou construir e manter escolas em área de colonização estrangeira⁴⁵, estimular o patriotismo por parte dos estudantes, fiscalizar o ensino de línguas estrangeiras e proibir expressamente que se fizesse o uso de língua estrangeira em assembleias e reuniões públicas, e ainda que alguma escola fosse dirigida por um estrangeiro. Enfim, as escolas alemãs caminham para seu desaparecimento.

Na Colônia Riograndense, a escola permaneceu até 1938, ficando em seu lugar escolas rurais públicas, com o ensino obrigatório da Língua Portuguesa. Oberacker ressalta que os descendentes de alemães haviam construídos três escolas, duas em São José das Laranjeiras e uma na Colônia Riograndense, e no início da nacionalização (1937/38) essas escolas foram temporariamente fechadas. Uma das escolas da cidade (Laranjeiras) tornou-se escola pública e a da colônia ficou inutilizada, sendo que as crianças da Colônia Riograndense passaram a estudar na escola do Bairro Castelo Branco, onde residiam os alemães russos.

Der Staat hat bis heute seinen dortigen staatsbürgern trotz wiederholter Bitte keinen Lehrer gestellt. Sonnst besteht u. W. nur noch in der rußlanddeutschen Siedlung Castelo Branco eine Schule, die wohl auch von Kindern der Deutschriograndenser besucht wird. (OBERACKER, 1965, p. 397)⁴⁶

⁴⁵ Decreto nº 1.545, de 15 de agosto de 1939. Instrui os Secretários Estaduais de Educação para a construção de escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira. Determina o estímulo do patriotismo. In: Lex-Coletânea de Legislação. São Paulo: Lex, 1939.

⁴⁶ O Estado não designou até hoje aos seus concidadãos de lá nenhum professor, apesar dos insistentes pedidos. Fora isso e segundo nosso conhecimento, só sobra uma escola na colônia dos alemães russos no Castelo Branco e está sendo frequentada pelas crianças da Riograndense. (FELIX, 2000, p. 48)

Wrede comenta as dificuldades encontradas pelas crianças durante o processo de mudança do idioma alemão para português nas escolas:

Foi muito difícil para quem estudou naquele tempo. Para o professor João Trocourt, que veio do Rio Grande do Sul, que falava muito bem o português, não foi difícil, mas para as crianças foi muito difícil (...). *Ai acabou a escola alemã e começou as escolinhas em português.* Acabou tudo, por que o professor era pago pelos pais dos alunos (...). Não podia mais falar em alemão, era uma ofensa muito grande para o nosso governo. Era proibido por causa da guerra. Era assim mesmo na igreja. (grifo meu) (WREDE, 2005)

Pela fala de Wrede é possível perceber a concepção que os alemães tinham da educação no Brasil, quando ela diz “acabou a escola alemã e começou as escolinhas em português”, é a ideia de terem perdido o que com sacrifício conquistaram: uma escola organizada, com professores que falavam sua língua e que tinha material didático exclusivo, para terem em seu lugar as escolinhas com professores brasileiros, que falavam o português e que estavam baseadas em uma cultura escolar diferente daquela por eles conhecida e concebida.

Nos anos que se seguiram outras escolas foram sendo construídas para atender a população em seus próprios bairros, facilitando o acesso dos alunos. Sabe-se que existiram escolas no Bairro da Estiva, Castelo Branco, Água dos porcos e em São José das Laranjeiras, todas para atender a comunidade de imigrantes. Os alunos passaram a estudar nessas escolas até a quarta série, e terminavam seus estudos em Maracaí ou em Cruzália.

Houve a iniciativa por parte dos imigrantes de providenciar um professor particular para ensinar a língua alemã para as crianças. Essas aulas eram dadas pelo professor Heinrich Pichol, duas vezes na semana. Ele tinha vários grupos de alunos, que se dividiam de acordo com o bairro em que moravam.

“Tivemos aulas particulares, não na escola, era na casa do professor, ele também ia até Laranjeiras e Estiva e dava aulas lá. Era o Sr. Heinrich Pichol, hoje ele está em Santa Catarina.” (HOFFMANN, 2005).

Ludwig também se recorda que teve professor particular após o fechamento da escola:

(...) depois os meus pais arrumaram um professor particular para eu e minha irmã aprender o alemão e nós aprendemos. Mas também não durou muito tempo. Minha mãe sabia muito bem o alemão e fez com que a gente entendesse bem, aprendesse a ler e escrever muito bem. Eu falo, leio e escrevo o alemão, como o português. (LUDWIG, 2005)

No entanto, com o tempo essas iniciativas particulares foram se enfraquecendo, e a língua alemã foi caindo cada vez mais em desuso, dado que as crianças foram aprendendo o português na escola, e com isso se sentindo parte da sociedade brasileira. Aprender alemão não representava mais os mesmos ideais de outrora.

Além da Nacionalização do Ensino e fechamento das escolas de línguas estrangeiras, que influenciaram diretamente o desenvolvimento da colônia, outro fator que marcou a história do lugar foi a Segunda Guerra Mundial. A partir daí, os colonos passaram por momentos difíceis, e de convidados que foram para habitar um pedaço de chão no interior do Estado de São Paulo, passaram a ser vistos como o perigo alemão, como pessoas não-gratas.

4.3 Vivências Culturais na Colônia: a criação dos Clubes e outras Instituições

A Colônia Riograndense, como já mencionado anteriormente, formou-se basicamente na sua maioria, de alemães oriundos da Alemanha e de migrantes vindos do Rio Grande do Sul. Mesmo tendo como ponto de encontro as igrejas as quais pertenciam e, em comum, a língua alemã, havia entre eles certa divisão quanto à origem dos mesmos.

Esta divisão ficou evidente não só pela forma de como a Colônia foi loteada, mas também pela participação destes colonos em instituições culturais diferenciadas.

A cultura sempre foi valorizada pelos imigrantes e descendentes que vieram para a Colônia Riograndense. É comum na história da Colônia ouvir falar de teatros, corais, bandas musicais e outras formas de expressão da arte e da cultura. Desde a escola alemã estas práticas eram usadas, e com o fechamento da mesma, elas se fortaleceram nas associações e clubes fundados pelos colonos, o Clube da Curva e o Clube Recreativo Lírico da Barra Mansa. Ambos fundados com o intuito de preservar a cultura alemã e de propiciá-la aos seus descendentes.

Pelo fato desses dois clubes terem sido durante algum tempo propagadores da língua e da cultura alemã, continuando de certa forma o papel educador da escola alemã na comunidade, torna-se relevante falar sobre a formação de ambos e também das atividades que os mesmos exerciam.

Vale salientar que até agora não se havia feito a separação entre alemães e gaúchos, dado que estávamos considerando a todos os colonos como alemães, devido a sua ascendência.

Os alemães gaúchos frequentavam com mais rigor o clube da cooperativa – o Clube da Curva, e os alemães da Alemanha, o clube lírico da Barra Mansa - o *Gesangverein Waldlust*.

Ao ouvir as memórias de Hoffmann e Weissheimer pude perceber como estas relações de convívio sociais eram construídas e vivenciadas por eles, já que cada um deles representa um grupo. Hoffmann faz referência aos gaúchos como “o pessoal de lá” e aos alemães, como “o pessoal daqui”. Ao ser indagado sobre o Clube da Curva, o mesmo responde:

Bom, fizeram aquele clube, mas teve poucas apresentações, nós tocávamos em bailes, teatro era apresentado pelo pessoal daqui. (...)
Tinha, no começo aqui era os alemães da Alemanha e lá os alemães gaúchos. Eles achavam que eram diferentes. Nos bailes não demorava o pau quebrava, era os daqui com os de lá. Isso foi só por certo tempo, a juventude acabou com tudo isso aí. (HOFFMANN, 2005)

Weissheimer relembra desta diferenciação quando se remete aos clubes que existiam na Colônia:

Lá (*clube lírico*) a gente frequentava menos, como todo o pessoal da colônia era conhecido de vez em quando, quando tinha alguma festa especial a gente ia lá. A gente participava mais do clube da curva. Quem construiu esse primeiro clube foi o meu irmão e o meu primo. (WEISSHEIMER, 2005)

Essa divisão que existiu entre os colonos da Riograndense pode ser entendida a partir da questão da formação da identidade de um povo e das representações das diferenças que a perpassa.

Silva, explanando sobre a questão da identidade e diferença, afirma:

E por meio da representação que por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. (...). É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. (SILVA, 2000, p.91).

O autor ainda ressalta que essa demarcação de fronteiras e essa separação afirmam e reafirmam relações de poder, uma vez que “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”.” (SILVA, 2000, p.82).

Oberacker também evidencia em seu artigo sobre a Colônia Riograndense o olhar do alemão para o gaúcho, e vice-versa, ou seja, as representações sociais construídas por cada grupo. De acordo com o autor, os alemães sentiam-se superiores devido aos seus conhecimentos culturais e situação econômica, já os gaúchos, sentiam-se superiores pelo fato de terem maiores conhecimentos sobre o Brasil.

Im allgemeinen aber läßt der Reichdeutsche dem Deutschriograndenser seiner Überlegenheit, die zweifelsohne auf kulturellem, manchmal auch auf wirtschaftlichem Gebiet besteht, allzu sehr fühle. Er nennt ihn den "Schlappenbruder", weil er Lederschlappen statt der Schuhe trägt. Neu-Riograndense heißt scherzhaft und spottweise bei den Reichsdeutschen allgemein die "Schlappenkolonie". Der Deutschriograndenser pocht gegenüber dem Reichdeutschen weniger auf sein Brasilianertum – er ist unter Umständen sogar beleidigt, wenn man ihn als "Brasilianer" im Sinne vom Kabokler bezeichnet –, er ist jedoch sehr stolz auf seine riograndenser Heimat und nennt sich selbst "Gaúcho", d. h. Riograndense. [...] Der Reichdeutsche hat im übrigen am Riograndenser auszusetzen, daß der immer leicht "mit dem Messer bei der Hand ist." (OBERACKER, 1965, p. 392-3)⁴⁷

Oberacker complementa que além desses dois grupos, há o grupo dos alemães-russos, que vivem um tanto distante dos alemães da Alemanha e dos gaúchos. E salienta, que embora os três grupos lingüísticos do alemão com origem historicamente distinta não estão intimamente unidos. (OBERACKER, 1965, p. 393)

O autor acrescenta ainda, que o Departamento de Relações Exteriores e o Consulado Geral em São Paulo projetaram a Colônia Riograndense como região para colonização dos alemães russos, os quais trabalhavam nas lavouras de café antes de se estabelecerem na colônia.

Trocourt relata que os alemães russos chegaram à Colônia Riograndense em 1936, juntamente com suas famílias da Prússia Oriental, vindos das fazendas de café. (TROCOURT, 1937)

O processo de divisão ou separação que envolveu as representações acerca dos colonos da Riograndense é entendido a partir das oposições binárias estabelecidas pelas relações de identidade e diferença que permearam esses colonos, e mesmo pelas relações de poder que envolveram esta comunidade.

⁴⁷ Mas em geral, os alemães da Alemanha deixam transparecer bastante aos riograndenses sua superioridade que se baseia indubitavelmente em conhecimentos culturais e, às vezes, em condições econômicas. O alemão da Alemanha chama o riograndense de "pé-de-chinelo", porque ele calça chinelo de couro em vez de sapatos. Nova Riograndense é como se chama carinhosamente a nova área de colonização e, fazendo gozação, sobretudo no meio dos alemães da Alemanha, ela é chamada de "colônia dos pé-de-chinelos". Os riograndenses gabam-se a frente dos alemães da Alemanha de seu conhecimento sobre o Brasil – mas o riograndense até se sente ofendido se for chamado de "brasileiro", no sentido de caboclo – fica orgulhoso, no entanto, com sua origem riograndense e se autodenomina "gaúcho", que significa riograndense. [...] o alemão da Alemanha crítica que os riograndenses estão sempre com a faca na mão. (FÉLIX, 2000, p.19)

O fato da construção dos dois clubes na Colônia aponta a diversidade cultural e de valores que permeavam a comunidade, culminando em uma disputa por lugares sociais.

Ambos os clubes eram palco de grandes festas e comemorações. O clube da Curva, por exemplo, tornou se ponto de referência, pois além de ser local de diversão e recreação, seus frequentadores podiam também fazer suas compras na venda que havia ali.



Figura 34 - Clube da Curva – colonos na venda. Década de 40.

Além dessas atividades havia outras relacionadas à igreja, como o encontro da OASE⁴⁸, como comenta Weissheimer: “Sim, tinha tudo isso, tinha também atividades da igreja, retiro de senhoras que vinham de longe, lá do Paraná, de Maringá, de Rolândia, de Londrina. Era aquela festa. Tudo no Clube da Curva. Esse clube era muito frequentado”. (2005)

A imagem que se segue retrata um desses encontros de senhoras da OASE, que eram sediados no clube da curva.

⁴⁸ OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, fundado no Brasil em 1899 em Rio Claro-SP. Trata-se de um grupo de mulheres da Igreja Evangélica Luterana que têm como objetivo o auxílio a Igreja.



Figura 35 – Encontro de senhoras da OASE, no Clube da Curva. Década de 40.

Nesse clube havia apresentação de danças do grupo de danças folclóricas da Colônia Riograndense o “Goldener Sonnenschein”, tendo a sua primeira apresentação na inauguração do novo salão do Clube da Curva, em 1984. Muitas festas típicas foram realizadas no local, e pessoas de toda região, vinham à Colônia, atraídos por essas grandes festas, como por exemplo, a realização da festa em comemoração ao dia da Imigração Alemã e da *Oktoberfest*, a festa do chope, como retrata a imagem abaixo.



Figura 36: Oktoberfest no clube da curva, 1984.

Abaixo, o Clube da Curva na década de 1980, com suas instalações novas e em plena atividade.



Figura 37: Visão panorâmica do Clube da Curva, na década de 80.

Quanto ao Clube Recreativo Lírico da Barra Mansa, Hoffmann se recorda,

Esse Gesangverein Waldeslust funcionava de início dentro de um barracão de alfafa, em 1965 foi então construído o salão que existe hoje, inaugurado em 1 de março de 1965, e as atividades continuaram até 1980 mais ou menos, depois disso quase mais nada. Diminui-se o pessoal. (HOFFMANN, 2005).

No Clube Lírico, além das constantes apresentações de peças teatrais em alemão, do coral masculino “Manner Gesangverein Waldeslust” e do coral de Trombones, havia também o conjunto musical “Edelweiss”, formado pelos moradores do Bairro da Água da Barra Mansa. O conjunto tocava em bailes em toda região, principalmente nos bailes do Clube Lírico.



Figura 38: Grupo Musical: “Edelweiss”. Década de 40. (Família Mielke)

Segundo Hoffmann, o senhor Heinrich Pichol, era quem de certa forma animava e liderava o núcleo da Barra Mansa. Era ele quem ensaiava os corais e o conjunto musical que lá existia, além de lecionar alemão após o fechamento da escola.

O senhor Heinrich Pichol foi à escola no Rio Grande do Sul, numa escola onde se forma pastor, mas ele não se formou pastor, mas ele falava bem o alemão por causa disso, por isso ele lecionava alemão aqui na Colônia. Além disso, ele tocava alguns instrumentos, era músico, dirigia coral, tínhamos o coral só de homens que ele dirigiu muito tempo, mais tarde tinha vários corais, dois de igreja, outro só de instrumentos, dois conjuntos, do qual de um eu fazia parte. O conjunto do qual eu participei 20 anos se chamava “Edelweiss”, Edelweiss é uma flor dos Alpes suíços, pois as pessoas principais do grupo eram suíças. (HOFFMANN, 2005).

Ludwig se recorda das comemorações e festas que tinham no clube lírico:

“Tinha festas de Natal, com Papai Noel, que presenteava os filhos dos sócios, tinha o Coral de Homens, tinha teatro, eu era pequena, mas já participava de alguma coisa. Tinha várias festas por ano e todos iam, porque não tinha outra coisa”. (LUDWIG, 2005)

Nesse clube também funcionava uma espécie de biblioteca, denominada de “Biblioteca Gesangverein Waldeslust”, onde os moradores do bairro podiam frequentar e emprestar os livros. Segundo o senhor Hoffmann, estes livros foram doados pela Embaixada Alemã, após o término da 2ª Guerra, já que nesta época muitos dos livros que existiam na Colônia haviam sido queimados pela polícia.

Lá era como uma biblioteca (...). O Consulado Alemão mandava muitos livros. Tem uma grande pilha de livros lá dentro da Igreja, também. O Consulado mandou para a Cooperativa, eu trabalhava essa época na Cooperativa, e como ninguém estava interessado em ler o Presidente de lá falou para eu levar os livros pra algum lugar que eu quisesse, e eu os levei para a Igreja (...). Nós representávamos muito teatro em alemão também, e a comunidade sempre ia para assistir (...). Isso depois da Guerra. (HOFFMANN, 2005).

A imagem abaixo apresenta o Clube Lírico atualmente, praticamente sem atividades comemorativas e culturais. Local que foi palco de tantos teatros, danças, apresentações musicais, entre outras, hoje se encontra quase em total desuso pelas poucas famílias que ainda residem no local. O clube somente é usado em algumas festividades, como a chegada do Papai Noel no Natal e aniversários.



Figura 39 – Clube Lírico da Barra Mansa, 2010.

Enfim, os processos e as práticas educativas dessa Colônia Riograndense estiveram em pleno funcionamento, tanto nas esferas escolares, como nas esferas culturais, até por volta de 1938, quando o governo Vargas baixou o decreto nacionalista proibindo o uso da língua estrangeira nas escolas, nas igrejas, e em outros segmentos da sociedade. Assim, embora houvesse resistência por parte dos alemães, as aulas, os cultos religiosos e as comemorações festivas tiveram que ser abasileirados, o que acarretou o aceleração do processo de aculturação nesta colônia e em tantas outras no Brasil. Somente após o final da Segunda Guerra é que a Colônia Riograndense pode voltar a ter seus cultos e as festividades em seus clubes de acordo com o costume alemão.

A escola alemã, no entanto, permaneceu fechada. Assim, as vivências culturais e linguísticas propiciadas pelas atividades que esses clubes realizaram, deram continuidade, de

certa forma, ao projeto educacional dos alemães, firmando essa educação não institucionalizada como meio de formação e de inserção de seus filhos na sociedade brasileira.

Porém, nos dias atuais, tanto o Clube Lírico, como também o Clube da Curva, que outrora eram palcos de grandes comemorações da cultura alemã, aos poucos foram desaparecendo do cenário da Colônia Riograndense, ambos os clubes encontram-se praticamente desativados. A falência da Cooperativa e o processo de aculturação natural dos colonos, talvez sejam os responsáveis por este fato.

4.4 De convidados a *Personas non gratas* – repercussões da Segunda Guerra Mundial na Colônia Riograndense – o perigo alemão

A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível, pode levar-nos a interpretar a História por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós — sem negar sua existência, sem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela— qualquer que seja. (ARENDETT, 1979, p. 10)

O relatório⁴⁹ de Trocourt sobre a Escola Alemã na Riograndense é importante fonte de registro para se conhecer os alicerces e as praticas educativas dessa escola. Uma das possibilidades que o documento apresenta é a ligação da Escola Alemã, da comunidade ou do professor João Trocourt o nazismo.

Esse relatório indica subvenções ao NSDAP e a grande admiração do professor pelo “Führer”, Hitler. Canções alemãs de cunho nacionalista e o hino da Alemanha eram frequentes durante as aulas do professor, porém não se sabe se essas canções faziam parte dos hinos da Juventude Hitlerista da Alemanha. (SILVA, 2006, p. 26)

Escrito em 1936, o relatório traz um breve histórico sobre a formação da Colônia, a criação da escola, as visitas importantes que a colônia recebia (como a do Cônsul Geral Dr. Speiser), o número de alunos e as práticas escolares e culturais que faziam parte do seu entorno. Devo ressaltar que a sigla NSDAP⁵⁰ e a palavra Führer são citadas neste documento, dado que há um relato das atividades do partido que são desenvolvidas no local, nos levando a

⁴⁹ Este documento se encontra conforme o original em anexo.

⁵⁰ Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional Socialista.)

acreditar na possibilidade de existido mesmo um vínculo ao nazismo. “Die erste Veranstaltung die wir machten, war die Feier des 1. Mai; zusammen mit dem Stuetzpuentkt der NSDAP. Eine einfache, aber eindrucksvolle Feier.”⁵¹ (TROUCOURT, 1937)

Mais adiante, o professor continua: “Radioabende” liessen uns vieles von Deutschland miterleben. So die Olympischen Spiele, den Parteitag, die grossen Reden des Führers usw.”⁵²



Figura 40: Visita do Cônsul Geral Dr. Speiser à Colônia Riograndense, 1938.

É evidente que a referência ao partido nazista, não existia somente na escola da Colônia Riograndense, mas também em outras escolas alemãs espalhadas pelo Estado de São Paulo ou pelo Brasil, de acordo com as considerações de Dietrich:

Os professores iniciavam a aula com o Heil Hitler e em seus uniformes era visível a suástica nazista. Os alunos se reuniam em movimentos como 'Juventude Hitlerista' e cantavam os mesmos hinos da Juventude Hitlerista da Alemanha. (DIETRICH, 2001).

As repercussões da Segunda Guerra também chegaram à Colônia Riograndense. Nas colônias localizadas na zona rural este processo se deu mais lentamente, mas não com menor importância. A Colônia Riograndense, nesse período, já era considerada uma das maiores produtoras de alfafa do Brasil, e seu produto era vendido para alimentar a cavalaria do Governo paulista. Dessa forma, a colônia chamava a atenção por seu auge econômico e

⁵¹ A primeira comemoração que fizemos foi a festa do 1º de maio, juntamente com o Grupo de Apoio ao NSDAP. Uma festa simples, mas impressionante. (FÉLIX, 2000, p. 70)

⁵² Transmissões de rádio permitiram-nos saber muita coisa da Alemanha: os Jogos Olímpicos, o Dia do Partido, o grande discurso do “Führer”, etc. (FÉLIX, 2000, p.71)

mesmo por apresentar e cultivar práticas culturais, educacionais e linguísticas diversas da região. Dessa forma, a colônia tinha grande representação social no contexto em que estava inserida, por isso, não passava despercebida aos olhos da sociedade.

Com os desdobramentos da 2ª Guerra Mundial, tendo o Brasil se posicionado contra a Alemanha, esses alemães que ora foram convidados a se instalarem no Brasil, começaram a ser associados ao nazismo e a pessoa de Hitler, embora nem todos fossem simpatizantes ou fizessem parte do partido nazista. A partir disso, de convidados que foram através das várias propagandas que se fazia na Alemanha acerca do Brasil, e no caso, dos lotes de terra da Colônia Riograndense, os alemães passam a ser considerados como pessoas não-gratas, não quistas pela sociedade brasileira, pessoas perigosas, parceiras de Hitler.

De acordo com as reminiscências dos entrevistados, o período da Segunda Guerra Mundial foi uma época bastante conturbada na Colônia Riograndense, pois a polícia invadia as casas dos colonos que julgavam suspeitos e realizava a apreensão de objetos considerados "armas brancas" no contexto da guerra, como máquinas fotográficas, rádios comuns e rádios transmissores da comunidade. Livros, objetos e cartas pessoais, revistas, entre outros também eram queimados e confiscados pela polícia. O que sobrou de material escrito foi o que os alemães conseguiram esconder, como relata Hoffmann:

A polícia veio procurar principalmente livros, eles achavam que os alemães tinham livros de propaganda de Guerra, mas que eu saiba não tinha nada disso. Inclusive meu avô, Heinrich Wrede, pai da minha mãe, era pastor, e até ele não gostava muito de Hitler porque ele perseguia os pastores, os padres, mandava tirar a Cruz das Igrejas, ele não gostava de Hitler. Ele tinha muitos livros, mas tudo livros religiosos, sacros, nada de política. Inclusive, tem um monte aí. Mas a policia não sabia ler em alemão. Então tivemos que esconder muitos livros. (...). Eu sei que certa pilha de livros foi escondida dentro do banheiro de fora, e não é que eles foram procurar lá, mas por sorte, tinha um enxame de abelha lá dentro e eles não entraram, porque as abelhas vieram na porta. (HOFFMANN, 2005)

Oliveira, ex-aluno da Escola Alemã da Colônia Riograndense, em seu relato, comenta a experiência que vivenciou como brasileiro e falante da língua alemã.

Foram na colônia, tomaram as coisas, revistas lindas, que nada tinha ver com a guerra, nem com nada... Eles levavam embora livros, estatuetas, tomavam tudo. Foi uma rapinagem. E eu fui nomeado tradutor, o que me marcou demais. Em casa nós fizemos uma reunião pra ver como é que eu ia fazer, que atitude devia tomar. Eu não queria fazer aquilo. (OLIVEIRA, 2009)

Mais adiante, Oliveira retrata uma situação em que foi obrigado, como intérprete, a adentrar a casa de pessoas que haviam convivido com ele na Colônia, juntamente com a polícia:

Tinha a família desse alemão que me levou para Assis quando eu quebrei o braço, o nome dele era Alberto Scher (sic) e era amicíssimo do meu padrasto. Era um líder entre os alemães, uma criatura boníssima, fora de série.

Um dia esse fdp desse Horácio Lobo vai com a polícia lá em casa, me pega e me leva na casa dele. Ele tinha um livro de poesias alemãs, ele pegou o livro e levou. O Alberto não estava em casa. Estavam os pais dele, velinhos, e eles diziam pra mim:

- Mas Waldemar, é poesia, de 50, 100 anos atrás. Porque fazer isso?

- Frau Scher, o que é que a Sra. quer que eu faça? Não sou eu não, são eles!

- Eu sei, eu sei....

- A guerra marcou por essas coisas. Coisas pessoais, particulares. (OLIVEIRA, 2009)

As repercussões da Segunda Guerra na Colônia Riograndense trouxeram uma conotação negativa a seus moradores. A ligação com o partido Nazista fica identificada a partir do relato do Professor João Trocourt, que de certa forma era como o líder do partido na colônia, já que era o responsável por receber e repassar recursos a escola, clubes e associações. Não se pode afirmar quantos integrantes faziam parte da organização de simpatizantes do NSDAP, e nem mesmo quem eram, além do Professor Trocourt. A disciplina era rígida, quem não a seguisse era castigado, como recorda Hoffmann (2005) ao se indagado sobre a existência de castigos: “tinha sim, eu vi, ele batia em alguns alunos. Mas era uma disciplina, para entrar ele ficava na porta, e cada qual dava a mão, e para ir embora a mesma coisa. Dentro da classe não se ouvia uma borracha cair, era silêncio absoluto.”

De acordo com o relatório de Trocourt, festas escolares eram feitas com a ajuda do Grupo de apoio ao NSDAP, e o Hino da Alemanha era entoado sempre. As transmissões de rádios diretas da Alemanha eram ouvidas atentamente por seus conterrâneos no Brasil. Dessa forma, de mansinho, os ensinamentos do partido iam se incutindo nos alunos.

Com a presença da polícia constantemente invadindo casas, sem distinção, e queimando todo tipo de material impresso, o Grupo de apoio ao NSDAP foi perdendo seus adeptos e seu espaço na Colônia Riograndense.

Diante do exposto nesse capítulo, pode-se afirmar que a escola era o lugar legítimo de acesso à cultura e à língua. O seu fim acarretou perdas irreparáveis naquela colônia, como o desuso da língua alemã pelos descendentes e a ruptura de um projeto maior da comunidade: de valorização da cultura e língua alemã e promoção efetiva da cidadania. Fato este, que Rosa Ludwig ressalta também em sua fala: “os filhos vão crescendo, vão esquecendo a língua dos antepassados, e acabam sendo descendentes, que carregam o nome dos pais ou avós, que um dia vieram da Alemanha, mas que não falam mais o alemão.” (LUDWIG, 2005)

Rambo ressalta que

O alemão, portanto, representava, além da língua da comunicação corrente, o veículo transmissor por excelência dos valores e da tradição cultural. Significava, por isso, a condição sem a qual a identidade teuto-brasileira, com muita rapidez, teria desaparecido do cenário colonial. (RAMBO, 1996, p. 178)

Dessa forma, com o fim da Escola devido a Nacionalização do Ensino e mesmo com as repercussões da Segunda Guerra Mundial no cotidiano da Colônia Riograndense, com as severas proibições quanto ao uso da língua alemã nas diversas esferas sociais e culturais, o idioma, transmissor dos valores e da tradição alemã, foi aos poucos deixando de fazer parte do contexto da colônia.

O convívio escolar com os filhos dos brasileiros, com a língua portuguesa e com os hábitos do Brasil, permitiu que a geração dos filhos dos imigrantes optasse pelo uso do português, uma vez que era dessa forma que eram compreendidos pela sociedade, pelos amigos, na escola, enfim em suas relações sociais.

O casamento com pessoas de fora da Colônia Riograndense e que não tinham ligação com os alemães, forçou, ainda mais, a integração. Pais que sabem alemão dialetado e não foram alfabetizados em alemão, não conseguiram repassar sua formação aos filhos. Filhos alfabetizados em língua portuguesa tendem a rejeitar a falta de escolaridade dos pais, e conseqüentemente o dialeto alemão falado por eles.

Assim, a língua alemã acabou perdendo força, facilitando o processo de aculturação ocorrido anos mais tarde na colônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar e escrever sobre a Educação Alemã na Colônia Riograndense propiciou-me uma experiência muito rica. O fato de o tema ter sido pouco abordado em pesquisas anteriores possibilitou maior liberdade na escolha dos tópicos, e também, na apresentação de materiais inéditos, sob o ponto de vista histórico, cultural, linguístico e educacional.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa trouxemos a tona não somente aspectos da formação da Colônia Riograndense, da existência de uma escola de orientação alemã, de clubes, de corais, mas também um pouco da experiência de vida dos que de fato construíram e participaram da história da Educação Alemã na Colônia Riograndense. Os depoimentos orais deram vida aos fatos ocorridos, ora afirmando, ora completando, ora discordando daquilo que os documentos escritos nos traziam. Com isso, pudemos adentrar a alma do imigrante alemão, para a partir de suas reminiscências vislumbrar a história sob o prisma de quem a viveu, de quem a testemunhou. E, reconhecer, dessa forma, a importância da memória na história da educação, haja vista que o olhar para o passado permite-nos vislumbrar melhor o presente, e com isso melhorá-lo.

Com base na História Cultural pode-se evidenciar como as práticas culturais, escolares, religiosas e sociais se desenvolveram na Colônia Riograndense, como as relações do imigrante alemão eram construídas e vividas na sociedade brasileira, como eles eram vistos pelos brasileiros e como eles entendiam o Brasil.

Diante disso, havia um desafio: que material selecionar? Quais fotos? Quais documentos? Quais trechos dos relatos? O que de fato poderia evidenciar a história da educação na Colônia Riograndense, a história de uma Escola Alemã em meio rural, onde a princípio só existiam florestas? Enfim, foi necessário fazer escolhas.

Dessa forma, os capítulos foram organizados partindo de aspectos gerais até chegar ao objeto de pesquisa: A educação alemã.

No primeiro capítulo ressaltaram-se as bases metodológicas da pesquisa, a História Oral e a História Cultural, e a importância das mesmas nesse trabalho de construção histórica e cultural dos processos educacionais da Colônia Riograndense.

No segundo capítulo discorreu-se sobre a presença do imigrante alemão no solo brasileiro, os motivos que tiveram para imigrar, alguns aspectos da Imigração Alemã no Brasil, a contribuição e a inserção dos alemães na sociedade brasileira. Ainda, uma breve

explicação sobre o contexto brasileiro, ressaltando questões políticas, sociais e educacionais da época.

O terceiro capítulo é permeado pela história da Colônia Riograndense, sua formação, economia e religiosidade.

Enfim, no quarto e último capítulo, considerado como o principal, foi apresentado, de fato, os processos educacionais da Colônia Riograndense, tanto em relação a educação escolar, através da Escola Alemã, como também em relação a educação propiciada pela família, pela igreja (Luterana x Católica), pelos clubes, peças teatrais, coral, enfim pelas vivências em sociedade.

Desde modo, chega-se ao fim dessa pesquisa com algumas considerações.

A questão cultural sempre foi algo muito prezado pelos alemães e seus descendentes. É comum na história de suas colônias, como no caso da Riograndense, encontrar referências sobre o relevante valor que atribuíam a teatros, músicas, danças, livros e especialmente à escola, local impar para o desenvolvimento da colônia. A escola de fato era o lugar de acesso à cultura, a língua e, sobretudo de formação da cidadania.

Havia uma proximidade muito grande entre a escola e igreja. Ambas as instituições eram o alicerce de uma colônia de alemães. Uma amparava a outra. O professor era o detentor do conhecimento, do poder de decidir, guiar, aconselhar, além de ensinar os conteúdos escolares aos alunos, ensaiar coral, danças, teatro.

Em relação às práticas escolares, e ideais educacionais, pode-se dizer que estes imigrantes foram modernos ao seu tempo. Perceberam desde o início que o material didático a ser utilizado na escola, haveria de ser produzido de acordo com a nova realidade dos alunos, que iriam aprender alemão como língua oficial, mas que também deveriam conhecer os aspectos do novo mundo em que estavam inseridos. E ainda porque tinham consciência da necessidade da participação da comunidade na escola, como forma de lutarem por objetivos comuns e concretizarem o modelo de educação por eles idealizado. É evidente, a relação da *Neue Schule* – escola nova – implantada pelos alemães nas colônias em que se instalavam, e no caso, na Colônia Riograndense, com o Movimento dos Escolanovistas, no sentido de defenderem que a educação deve ser concebida a partir da realidade em que se vive, ou seja, a partir do contexto real.

Quanto aos aspectos lingüísticos, resalto o termo “*Brasilianisch* que aparece quase sempre nos textos em alemão, se referindo à Língua do Brasil, se contrapondo com a designação de português, consagrando por antecipação a polêmica de uma língua nacional.

Os nomes e designações gerais, assim também, a propaganda sobre os lotes à venda contém adaptações ou sinais de interferência linguística, demonstrando uma integração entre cultura e língua brasileira e alemã. Como exemplo, o nome de um dos mais famosos colonos da Riograndense, Michael Lamb. Nos documentos encontrados, tanto em língua alemã, como em língua portuguesa, temos três adaptações para seu nome: Miguel, Michel e Michael. Oberacker em seu artigo sobre a Colônia Riograndense traz a designação “Michel”, Sommer em artigo o trata por “Miguel”, assim como em propagandas sobre os lotes de terra. Na carta de Waldemar Ribeiro de Oliveira ao Presidente da Cooperativa nota-se Michael. Em outros documentos, percebe-se o nome do mesmo rasurado e corrigido para Michael, como seria correto na grafia da língua alemã. Na pesquisa utilizei Michael. Enfim, ao se traduzir nota-se a estrutura do português no alemão, comprovando a ideia da língua e cultura alemã e brasileira já estarem em plena integração desde o início da colonização, mesmo que de forma inconsciente.

Após a nacionalização do ensino, diferentemente das escolas alemãs de elite, ou localizadas em grandes centros urbanos, a Escola da Riograndense não teve poder de resistência para se manter aberta. Com a nacionalização do ensino, os desdobramentos da Segunda Guerra e as perseguições policiais, a escola permaneceu em língua portuguesa por um tempo e em seguida fechou. Representou o fim de um ideal de educação, e o aceleração de um processo de aculturação natural.

A guisa de conclusão é importante salientar que nos dias atuais a Colônia Riograndense já não apresenta as mesmas características de outrora. Já não se ouve por lá o som dos grupos musicais a tocar as marchinhas alemãs nas grandes comemorações típicas, já não é possível ver o colorido dos trajes e vestimentas dos grupos de danças folclóricas que animavam e embelezam as festas. As festas típicas alemãs estão cada vez mais raras. Os clubes estão desativados. Muitos dos filhos dos imigrantes já não se encontram mais na colônia, saíram para estudar, para trabalhar.

No entanto, alguns resquícios sempre permanecem. A língua alemã ainda é falada pelas senhoras e senhores em suas residências ou nas reuniões casuais, da igreja, dos aniversários e casamentos. Em suas residências ainda podemos observar lindos jardins, costume trazido por seus antepassados. A culinária e o chope também se mantêm como forma de tradição. Percebe-se que os descendentes alemães se esforçam para manter algumas tradições que julgam importantes, principalmente no que diz respeito a datas comemorativas, como a chegada do Papai Noel para as crianças, a preparação dos ovos da páscoa, a festa da imigração, etc.

Não fosse a nacionalização do ensino, o malogro da alfafa, os episódios da Guerra, e mais tarde a falência da Cooperativa, esta região seria hoje uma pequena Alemanha no interior do Estado de São Paulo. Mesmo assim, foi a maior colônia alemã deste interior e exportou alemães e descendentes para cidades vizinhas, e mesmo para outros estados e países. Pode-se afirmar que o projeto educacional da Escola Alemã na Colônia Riograndense deu certo, formando os filhos dos colonos para postos melhores de trabalho, mas na medida em que exportou esta mão de obra qualificada, impôs também, lenta e gradualmente o fim da Colônia Riograndense.

Dessa forma, a educação na Colônia Riograndense aponta para as seguintes considerações: na medida em que os filhos dos colonos se formaram, os mesmos foram em busca de mercado de trabalho, o que resultou na saída destes da Colônia; os filhos dos colonos que não estudaram permaneceram no lugar cuidando do patrimônio herdado de seus pais; com a morte da geração destes que ainda permaneceram na Colônia, cujos herdeiros na maioria das vezes não falam mais o alemão, a cultura, a língua e a tradição vão se perdendo, e conseqüentemente a Colônia Riograndense também vai deixando de ter suas características de colônia alemã.

Os estudos sobre a educação alemã na Colônia Riograndense não se esgotaram com este trabalho. Ainda há muito para ser pesquisado, pessoas para ser entrevistadas, histórias para serem ouvidas, materiais para serem compilados e muitas questões que podem e devem ser ainda discutidas e questionadas em futuras pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. **A colonização agrícola holandesa no estado de São Paulo**. Holambra I. São Paulo: Instituto de Geografia da USP (Série Teses e monografias, nº6), 1971.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo. Anti-semitismo: instrumento de poder**. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.

BEZERRA NETO, L. **Sem terra aprende e ensina: Um estudo sobre as práticas educativas e formativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - 1979-1998**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BEZERRA, M. C. S. **Imigração, educação e religião: Um estudo histórico-sociológico do Bairro dos Pires de Limeira, uma comunidade rural de maioria teuto-brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BEZERRA, M. C. S. **As estratégias de inserção de imigrantes teuto-brasileiros na realidade nacional. 2007**. Disponível em: <
<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Maria%20Cristina%20dos%20Santos%20Bezerra%20-%20completo.pdf>> Acesso em: 01 jul 2010.

BEZERRA, M. C. S. **Educação étnica: a pluralidade das propostas educacionais de origem germânica no Estado de São Paulo (1863-1965)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1993.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Conhecida como “Lei da Nacionalização”. Exige o ensino em língua nacional. Proíbe a circulação de revistas e livros em língua estrangeira. Decreta o fechamento das escolas estrangeiras no país. In: Lex-Coletânea de Legislação. São Paulo: Lex, 1938.

BRASIL. Lei nº 7.614, de 12 de dezembro de 1938. Determina às escolas a instrução primária exclusivamente em língua portuguesa. In: Lex-Coletânea de Legislação. São Paulo: Lex, 1938.

BRAUN, L. B. **Colônia Riograndense território de lutas na construção de um sonho: Cultura, Trabalho e Memória (1922 – 2003)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Puc, São Paulo, 2003.

BURKE, P. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1987.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Porto Alegre: Panonica, 1990. (Teoria & Educação, 2)

COSTA, M.V., SILVEIRA, R. H., SOMMER L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**: São Paulo, n. 2, p.36-6, 2003.

CURY C. R. J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 4. ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1988.

DEUTSCHES Lesebuch. (Mehrere Lehrer). Porto Alegre: Selbach & Mayer, 1910.

DIAS, E. História das lutas sociais no Brasil. In: M. Bandeira. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Disponível em: <
<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=55>> Acesso em 18 mar 2010.

DIETRICH, A. M. **Caça as suásticas: O Partido nazista de São Paulo sob a vigilância do DEOPS**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2001.

FAUSTO, B. **O Brasil republicano**. São Paulo: Difel, 1981.

FÉLIX, J. L. **Colônia Riograndense: problemas de aculturação e de língua**. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP, Assis, 1990.

FÉLIX, J. L. Alemães no oeste de São Paulo. A Colônia Riograndense. In: **Instituto Martius-Staden**. Jahrbuch 1997 – 1998. São Paulo: Família & Vida, 1998. p. 129-142.

FÉLIX, J. L. **Textos inéditos sobre a Colônia Riograndense**. Assis: UNESP, 2000.

FÉLIX, J. L. **As gramáticas dos imigrantes alemães para aprender português: índices de brasilidade linguística**. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2004

FELIX, J. L. **A escola alemã, a língua portuguesa e as gramáticas dos imigrantes**. Disponível em <<http://www.brasilalemanha.com.br>> acesso em 19 fev 2006.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREYRE, G. **O 1º Colóquio de estudos teuto-brasileiros: discurso inaugural**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1963.

FOUQUET, C. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

GALEANO, E. **O Livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM, 1991.

GARBOSA, L. W. F. **Es tönen die Lieder...** Um olhar sobre o ensino de música nas escolas teuto-brasileiras da década de 1930 a partir de dois cancioneiros selecionados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.10, p. 89-98, mar. 2004.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GÖETSCHKE, U. **Guia de fontes históricas e memória da imigração alemã na Colônia Riograndense (1922-1950)**. Trabalho de conclusão (Iniciação científica) UNESP, Assis, 1998.

GRANET-ABISSET, A. M. O Historiador e a Fotografia. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. n.24, PUC-SP, 2002.

GUEDES PINTO, A. L. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

JOCHEM, T.V. **A epopéia de uma imigração: resgate histórico da imigração.** Águas Mornas: Ed. do Autor, 1997.

JOUTARD, P. Desafios da História Oral do século **XXI**. In: **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

KNOCH, J. **Kirchengemeinde Riograndense**. Colônia Riograndense, 1955.

KREUTZ, L. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

LEJEUNE. **L'Autobiographie en France**. Paris: A . Colin, 1971.

LIMA, A. Recordar para contar. In: **Na ponta do Lápis**, São Paulo: Fundação Itaú Social, 2009.

MARQUEZ, G. G. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003

MAUCH, C.Vasconcelos, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. p.157. Disponível em:
< <http://www.ibge.gov.br/brasil500/alemaes/tradicoes.html>>. Acesso em 18 mar 2010.

MARX, K. A Assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 2 ,v.1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NEVES, L. A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História oral: revista da associação brasileira de história oral**, São Paulo n. 3, jun. 2000, p.109-116.

NEVES, L. A. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. **LOCUS: revista de História**, Juiz de Fora, vol.4, n.1, 1998, p. 53 – 64.

NORA, P. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, Puc/SP, n.10, p.7-28, 1993.

OBERACKER JR., K. H. **A Contribuição teuta à formação brasileira**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985, v.1-2.

OBERACKER JR., K. H. Die Kolonie Riograndense (in Staate São Paulo) und ihre Nachbarkolonien im Jahre 1941. In: **Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas**. Herausgegeben von Richard Konetzke und Hermann Kelleribenz, Koel-BRD: Boehlau, 1965.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

PETRONE, M.T.S. Imigração. In: FAUSTO, B. **História geral da civilização brasileira**. v. 2. Rio de Janeiro: Difel, p.93-133, 1978.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

POPKEWITZ. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA T. T. (org.). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, p. 173-210, 1994.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: Projeto História n. 14. São Paulo, PUC, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, A. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMBO, A. B. **A escola comunitária teuto-brasileira católica**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

RAMBO, A. B. **A escola comunitária teuto-brasileira católica, a associação de professores e a escola normal**. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

RENK, D. **Tagebuch einer Reise nach Brasilien**. Colônia Riograndense, 1923-1925.

RIBEIRO, A. I. M. **A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas – 1863-1889**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2006.

RIBEIRO, A. I. M. **Subsídios para a história da Educação de Presidente Prudente: as primeiras instituições.** São Paulo: Cliber Editora, 1999.

RIBEIRO, A. I. M. Formação Educacional: instrumento de acesso a cidadania? In: SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Universidade, Formação, Cidadania.** São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar.** 16. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969, v.2.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** 15. ed. Petrópolis, 1993.

SÃO PAULO, Estado de. Secretaria de Estado da Cultura. Memorial do Imigrante. **Imigração alemã no Brasil.** 3. ed. São Paulo, 2007. (Série Resumos, n.3)

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHADEN, Egon. Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira. In: **I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1963.

SILVA, F. R. **A escola alemã da Colônia Riograndense.** Monografia (pós-graduação Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas). Assis: UNESP, 2006.

SILVA, F. R. **Coletânea de fotos da Colônia Riograndense.** (fotos cedidas pelos familiares dos imigrantes alemães). 2009.

SILVA, F. R., RIBEIRO, A. I. M., FÉLIX, J. L. **Os livros didáticos da escola teuto-brasileira da colônia Riograndense/São Paulo.** 2009 (Mimeo)

SILVA, T. T. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Nei Rodrigues da. et al. Cruzália: suas memórias fazendo a história. Candido Mota : Gráfica Vital, 2005.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWART K. **Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Z. L. A imigração e cidadania: os impasses e disputas nos caminhos da Brasilidade. In: **Cem anos da história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SIRIANI, S. C. L. **Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SOMMER, F. Die Deutschen in São Paulo. Manuscript, 1945.

SOUZA, R. F. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, M. V. **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

THOMSON, A. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: **Projeto História**. São Paulo, PUC-SP, Educ, 1997.

TROCOURT, J. **Colônia Riograndense – Bericht**. Colônia Riograndense, 1937.

VEIGA NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Anped, 2003.

VIEIRA, S. L.; FARIAS, I.M.S. Política Educacional no Brasil. DF: Liber, 2007.

ZOTTI, S. A. **O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar**. UnC e UNICAMP. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Solange%20Aparecida%20Zotti%20-%20Texto.pdf> > Acesso em 18 set 2009.

FONTES INÉDITAS ORAIS

HOFFMANN, Heinrich. **Entrevista concedida em 2005.**

LUDWIG, Rosa. **Entrevista concedida em 2005.**

MÜLLER, Elsbeth. **Entrevista concedida em 2009.**

OLIVEIRA, Waldemar Ribeiro, **Colônia Alemã e a Guerra.** (s/d)

WEISSHEIMER, Herta. **Entrevista concedida em 2005.**

WREDE, Grete. **Entrevista concedida em 2005.**

ANEXOS

ANEXO I

1. **TRADUÇÕES** (texto em original e tradução)
 - 1.1. Einzige Alfafazone (Figura 16, Nota de rodapé 16, Capítulo 3)
 - 1.1.1. Única Zona de Alfafa no Estado de São Paulo
 - 1.2. Fragebogen (Figura 27, Nota de rodapé 8, Capítulo 4)
 - 1.2.1. Questionário

ANEXO II

2. ENTREVISTAS

- 2.1 Herta Rosilda Lamb Weissheimer
- 2.2. Rosa Ludwig
- 2.3 Grete Wrede
- 2.4 Heinrich Friedrich Theodor Hoffmann
- 2.5 Elsbeth Müller

ANEXO III

3. E_MAIL

- 3.1 Nilson Elisiário da Silva

ANEXO IV

4. WALDEMAR RIBEIRO – ESCRITOS SOBRE A COLÔNIA

- 4.1 Carta de Waldemar Ribeiro ao Presidente da Cooperativa
- 4.2 A Colônia Alemã e a Guerra – Memórias de Waldemar Ribeiro

ANEXO V

5. RELAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE LOTES NA COLÔNIA RIOGRANDENSE

- 5.1 Documento original
- 5.2 Documento corrigido por algum colono

ANEXO VI

6. RELATÓRIO DE JOÃO TROCOURT

- 6.1 Colônia Riograndense – Bericht

ANEXO I

1.1. Einzige Alfafazone

Einzige Alfafazone
im Staate São Paulo
Colonia Riograndense
Galvão
Município MARACAHY
Linha Sorocabana São Paulo



Rio Grandense hat sich in den 12 Jahren seines Bestehens soweit entwickelt, dass es über seine ursprünglichen Grenzen hinaus ausgedehnt werden musste. — Die Erweiterung erfolgte in den angrenzenden Ländereien des Elisia Galvão, welche für die Kolonisation aufgeschlossen und vermessen wurden.

Der Boden ist, wie in ganz Rio Grandense beste Terra Roxa. — Das leicht gewellte Gelände ist nahezu eben und völlig steinfrei. — Der dichte Urwald besteht hauptsächlich aus Pau d'Alho, Figueira branca, Jaracadiá, auch alle Nutzhölzer, wie Pirova, Zedern, Capriuva etc. stehen in mächtiger Grösse.

Die Fruchtbarkeit des Landes zeigen am deutlichsten die üppigen Alfafelder, welche 7—9 vollreife Schnitte im Jahr liefern mit einem durchschnittlichen Ertrage von 2000 Arroben (pro Alqueire) trockenem, versandfertigem Alfafa. — Dass in solchem Boden, Mais, Mandioka, Zuckerrohr und alle Gemüsenfrüchte gut gedeihen, weiss jeder Pflanzler.

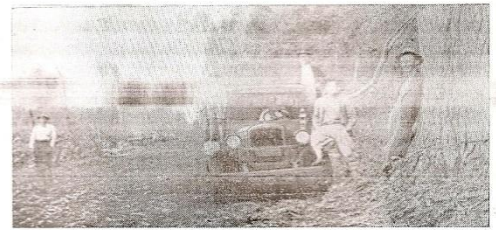
An Obst gedeiht in mehreren Sorten: Orangen, Bananen, Abacaxis, Mamão, Feigen und Pfirsiche, Äpfel, Birnen und die verschiedensten Beeren. — Wein gedeiht gut der Gemüsegarten gibt reichlich Auswahl.

Die Mehrzahl der Pflanzler treiben Alfafabau und Schweinezucht, welche beide in grossem Umfange betrieben werden können, da der ebene, steinfreie Boden bestes Pflugland ist, welches leicht und mit Maschinen mühelos bearbeitet werden kann.

Mit dem Grösserwerden der Pflanzungen wird allgemein zum Maschinenbetrieb übergegangen, wodurch das 4-fache Land bestellt werden kann, ohne dass man mehr Arbeitskräfte nötig hätte.

Der Absatz der Erzeugnisse hat eine natürliche Garantie dadurch, dass das Rio Grandense die einzige fruchtbare Alfafazone im ganzen Staate São Paulo ist, wodurch eine Überproduktion innerhalb des Staates nicht auftreten kann.

Gegen die Konkurrenz aus anderen Staaten wie Paraná, Riogrande usw. ist der Riograndense-Pflanzler dadurch immer im Vorteil, dass jede Einfuhr von Landesprodukten nach dem Staate São-Paulo versteuert werden muss. — Durch die grössere Entfernung vom Verbrauchszentrum São Paulo werden auch die Transportkosten wesentlich höher. — Die Verkaufspreise richten sich aber immer nach dessen der eingeführten



Waren, dadurch hat hier der Kolonist zu dem Gewinn einer günstigen Pflanzung nach den des Zolls und der geringeren Frucht.

Die Erzeugnisse der Kolonie Rio-grandense kommen in einem Tag direkt nach der Hauptstadt S. Paulo, sofern sie nicht in den benachbarten Städten abgesetzt werden. — Um den Verkauf braucht sich der Pflanzler nicht zu kümmern, da die Kolonie eine eigene Verkaufsorganisation in São Paulo hat, welche auf genossenschaftlicher Grundlage für den Verkauf aller Erzeugnisse der Kolonie Rio-grandense sorgt. — Selbstverständlich ist es jedem überlassen, selbst und direkt zu verkaufen.

Die Verladestationen sind: Cardoso de Almeida, Assis oder Paraguassu', wohin die Erzeugnisse von den zahlreichen Lastwagen der Kolonie auf guten Autostrassen gebracht werden.

Um den Transport noch zu vereinfachen baut die Stadt Assis mit der Kolonie zusammen, eine neue, kürzere, fast ebene Autostrasse, welche in wenigen Wochen in Betrieb genommen und die Kolonie in 11/2 Stunden mit Assis verbunden wird.

Die ganze Gegend ist sehr gesund, Malaria oder sonstig., durch das Klima verursachte Krankheiten, sind in der Kolonie noch nicht vorgekommen, das gesunde und frische Aussehen der Kolonisten bestätigt dies. — Auf den ersten Blick schon lassen die gepflegten Höfe eine in allen Teilen gesunde Wirtschaft und behäbigen Wohlstand erkennen.

Die Kolonisten sind ausschliesslich Deutsche oder deutschen Abstammung, Schule, Kirche und Arzt sind vorhanden, ebenso 2 Mahlmühlen, 2 Sägemühlen und verschiedene Handwerker.

Gestützt auf die alte Kolonie entwickelten sich die Pflanzungen in der neuen Zeit schnell, und die zahlreichen recht ansehnlichen Sítios geben jedem Interessenten Gelegenheit sich von der Fruchtbarkeit und den Möglichkeiten der einzelnen Lote zu überzeugen.

Ein weiterer Beweis für das Emporblühen der Kolonie ist das Urteil, das Herr Generalkonsul Dr. Speiser aus São Paulo anlässlich seines Besuches über die Kolonie abgegeben hat, er bezeichnete dieselbe als eine der besten, die er im Staate São Paulo kenne.

Trotz der guten Verhältnisse sind die Preise niedriger gehalten. — Eine Alqueire (24 200 qm.) kostet 400,000\$000 bei Barzahlung, bei Teilzahlung 450,000\$000, wovon 250,000\$000 bei Kauf, der Rest nach 2 Jahren zu zahlen ist.

Für die Rechtmässigkeit der Besitztitel wird in jeder Form garantiert. — Jeder Landkauf wird staatlich registriert und vom Staate bestätigt.

Alle Auskünfte erteilt:

MIGUEL LAMB
COLONIA RIOGRANDENSE
MUNICIPIO: MARACAHY
Linha Sorocabana — Caixa Postal, 41
São Paulo

Vertreter in:

1.1.1. Única Zona de Alfafa

**Única Zona de Alfafa
no Estado de São Paulo
Colônia Riograndense Galvão**

Município de Maracáí

Linha Sorocabana

São Paulo

A Riograndense se desenvolveu tanto nos 12 anos de sua existência, que teve que ser expandida além dos seus limites originais. – A expansão ocorreu na propriedade vizinha de Elisio Galvao, que foi aberta e loteada.

O solo, como em toda Riograndense, é a melhor terra roxa. – A área levemente ondulada é quase plana e totalmente sem pedras. – A densa floresta é composta principalmente de Pau d’alho, Figueira Branca, Jacarandá, também madeiras de toda utilidade, como “Peroba, Cedro, Cabreuva, etc. em tamanhos surpreendentes.

A fertilidade da terra conta significativamente com os abundantes campos de alfafa, que permite de 7 a 9 cortes totalmente maduros no ano, com uma produção média de 2.000 arrobas (por alqueire), de Alfafa seca e pronta para o transporte. – Que se produz bem em tal terra, milho, mandioca, cana de açúcar e diversos tipos de fruta, todo mundo sabe.

Das frutas prosperam muitos tipos: laranjas, bananas, abacaxis, mamão, figo, pêsego, maçã, pêra e moranguinhos variados. – Uva produz bem, a horta dá abundante variedade.

A maioria dos produtores planta Alfafa e tem a criação de porcos, que podem ser realizados em grande quantidade, pois o solo plano e sem pedras é a melhor terra que pode ser trabalhada tranqüilamente e com máquinas, sem esforço algum.

Com o crescimento da plantação vai-se passando no geral à mecanização, ao que se pode reservar 4 lotes sem que seja necessária mais mão-de-obra.

A venda do produto tem uma garantia natural, uma vez que a Riograndense é a única Zona de Alfafa fértil em todo o Estado de São Paulo, de modo que não pode surgir uma superprodução no interior do Estado.

Em relação a concorrência de outros estados como Paraná, Rio Grande, por exemplo, o produtor da Riograndense leva sempre vantagem, uma vez que toda entrada de produtos agrícolas no estado de São Paulo tem que ser sobretaxado. – Devido a enorme distância do centro consumidor de São Paulo o custo do transporte também se torna bastante alto. – Mas o preço da venda se orienta sempre pelas mercadorias importadas, o que faz com que o colono tenha aqui o ganho de uma plantação favorável em relação àquela com imposto alfandegário e produção menor.

Os produtos da Colônia Riograndense levam um dia, vindo direto para a capital São Paulo, já que eles não são descarregados nas cidades vizinhas. – O produtor não precisa se preocupar com a venda, pois a Colônia tem sua própria organização de venda em São Paulo que se preocupa com base nos princípios cooperativistas com a venda de todos os produtos da Colônia Riograndense. Obviamente, vender ele mesmo e de forma direta fica a critério de cada um.

As estações de carregamento são: Cardoso de Almeida, Assis ou Paraguaçu, para onde os produtos são levados em numerosos caminhões da Colônia através de boas estradas.

Para facilitar ainda mais o transporte, a cidade de Assis, juntamente com a Colônia, está construindo uma estrada nova, mais curta, rápida e plana, que em poucas semanas estará em funcionamento e que vai permitir a viagem da Colônia a cidade de Assis em uma hora e meia.

A região toda está muito saudável. Malária ou outras doenças causadas pelo clima, ainda não ocorreram na Colônia, o aspecto saudável e o vigor dos colonos confirmam isso: - nas primeiras olhadas já é possível identificar elegantes propriedades em todas as partes, economia saudável e impassível prosperidade.

Os colonos são exclusivamente alemães ou de ascendência alemã. Escola, igreja e médicos estão disponíveis, assim como existem dois moinhos de alimentos, dois serraria e diversos artesãos.

Com o apoio da antiga Colônia, as plantações se desenvolvem rapidamente nesses novos tempos, e os numerosos sítios legítimos e vistosos dão aos interessados a oportunidade de se convencer da fertilidade e das potencialidades de um único lote.

Uma outra evidência para o alto crescimento da colônia é a conclusão do senhor Cônsul Geral Dr. Speiser de São Paulo por ocasião de sua visita a colônia, em que ele a descreve como uma das melhores que ele conheceu no Estado de São Paulo.

Além dessas boas condições, os preços caíram. – Um alqueire (24.200 mts) custa 400 mil réis a vista, a prazo 450 mil réis, dos quais 250 mil na compra, e o restante em 2 anos para pagar.

A legalização do título de propriedade é garantida de todas as formas. - Toda compra de terra é registrada no Estado e por ele confirmada.

Toda informação se encontra com:

MIGUEL LAMB

COLÔNIA RIOGRANDENSE

MUNICÍPIO DE MARACÁI

Linha Sorocabana – Caixa Postal, 41

São Paulo

(Tradução da Autora)

1.2. Fragebogen

Fragebogen Juni 1929

des Landesverbandes Deutsch-Brasilianischer Lehrer.

In doppelter Ausfertigung einzusenden an den zuständigen Lehrerverein oder, falls keiner vorhanden, an den „Landesverband Deutsch-Brasilianischer Lehrer“, São Paulo, Rua Olinda 48

Deutsche Schule in: Kolonie Rio-grandense

Name der Schule: Escola Rio-grandense

Anschrift: Escola Rio-grandense, Maracahy

Munizip: Maracahy Bundesstaat: São Paulo

Art der Schule (Knaben-, Mädchen- oder gemischte Schule; Volks- oder Höhere Schule; evangelisch, katholisch, paritätisch oder konfessionslos):

Gemischte Schule

Jahr der Gründung: 1925 Ist eigenes Schulhaus vorhanden? Ja

Wer unterhält die Schule? Schulverein Rio-grandense

Zahl der Klassen: 2 Zahl der Kinder: 28 a) Knaben: 13 b) Mädchen: 15

Wieviel Kinder deutscher Muttersprache? 28

Welches ist die Hauptunterrichtssprache? Portugiesisch

Ist Lehrerbücherei vorhanden? Kein Zahl der Bände:

Ist Schülerbücherei vorhanden? Kein Zahl der Bände:

Welche Lehrbücher werden verwandt? A Orthoepia, Coração de Criança
1º Livro, Cartilha da Infancia, Brasilianischen Atlas
Portugiesischer Grammatik, Historia de Brazil.

Welche unbedingt notwendigen Lehrmittel fehlen?

Name des Schulleiters: Gertrud Heidemann

Zahl der Lehrer: — Zahl der Lehrerinnen: 1

1.2.2. Questionário

Questionário da Associação Nacional dos Professores de Alemão e Brasileiro.

Junho de 1929

Enviado em duas vias à Associação de professores responsável, ou caso de inexistência, à “Associação Nacional dos Professores de Alemão-Brasileiro”, São Paulo, Rua Olinda, 48.

Escola Alemã em: Colônia Riograndense

Nome da Escola: Escola Riograndense

Endereço: Escola Riograndense, Maracaí

Município: Maracaí

Estado: São Paulo

Tipo de escola (Escola para meninos, meninas ou mista; Escola Popular ou de Elite; de Confissão Evangélica, Católica, paritária ou sem confissão): Escola Mista

Ano da Fundação: 1925

Tem prédio próprio? Sim

Quem sustenta a escola? Associação Escolar Riograndense

Número de classes: 3

Número de crianças: 28

Meninos: 13

Meninas: 15

Quantas crianças com língua materna alemã? 28

Qual é a língua principal na sala de aula? Português

Têm livros dos professores? Não

Número de exemplares: -

Têm livros da escola? Não

Número de exemplares: -

Quais livros didáticos são utilizados? A Orthoepia, Coração de Criança 1º livro, Cartilha da Infância, Brasilianischen Atlas, Portugiesicher Grammatick, Historia do Brazil.

Quais recursos didáticos necessários e imprescindíveis estão faltando? –

Nome do diretor: Gertrud Heidtmann

Número de professores: -

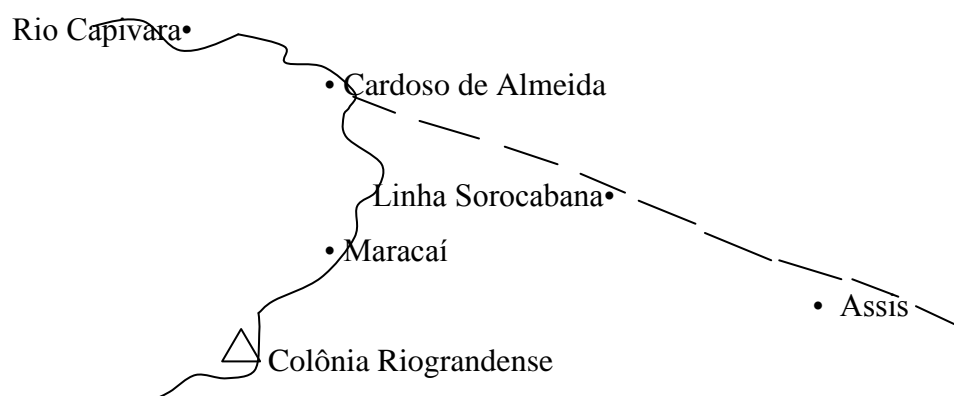
Número de professoras: 1

Ficha do professor

| Nome | Lugar e dia do nascimento | Nacionalidade | Prova do Professor | Desde quando no Brasil | Observações |
|--------------------------|---------------------------------|---------------|--------------------|------------------------|-------------|
| Gertrud Lorenz Heidtmann | Sao Paulo, 13 de agosto de 1904 | Paulistana | | 1904 | |

Observações: (em especial: Número de alemães no lugar, suas principais atividades, esboço da localização da escola.)

A colônia é povoada por mais de sessenta famílias alemãs. Suas principais atividades são a cultura de alfafa e a criação de porcos.



Lugar e dia: Colônia Riograndense, seis de julho de 1929.

Assinatura: Gertrud Lorenz Heidtmann

(Tradução da autora)

ANEXO II

2.1. ENTREVISTA COM HERTA WEISSHEIMER (2005)

1. Qual o nome completo da senhora?

Herta Rosilda Lamb Weissheimer.

2. Quando a senhora veio para a colônia?

Eu nasci lá na Colônia. (...) Lá no outro lado do Clube da Curva.

3. De onde os pais da senhora vieram?

Do Rio Grande do Sul.

4. A senhora estudou na escolinha da Colônia?

A sim, faltava aluno e então meu pai falou: “Já que falta vai também.”.

5. Em que ano a senhora entrou?

Eu nasci em 1924, com seis anos, entrei em 1930.

6. A senhora estudou na escolinha quando era tudo em alemão?

Só em alemão. O pouco que sei de Português eu aprendi com meus filhos, quando eles foram para a escola. Eu não tive escola do governo. Eu saí com doze anos e no ultimo ano, já estava e guerra. Então tinha uma hora por dia de português, se o resto no recreio, colega, amigo, tudo, em casa só se falava alemão. O que se aprende com uma hora por dia. Não aprende nada não.

7. A senhora lembra o nome dos professores?

O cunhado da Grete Wrede era o primeiro.

8. Como ele chamava?

Jörgen Wrede. O segundo foi o Reinhold Hahn e o terceiro foi o João Trocourt.

9. Como que era a escolinha naquela época? O que vocês aprendiam lá? Como era ensinado? Quais as matérias que vocês tinham?

Naquela época não era como agora, três meses de férias essas coisas. No natal tinha quando muito dois dias antes do Natal e um pouco depois. Em julho nada. Era direto.

10. Era só um período ou era o dia inteiro?

Era só de manhã. Depois o último professor o João Trocourt, ele começou com os menores de um ano a dar aula à tarde. Ainda não tinha a escola, a escola era na igreja.

11. Então quando a senhora começou as aulas eram na igreja? E a senhora lembra quando foi construída a escola?

Quando foi construída a escola? Acho que mais ou menos em 1938, 1939 por aí. Eu não freqüentei muito aquela escola.

12. A senhora lembra da escola de madeira?

Eu lembro sim. Só não lembro quando queimou. Foi antes. Eu li alguma coisa no livro que escreveram depois. Eu conheci a família que queimou. (...) quando eu estudei as aulas eram na igreja, depois que construíram a escola. (...)

Tinha aula de tudo, língua, história, geografia. (...) Tinha teatro todo dia. O primeiro professor era filho de pastor, então ele, oração era sagrado, tudo isso.

13. Tinha algum material que vocês usavam na escola?

Tinha um livro grosso, que valia pelos quatro anos. Não tenho mais o livro. Já senti tanto porque perdi esse livro. Meu irmão mais velho já tinha esse livro e ficou depois para mim e o livro acabou. (...) Minha bolsa não era como as de hoje. Era um saco feito de perna de calça. Minha mãe que fazia. Então o livro se acabou.

(...) Eu tinha aquelas lousinhas pequenas, que a gente fazia rascunho, caderno era luxo, depois que fazia o rascunho, passava a limpo no caderno. Um caderno para encher demorava.

14. Como a senhora perdeu o livro?

De velho caíram às folhas e depois não sei que fim levou.

15. Esse livro já tinha todas as matérias? A senhora lembra o nome do livro?

Já tinha todas as matérias. O nome do livro era “Deutsches Lesebuch”.

16. Tinha alguma relação da igreja com a escola? Como essa escola era mantida?

Os pais dos alunos que pagavam um tanto por mês. (...) Não era caro, dava para pagar tranquilo.

17. Qual a importância daquela escola para os colonos da época?

Eram muito importante, os professores vinham de fora, só o professor Jörgen Wrede que era morador da colônia, já os outros vieram de fora e ficavam lá hospedados nas casas dos colonos que fizeram esse favor . Pra todos era pesado no começo.

18. O que era feito naquela época para cultivar a cultura e a língua alemã?

Bastante festa, teatro (...) casamentos típicos lá na colônia (...). Os casamentos eram três dias de festas. Eu fazia teatro e cantava tudo em alemão (...) a gente cantava muito, hoje ninguém canta mais (...). As famílias se reuniam para cantar, ia passear de noite com lamparina. Hoje ninguém faz mais isso.

19. Hoje vocês ainda seguem alguma tradição, preservam essa cultura?

Aqui já perdeu um pouco, as netas já não falam mais. (...). Com os filhos ainda falo em alemão. Tenho três filhos na Alemanha. (...). Dois moram em Freiburg e o mais velho em Löhrer. (...)

20. Tem algum fato marcante ou engraçado que aconteceu na infância da senhora? Algo que a senhora nunca vai esquecer?

Esquecer a gente nunca vai esquecer essa época. Acho que tudo marcou. Porque era diferente de hoje, marcou mesmo. Sempre me perguntam “como que é na Alemanha?”, falo que é outro mundo. E assim é essa época de criança, de escola, tudo é marcante. Na época todo ano vinha do consulado alemão um folha para cada aluno ir de casa em casa arrecadar dinheiro para mandar para Alemanha por causa do frio, que matava muita gente. Então nas escolas eram distribuídas essas folhas e o professor falava que quem arrecadasse mais dinheiro ganhava uma barra de chocolate, e naquela época uma barra de chocolate era grande coisa e eu lembro que todo ano eu ganhava essa barra de chocolate porque eu tinha uma égua, eu não ia pra escola a pé, eu ia à cavalo, eu morava longe da escola. Da escola eu já ia direto pedir nas casas. (...) ia da escola até pra frente de Laranjeiras, lá em baixo no Capivara, pois lá tinha gente conhecida. Eu chegava em casa era quase noite, mas eu tinha o meu dinheirinho.

21. A senhora lembra quando foi proibido o uso da língua alemã na escola?

Isso foi quase no fim da escola, eu já não fui nessa época (...). Fui até 1939, já tinha começado a guerra, já era proibido, só que no interior demorou mais pra chegar, na cidade era bem pior.

22. Até de fato essa mudança acontecer, a senhora já tinha saído da escola, então?

Eu já não estava mais (...) o professor falou que quem quisesse voltar na escola no domingo de manha, que ele dava um reforço de português, mas eu já não fui mais (...). Eu só estudei em alemão (...) português aprendi com meus filhos ajudando nas lições de casa. Até meus filhos quando entraram na escola não falavam português. Em casa não se falava. Só tinha alemão na colônia na época (...). O único que chegava em casa que não era alemão, que tinha amizade com meu pai, era o Cupertino (...).

23. Ele tinha muita influência na colônia na época?

Tinha, porque ele e o cunhado eram os primeiros que eram donos daquelas glebas de terra.

24. Ele se comunicava bem com vocês? Ele sabia o alemão?

Ele não sabia o alemão, mas o meu pai sabia o português.

25. Como era o nome do seu pai?

Gustavo Lamb.

26. Era um dos pioneiros mesmos?

Era.

27. E o da sua mãe?

Elza Lamb.

28. A senhora lembra do clube lírico?

Lá a gente freqüentava menos, como todo o pessoal da colônia era conhecido de vez em quando, quando tinha alguma festa especial a gente ia lá. A gente participava mais do clube da curva. Quem construiu esse primeiro clube foi o meu irmão e o meu primo e depois foi a cooperativa que engoliu tudo pra perder.

29. Naquele tempo tinha teatro e danças também no clube da curva?

Sim, tinha tudo isso, tinha também atividades da igreja, retiro de senhoras que vinham de longe, lá do Paraná, de Maringá, de Rolândia, de Londrina. Era aquela festa. Tudo no clube da curva. Esse clube era muito freqüentado.

30. Quais os nomes mais importantes para a escola da colônia, a seu ver?

O meu pai Gustavo Lamb, meu tio Michel Lamb (...). O meu tio trazia o Cônsul de São Paulo para visitar a Colônia, depois ele faleceu com cinquenta e cinco anos. Já o meu pai foi o fundador da cooperativa. Ele e o Michel eram os cabeças de tudo. Primeiro era o Cupertino, também. Todo o pessoal que vinha da Alemanha direto para a colônia, se hospedava lá no Cupertino e os gaúchos que vinham do Rio Grande do Sul ficavam na nossa casa e na casa do tio Michael Lamb. Quando toda a gleba da Barra Mansa e redondezas já estavam vendidas, o meu tio comprou a fazenda do Elízio Galvão e colonizou tudo aquilo para os gaúchos (...). Sempre existiu uma dúvida sobre as estradas da colônia, porque as estradas que passam lá na Água do Macaco, que vem de Laranjeiras e vai pra Anhumas, essa estrada, eu lembro muito bem que os colonos fizeram no meio do mato, só com boi, meu tio mandou um empregado com uma junta de boi e meu pai mandou meu irmão com outra junta de boi e bastante funcionários, empregados com traçador pra cortar as árvores e tudo pra limpar (...). O Cupertino fez a estrada da Barra Mansa e não essa estrada. Até hoje eu sei o nome dos bois que foram puxar as toras pra limpar essa estrada. Pode até ser que o Cupertino incentivou, (...) mas o suor veio de lá. (...)

Meus pais entraram lá em 1922 e eu nasci em 1924, e era só mato. Eu vi o começo da Colônia.

2.2. ENTREVISTA COM ROSA LUDWIG (2005)

1. A senhora tem alguma lembrança sobre a escola alemã?

As escolas daqui da região eram muito precárias e também não tinha como uma professora morar em um lugar desses. No meio do mato, sem família sem nada era muito difícil. Então às vezes tinha escolinha lá. Era assim ficava uns dias e não voltava mais. Ia trocando, como que essas crianças iam estudar. Então esses que vieram descendentes dos alemães, eles tinha necessidade, achavam que precisavam fazer alguma coisa, era uma sociedade. Então cada um que tinha filhos deu uma parte e construíram essa escola, tinha gente do Rio Grande, colonizadores da Colônia também, que lá no Rio Grande era mais, já mais adiantado, daí eles trouxeram um professor, professor mesmo! Sabia as duas línguas, eles providenciaram, esse professor veio e morava, uma vez em uma casa, outra vez na outra e a gente pagava mensalidade e assim foi indo. Eu estudei oito anos nesta escola, e meio ano foi em alemão, pois veio aquele problema da guerra, a segunda guerra, proibiram, o governo brasileiro proibiu o uso da língua alemã, achavam que iam fazer alguma coisa, sei lá não sei por quê. Proibiu, e então foi só o português daí em diante. Era boa, a escola era excelente.

2. A senhora ainda lembra de seus professores?

Lembro. Como posso esquecer? Era um professor extraordinário, era João Bernardo Trocourt, acho que tinha alguma coisa de descendente de francês, mas ele era uma pessoa muito capacitada.

3. Em que ano a senhora entrou na escola?

Entrei em 1937, mais essa escola já funcionava assim, eu não sei ao certo, mas uns dois anos antes que eu entrei na escola já funcionava, é que meus pais moravam em Anhumas e você talvez lembre do nome do pai Alberto Blum, (...). Então, o meu pai abriu uma venda, antigamente a gente falava venda, a primeira venda foi a que meu pai abriu. Então a gente morava com os pais, mais a gente tinha um tio nessa colônia que era a escola, por isso que a gente esperou um pouquinho, porque eu era muito pequenininha pra sair de casa. Entrei quase com oito anos na escola, mais depois a gente recuperou. Eu morava com um tio, minha irmã também, na Barra Mansa. Então a gente ia a pé, um bom trecho, mais antigamente a gente fazia isso, não era nada naquele tempo e hoje a gente não conseguiria mais fazer, hoje em dia tudo é mais fácil, tem essa Kombi que leva as crianças pra lá e pra cá, busca na casa e outra coisa.

E assim de vez em quando fazia uma festa pra arrecadar dinheiro e assim foi indo

4. E a senhora lembra as matérias que a senhora aprendia?

Era bem avançada, não era assim, nem se compara com as escolas que tinha em volta. Sei que ele era um professor que educou muito bem as crianças, a gente quando percebe com outra gente, por exemplo, geografia e tudo, a gente sem perceber sabia onde ficavam outras pessoas, outros países, hoje em dia você pergunta a uma criança onde fica isso, onde fica aquilo, esse país, eles não sabem responder, esse ensinava as coisas principais assim, era matemática, geografia, a língua, e tudo.

5. E música tinha também?

Tinha, ele era muito patriota né, a gente sabia tudo.

6. Tinha teatro?

Tinha também, de vez em quando em uma festinha, havia teatrinho. Olha o tanto de aluno que ele tinha, conseguia conciliar todos e todos tinham respeito, não é brincadeira. Hoje em dia não tem mais assim.

7. Tinha alguma relação da escola com a igreja?

Não, nenhuma, não tinha nada a ver com a igreja, a escola era particular, os colonos que pagavam e construíram a escola com o esforço deles e cada um dava o que podia e tinha uma quantia que a gente tinha que pagar por criança.

8. Quando era em alemão, ainda, a senhora lembra se usava livros, como que era ensinado o alemão?

Naquele tempo era bem diferente, a gente era pequeno ainda, o 1º ano cada aluno tinha uma lousa pequena. Então tudo o que acontecia, olha porque todos eram pobres, não tinha dinheiro como hoje em dia (...), então a gente tinha uma espécie de lápis que escreve na lousa, quando acabava assim a gente apagava, tinha caderno também (...).

9. Tinha livros de alemão?

Tinha sim, eu não tinha, talvez mais tarde fosse ter, porque eu fui só meio ano, então não tinha livro, depois foi proibido.

10. E como que foi pra vocês se habituarem a falar e aprender em português?

Isso era fácil, não teve nenhum problema a criança aprende muito rápido, rápido mesmo.

11. Sorte que o professor sabia as duas línguas, né?

Era sorte também, eu com a convivência na venda do meu pai, já tinha mais convivência com os brasileiros, eu já sabia falar um pouquinho quando eu entrei na escola, o mais necessário eu já sabia. Então eu não achava nada difícil.

12. Já existia o clube lírico naquela época?

Sim, ele foi instalado naquela época.

13. Eu estive pesquisando, existem muitos livros que pertenciam ao Clube lírico, livros de história, de geografia, de matemática, astrologia, música, teatro, tudo em alemão, a senhora sabe se esses livros pertenceram ou foram utilizados na escola, também?

Isso eu não sei dizer não, porque eu fui só meio ano na escola alemã.

14. Quais as atividades que tinha no Clube Lírico?

Tinha festas de Natal, com Papai Noel, que presenteava os filhos dos sócios, tinha o Coral de Homens, tinha teatro, eu era pequena, mas já participava de alguma coisa. Tinha várias festas por ano e todos iam, porque não tinha outra coisa.

15. Qual era o maior meio de resgatar a cultura alemã, na colônia?

Eu já sou brasileira, e meus pais eram austríacos, e nos participávamos de festas, não tinha outra coisa. Com o passar do tempo isso foi diminuindo, os netos crescem se misturam, mas pra nós aquilo era muito bom.

16. A senhora acha que hoje ainda tem um pouco da cultura na família ou isso já se acabou?

Nas famílias têm ainda, as festas de Natal são bem típicas. A gente conserva ainda como os nossos pais nos ensinaram. Reúne-se a família, tem-se uma janta muito sofisticada. A porta da sala se abre para a entrega dos presentes, tem-se as canções de natal, que a gente conserva, canta ainda com os netos (...) a família toda canta em alemão, todos ainda conservam isso, como eu aprendi quando era pequena (...). Na páscoa a gente esconde os ovos para as crianças acharem (...).

17. A senhora tem algum fato marcante ou uma historia engraçada da época que a senhora estudava?

Eu lembro de quando chovia que tinha que tirar o sapato para ir à escola, porque ele enchia de barro e a gente não ia agüentar o sapato. Quando chegávamos tinha um riozinho perto da escola, a gente lavava os pés, levava um pano para enxugar (...).

18. Se fosse para a senhora contar a historia da colônia, quais nomes não poderiam faltar?

Os primeiros colonizadores são os Lamb, (...) foram os primeiros a chegar em 1922 ou 1921, depois veio outra leva do Espírito Santo, em 1924, porque os Lamb vieram do Rio Grande do Sul, junto com esses que vieram do Espírito Santo, vieram também a família do meu marido, ele veio com três anos, ele se chamava Pedro Paulo Ludwig, depois vieram os alemães da Alemanha, que ficaram sabendo dessa colonização alemã, que foi crescendo, evoluindo bastante. Esses que vieram da Alemanha se juntaram a essa gente que falava alemão, pois se sentiam mais em casa, pois chegar a lugar onde não tem nada e ainda não poder se comunicar. Então era assim, quando uma família chegava todos os ajudavam, os alojavam até essa família poder construir o ranchinho deles e assim a colônia foi crescendo depressa (...). Depois veio a Segunda Guerra e foi tudo proibido, não podia fazer mais festas, teatros, nada. Isso atrapalhou um pouquinho. Nesse tempo os filhos vão crescendo, vão esquecendo a língua dos antepassados, e acabam sendo descendentes, que carregam o nome dos pais ou avós, que um dia vieram da Alemanha, mas que não falam mais o alemão (...).

19. Quando as atividades, como teatro, coral, dança, voltaram na colônia?

Pra dizer a verdade nunca mais voltou a ser como era antes. Voltou, mas não como aquela coisa fechada. Depois se formou outro clube na Barra Mansa, onde tem uma vendinha, os Ferg, que moravam lá, tinha outro grupo desses que cantavam Coral, mas também agora não tem mais nada.

20. Qual a idade da senhora?

77 anos.

A entrevistada começa a contar:

(...) depois os meus pais arrumaram um professor particular para eu e minha irmã aprender o alemão e nós aprendemos. Mas também não durou muito tempo. Minha mãe sabia muito bem o alemão e fez com que a gente entendesse bem, aprendesse a ler e escrever muito bem. Eu falo, leio e escrevo o alemão, como o português (...).

21. A senhora ainda tem alguma ligação com a colônia?

Tenho porque tenho uma filha que mora em Laranjeiras (...) tenho ligação com todos, sempre vou pra lá.

2.3. ENTREVISTA COM GRETE WREDE (2005)

1. Eu queria que a senhora falasse quando a senhora chegou aqui na Colônia.

Em 1932.

2. Como era aqui quando a senhora chegou?

Já tinha alguma coisa, já tinha a cultura de alfafa, mas tinha também mata virgem.

3. A senhora veio com os pais da senhora?

Vim com minha família, tinha 12 anos.

4. A senhora estudou aqui na Colônia?

Não, em Minas Gerais.

5. A senhora chegou aqui, com 12 anos, a senhora lembra como funcionava a escola aqui, nessa época?

Mais ou menos. Tinha escola alemã, naquele tempo não tinha escola em todo lugar como tem hoje. Não era do estado, era tudo particular. A comunidade se juntou para fazer a escola e era tudo mantido pela comunidade.

6. A senhora lembra quem era o professor da época?

O que mais sei é o professor João. Antes mudava muito. Às vezes era até alguém da própria colônia que tinha estudo.

7. Qual era diversão de vocês?

Brincava feito criança, de esconder, de casinha.

8. A senhora falava tudo em alemão quando criança em sua casa?

Não, eu falava português, em Minas não tinha alemães, meu pai veio de Minas para a colônia.

(Entra a filha dela: Wanda Hippler)

Wanda Hippler: Meu avô veio da Alemanha pra Minas, para trabalhar nas colônias de café, depois ele ficou sabendo dessa colonização alemã e veio para comprar terras aqui. Aqui já tinha essa colonização da Alemanha, tanto que a colônia começou em 1922, 1924 e ele vieram em 1932, dez anos mais tarde. Então já tinha vários proprietários, mas tinha mata virgem.

Tinha muita mata virgem ainda, tinha alemães, suíços, riograndenses, descendentes de alemães do Rio Grande do Sul (...).

9. A senhora lembra até quando funcionou essa escola em alemão?

Até a Guerra, ai foi proibido e era só em português.

10. Como foi para os alemães de uma hora para outra ter que estudar em português, foi muito difícil?

Foi para quem estudou mesmo naquele o professor João Trocourt, que veio do Rio Grande do Sul, descendente de Franceses, ele falava muito bem o português, pra ele não foi difícil, mas para as crianças foi muito difícil. (...). Ai acabou a escola alemã e começou as escolinhas em português. Acabou tudo, por o professor era pago pelos pais dos alunos. (...). Não podia mais falar em alemão, era uma ofensa muito grande para o nosso governo. Era proibido por causa da guerra. Mesmo na igreja, pois aonde os alemães imigraram a coisa principal era fazer uma escola e uma igreja.

11. Na igreja também foi assim? Eles proibiram os cultos em alemão?

Proibiram, para os pastores foi duro, esses que vieram da Alemanha, de uma hora para outra, tiveram que se comunicar em outra língua. Foi muito difícil.

Wanda Hippler: Tem muitas historias de pastores que vieram da Alemanha para pregar aqui no Brasil e de repente ficaram proibidos de fazer isso daí. Então eles pegaram rapazes que estavam estudando Teologia ou outra coisa, pra eles servirem como pastores. Eles passavam em alemão para os rapazes e eles faziam uma tradução e pregavam e assim as pessoas não ficavam sem o culto.

12. E quem estava na igreja entendia em português?

Acho que muitos já dominavam assim, não perfeitamente o português, mas já entendiam. Aprende rápido. O alemão aprende o português rápido, os brasileiros que demoram a aprender o alemão. (...)

13. Tem alguma história interessante da época que senhora chegou à colônia, da infância?

Assim da época da escola... sei, mas agora não sei contar agora de supetão.

Wanda Hippler: O meu tio também deu aula algum tempo. Porque não tinha professor...

E ele era filho de pastor. Então pra não ficar sem aula ele lecionou em português. (...) Enquanto mantinham um professor as crianças viam.

14. A senhora acha que hoje, na sua família, vivem um pouco da cultura alemã ou é difícil estar trazendo essa cultura para os dias de hoje?

Com meus filhos e minha família a gente fala alemão. Em festas de aniversários, nas visitas... A gente fala mais em alemão, mas fala em português também.

Mais observações sobre a escola feita por Grete Wrede:

No tempo da Guerra eles requereram quase tudo que era alemão, para passar a ser do governo. E para não perder essa escola e o terreno onde está, pois o terreno era da igreja, os colonos começaram a construir a escola. E depois quando passou a ter as escolas em português, porque já não tinha mais em alemão, fizeram a casa pastoral. Isso foi em 1947. Até 1947 esse local era usado para ser escola, clube de dança em 1947 passou a ser casa pastoral.

15. Na época da guerra os policiais entravam nas casas procurando livros e objetos... Chegaram a entrar na casa da senhora?

Na nossa não, mas de meu marido sim. Era filho do pastor. O pastor estava em férias na Alemanha.

Wanda Hippler: O meu avô foi 1º pastor daqui, né...

16. Como era o nome dele?

Heinrich Wrede. Ele veio do Espírito Santo para cá. Os pastores da Alemanha tinham direito a férias lá, e ele estava a muito tempo sem tirar férias, em 1939 ele tirou férias para passear na Alemanha e nisso estourou a Guerra e ele não pode voltar mais. Depois ele adoeceu e começaram a vir outros. E por causa da Guerra não pode voltar até 1945. (...)

Nos nós casamos em 1943. Meu marido era solteiro quando os pais foram para Alemanha, ficou ele e uma irmã. Depois veio uma irmã casada com a família toda (...) e meu marido ficou morando com eles.

Naquele tempo tinha o moinho de fubá lá em baixo e a serralheria, eram movidos à água, Rio Capivara, tudo com roda d'água. (...).

A maioria das casas era assim: cortavam toras e faziam as telhas de cedro, e as casa de coqueiro. Partiam o coqueiro, o limpavam e depois amarravam com cipó, alguns, quem podia comprar amarravam com arame, mas outros eram com cipó mesmo.

(...) Minha mãe se chamava Minna Bonkovisk, quando morávamos em Minas, as pessoas diziam “mina é água lá do pasto.” E começaram a chamá-la de Maria. Minna é um nome alemão. (...) O meu nome também é Grete... Os professores acharam que Grete deveria ser dos antepassados de Margarida, Margarethe, e passaram a me chamar de Margarida, de modo que eu fui para a escola com o nome de Margarida. Tenho diploma com o nome de Margarida. Talvez pensassem que Grete fosse o diminutivo de Margarida. (...)

No desenvolvimento da entrevista Wanda Hippler, filha de D. Grete Wrede também participou das conversas.

2.4. ENTREVISTA COM O HEINRICH FRIEDRICH THEODOR HOFFMANN (2005)

1. Qual é o seu nome completo?

Heinrich Friedrich Theodor Hoffmann

2. Onde o senhor estudou e quando entrou na escola?

Eu entrei em 1942 na escola, o alemão já estava proibido. A minha sorte foi que o professor falava alemão, porque eu não entendia nenhuma palavra em português. Ele falava alemão, português, espanhol, inglês e francês, cinco línguas. Ele era gaúcho, o pai era francês e a mãe, alemã-gaúcha, ele atuou aqui 13 anos. O nome dele era João Bernardo Trocourt. Dessa época pra trás eu não sei (...). A maioria dos que freqüentaram a aula em alemão já morreu, restam poucos. Meus pais casaram em Cambará. Até a idade de 7, 8 anos meus pais se mudavam muito (...). Cheguei nesse lugar com sete anos e comecei a ir à escola. (...) Quanto aos professores da época ouvi dizer do professor Hahn. (...)

O professor João lecionava para a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, tinha aulas de manhã e a tarde e no sábado era todas as classes de uma vez só. Ele era um professor muito bom, muito rígido.

3. Tinha castigo?

Tinha sim, eu era como um xodó dele, mas tinha sim, eu vi, ele batia em alguns alunos. Mas era uma disciplina, para entrar ele ficava na porta, e cada qual dava a mão, e pra ir embora a mesma coisa. Dentro da classe não se ouvia uma borracha cair, era silencio absoluto.

4. Como vocês aprendiam? O professor explicava em português ou em alemão para quem não falava português?

Muitos já sabiam o português. Em casa só se falava em alemão, meus pais não falavam português, por isso eu não sabia. Mas outros já sabiam um pouco. O professor falava em português. Além dessa escola, quase paralelamente tinha outra escola também e tinha outro professor. Ele se chamava professor Jair, esse não falava alemão. Essa outra escola ficava praticamente junto à Água dos porcos (...), essa escola ficava onde passa a ponte, mas já foi tirada há muito tempo, era uma escola de madeira. Nessa escola era esse professor e na outra era o João Trocourt, essa ainda existe, não funciona como escola, mas está de pé ainda, mora gente lá. Antes de ser escola, era salão de festas, aí com a história da Guerra, também foram proibidas as festas e passaram a usar esse prédio como escola, até 1947 e aí foi construída uma outra escola, onde hoje também mora gente. (...)

5. Quando as atividades culturais voltaram a funcionar aqui na colônia?

Voltou depois da Guerra, 1947, 1948 já estava funcionando, os grupos, o salão de festas, tudo. A escola em alemão não teve mais. Teve aulas particulares, não na escola, na casa do professor, ele também ia até Laranjeiras e Estiva e dava aulas lá. Era o Sr. Heinrich Pichol, hoje ele está em Santa Catarina.

6. Na época que o senhor estudava como era mantida escola? Era particular ou do estado?

Era particular, eu sei que meus pais pagavam o estudo para mim, o professor recebia dos pais, até ir embora. O professor que veio depois já era do estado.

7. Porque ele foi embora?

Ele já estava aqui há doze anos, porque não se sabe, eu soube depois que ele falou que foram doze anos perdidos. Não sei por que, mas ele foi trabalhar numa firma em São Paulo e não o vimos nunca mais. Tivemos notícias sim, mas depois de vários anos, ele já deve estar falecido há muito tempo. Ele tinha uns 35 anos quando saiu daqui.

8. E na época que proibiram o uso da língua, como foi para família do senhor?

A polícia veio procurar principalmente livros, eles achavam que os alemães tinham livros de propaganda de Guerra, mas que eu saiba não tinha nada disso. Inclusive meu avô, pai da minha mãe era pastor e até ele não gostava muito de Hitler porque ele perseguia os pastores, os padres, mandava tirar a Cruz das Igrejas, ele não gostava de Hitler. Ele tinha muitos livros, mas tudo livro religiosos, sacros, nada de política. Inclusive, tem um monte aí. Mas a polícia não sabe ler em alemão. Então tivemos que esconder muitos livros.

9. Onde vocês esconderam?

Eu sei que certa pilha de livros foi escondida dentro do banheiro de fora, e não é que eles foram procurar lá, mas por sorte, tinha um enxame de abelha lá dentro e eles não entraram, porque as abelhas vieram na porta. Não acharam nada também.

10. Naquela época o que vocês faziam para manter a cultura e a tradição alemã na família e na comunidade?

Minha mãe falava alemão, meu pai também, mas ele preferia falar português, porque ele veio da Europa com 12 anos de idade e ficou trabalhando em fazendo no meio dos portugueses,

quer dizer brasileiros, então ele aprendeu o português depressa. Minha mãe nasceu no Espírito Santo e foi pequena para a Alemanha, estudou lá. Veio de lá adulta, então ela falava melhor o alemão, português ela falava meio ruim. Os filhos vão sempre pela mãe (...) eu sempre tive interesse em manter o alemão. Acho que nossa língua materna a gente tem que guardar e saber falar. (...)

Bom falando da cultura alemã, o Heinrich Pichol, foi na escola no Rio Grande do Sul, numa escola onde se forma pastor, mas ele não se formou pastor, mas ele falava bem o alemão por causa disso, por isso ele lecionava alemão aqui na Colônia. Além disso ele tocava alguns instrumentos, era músico, dirigia coral, tínhamos o coral só de homens que ele dirigiu muito tempo, mais tarde tínhamos vários corais, dois de igreja, outro só de instrumentos, dois conjuntos, do qual de um eu fazia parte. O conjunto do qual eu participei 20 anos se chamava “Edelweisse”, Edelweisse é uma flor dos Alpes suíços, pois as pessoas principais do grupo eram suíços (...). Os ensaios dos conjuntos e do coral de homens eram no clube lírico e do coral da igreja, na igreja.

11. E hoje, com seu filho, o senhor fala o alemão?

Eu tenho meu enteado, ele entende tudo, mas não fala. E quando era pequeno falava, mas depois que entrou na escola parou.

12. Quando começaram as atividades do clube lírico?

Iniciaram antes da Guerra em 1935 e aí foi indo até 1939, 1940, ou 1941 com a proibição do uso da língua alemã, daí pra frente ficou parado por 6 ou 7 anos por aí e depois as atividades voltaram.

13. E os livros que pertenciam a ele, qual a procedência, com que frequência eram lidos e utilizados?

Lá era como uma biblioteca, mas o interesse pela leitura era pouco. O Consulado Alemão mandava muitos livros. Tem uma grande pilha de livros lá dentro da Igreja, também o Consulado mandou para a Cooperativa, eu trabalhava essa época na Cooperativa, e como ninguém estava interessado em ler o Presidente de lá falou para eu levar os livros pra algum lugar que eu quisesse, e eu os levei para a Igreja (...). Nós representávamos muito teatro em alemão também, e a comunidade sempre ia para assistir (...). Isso depois da Guerra.

14. Era também função do Clube Lírico continuar de certa forma expandindo a língua e cultura alemã?

Quando foi fundado ele tinha outro nome “Gesangverein Waldlust”, quando foi fundado eu não tinha nem um ano ainda, Gesangverein, significa conjunto, este seria nome do Coral Masculino, nisso tinha na igreja dois corais mistos, e o teatro claro que era sempre misto. Nós representamos muitos teatros, muitos. Quando esse homem foi embora, começou a decadência (...). Esse Gesangverein Waldlust funcionava de início dentro de um barracão de alfafa, em 1965 foi então construído o salão que existe hoje, inaugurado em 1 de março de 1965, e as atividades continuaram até 1980 mais ou menos, depois disso quase mais nada. Diminui-se o pessoal.

15. E o Clube da Curva teve essa importância?

Bom, fizeram aquele clube, mas teve poucas apresentações, nós tocávamos em bailes, teatro era apresentado pelo pessoal daqui. (...)

16. Tinha essa divisão “pessoal de lá, pessoal daqui”?

Tinha, no começo aqui era os alemães da Alemanha e lá os alemães gaúchos. Eles achavam que eram diferentes. Nos bailes não demorava o pau quebrava, era os daqui com os de lá. Isso foi só por certo tempo, a juventude acabou com tudo isso ai.

17. O Senhor tem alguma história marcante da época em que o senhor estudava ou mesmo da infância aqui na Colônia?

Posso dizer que o trabalho foi árduo, a gente vinha da escola, eu com oito anos, trocava de roupa, almoçava e ia puxar a enxada. Aos doze anos eu comecei a puxar alfanje, serviço pesado para 12 anos. Então o serviço na época era mais pesado. Era mais difícil só que não era mais estressante como hoje. Hoje você trabalha mais com a cabeça do que com o braço e quando vê não tem dinheiro. Não sabe aonde arrumar dinheiro, na época não (...). Isso era com todos os colegas. (...)

18. Em que horas era a escola?

Das oito ao meio-dia.

19. Até que série o senhor estudou?

Eu estudei até a 5ª série. Depois com vinte e oito anos eu entrei fazer o ginásio em Maracaí e fiz o científico em Assis. Eu queria continuar fazer Engenharia, mas Assis não tinha na época. (...)

20. Quais os principais nomes da história da Colônia? O que faziam?

Michel Lamb, Fritz Marths, ele sempre dizia que em 1922, que ele, junto com um tal Plonner e um tal de Kremmer, foram um dos primeiros que chegaram aqui, antes do Michel Lamb. Michel Lamb é considerado o fundador da Colônia, mas falar que fundou é muito pesado, ele, o irmão e outros gaúchos compraram a maior gleba de terras e começaram a plantação de alfafa, mas nessa mesma época vieram outros, não só gaúchos, mas também alemães e austríacos. E esse Fritz Marths era suíço, José Plonner ou era alemão ou austríaco, acho que austríaco (...). Bom, esses foram importantes, tem também o Gustavo Lamb. Meu avô que era pastor chegou aqui em 1923, o pastor Heinrich Wrede, foi o primeiro pastor da região. (...) Esse meu avô trouxe muitos capixabas consigo, mas a maioria foi embora. Eles falavam “vamos voltar para o Brasil”. Para Laranjeiras vieram muitos capixabas também, vieram mais tarde os alemães Neumann, Behlau, eles vieram da Prússia.

(...)

O restante da gravação ficou prejudicado pelos latidos dos cachorros.

2.5. ENTREVISTA COM ELSBETH MÜLLER (2009)

1. Qual é o nome completo da senhora?

Elsbeth Dorothea

O de nascimento ou de casado?

2. Pode ser os dois, como é o de nascimento?

O de nascimento é Falk. Agora é Müller. Me casei com Müller.

3. Quando a senhora nasceu?

Em 15/11/1931.

4. Onde a senhora nasceu?

Em São Paulo

5. Quando a senhora veio para a Colônia Riograndense?

Eu veio em 1948.

6. E antes disso a senhora viveu em São Paulo ou esteve na Alemanha?

Eu nasci em São Paulo e ai a gente foi para Itapetininga, no meio do mato, das cobras, nenezinho...(ri)e ai nós fomos para Rio Tinto – Pernambuco e de lá nós fomos para a Alemanha. E da Alemanha a gente voltou para cá na Colônia.

7. A senhora estudou na Alemanha? Em que cidade a senhora estudou? Que região a senhora morava, a senhora lembra? É curiosidade....

Como a gente fala...nossa moradia era em Hamburgo, mas daí Hamburgo foi bombardeado e a gente foi lá no *Reimland*, na região do Reno e daí nós fomos para *Bayern*, sabe onde é *Bayern*?

8. Região da Baviéria?

É. E ai a gente foi para Alemanha tudo, naqueles tempos.

9. Quanto tempo a senhora estudou lá?

Quatro anos.

10. A senhora se lembra das aulas, das matérias que era ensinada?

As matérias têm tudo aqui. (*pega o boletim e lê em alemão e sua filha vai traduzindo*)

Educação Física, Ginástica Olímpica, Alemão, História, Geografia, Artesanato, Biologia, Matemática, Latin, Inglês, Francês.

Tudo essas coisas era matéria na Alemanha, até a quarta série.

11. Como era, além dessas matérias, vocês faziam teatro, alguma apresentação?

Também fazia apresentação de teatro. Todo ano eu me lembro que tinha apresentação, acho que todo fim de ano.

12. A senhora participava?

E eu não participar dessas coisas? É claro.

Tinha dia das mães, natal. Tinha sim, essas coisas a gente não esquece.

13. Tinha castigo na escola, para quem não fazia, ou para quem fazia bagunça?

Não era bagunça, naquela época era época do Hitler, tinha tudo com mais respeito, né. Eu não lembro que tinha castigo. Se eu fiz uma arte uma vez, a professora em casa encontrar com minha mãe. A gente ganhava os boletins e aí tem que entregar igual aqui também. E eu esqueci. Me veja ainda sentada na mesa, na carteira, tentando fazer a assinatura da minha mãe. (todos riem) E aí quando eu cheguei em casa eu vejo a professora com minha mãe conversando numa boa, tomando um café. O castigo veio depois. (risos) Também era tudo moderado, não era bagunça como se faz agora.

14. A escola era particular ou pública?

Tinha particular e tinha pública. Eu estudava na escola pública.

15. Tinha merenda ou vocês levavam lanchinho?

Tinha merenda, a gente levava o lanchinho, na escola tinha umas garrafinhas de 250 ml tudo igualzinho com caninho dentro, a gente podia chupar. Tinha uma parte de leite e outra parte de toti. Podia escolher no fim do mês se no próximo você queria Toti ou leite. Mas aí eu foi em uma outra escola, onde meu irmão foi. E eu tinha que depois da aula ir lá e receber uma porção de merenda naquela escola, por que eu era muito pequenininha e precisa de uma porção de merenda. Eles já sabiam, veio ordem de cima, do governo.

Nesse momento a filha explica: Os alunos eram pesados e medidos todos os meses, e como ela sempre estava abaixo do peso, eles mandavam ela para a escola dos grandes para se alimentar, embora as escolas fossem muito longe uma da outra. Mesmo assim tinha que ir, não era ela tivesse afim, não ela tinha que ir.

Essa escola era pertinho de minha casa, era longe da escola que eu estudava.

16. Quando a senhora chegou à Colônia, como a senhora se sentiu, a achou que a cultura era parecida com a da Alemanha ou era bem diferente?

Era bem parecido.

17. A senhora lembra como faziam para manter a cultura, como eram as festas...

Como eram as festas nossas? Ah era festa na igreja, tinham uns bailinhos. Não tinha clube, mas tinha um galpão bem grande dos Pichols. Aí quem podia trazia um bolo e vendia o pedaço, lanche....e aí tinha as dança, nós dançava...não como hoje esses quéquéqué....(imita um som e todos riem), tinha o sanfoneiro e turma tava se divertindo, né.

18. A senhora já veio namorando da Alemanha ou conheceu seu marido aqui?

Eu conheci meu marido aqui, mas ele já estava esperando por mim.

A filha interrompe: Ela deu o golpe do baú. Casou com filho do patrão. (todos riem)

19. Ele já estava esperando a senhora sem conhecer?

Eu tô falando assim, mas a gente se viu, mas a gente chegou em Santos, fomos mandado para Assis pela Imigração, né.

A filha acrescenta: Eles chegaram sem rumo, tinham perdido tudo aqui e vieram fugidos da guerra. E foram mandados para Assis porque seria perto de uma colônia de alemães, e de repente podia conseguir emprego dentro da cultura deles.

Ai gente chegou. Meu sogro já estava esperando em Assis a família para empregar. Ai nós fomos com ele para a Colônia e ficamos lá né, e....deu certo. Dei o golpe do baú, como ela falou, casei com o filho do patrão.

20. Com que idade a senhora casou?

Com dezoito. Dezoito anos e onze dias.

21. Como era para namorar? Os seus pais permitiram logo, deixaram ? eram vigiados, como era?

Eles não vigiavam não. Porque lá no sitio não tinha muito....namora em casa. Eu ia depois do serviço na casa dele ou ele vem na minha casa. Ele com meus irmãos ficavam jogando xadrez, para minha tristeza, eu queria namorar e ele jogava xadrez. (todos riem)

22. A senhora tem uma história legal, engraçada, ou importante que a senhora lembra e queira contar? Um lugar que a senhora foi?

Se eu começa contar, eu não para mais.

A filha sugere: conta da bomba e do seu irmãozinho...

Meu irmão mais velho e eu, eu era companheira dele, temos um ano de diferença. Então estávamos lá nos parentes perto do Reno, a gente tinha parentes lá e o Hitler mandava a molecada para fora da cidade, em Hamburgo, Berlin, essas cidades grandes que era perigo (o bombardeio era lá, diz sua filha) e na casa dos meus parentes,era no primeiro andar. Em baixo morava o dono da casa, que era viúvo, com sua filha de 15 anos e o filho de 12, eu tinha 11 anos, meu irmão tinha 12. E nos três era companheiro, onde estava um, estava os outros. naquela época tinha esses fogão de lenha, esses econômico e os dois estudavam química e física, esses dois matérias junto, né, e o pai desse Helmut tinha uma fábrica de cerveja, de bebida, refrigerantes,essas coisas. E o Helmut e o Heinz meu irmão, os dois tinha que tentar experimentar o que aprenderam, né. E na casa tinha uma entrada coberta, um túnel, onde podia passar os carro e no fundo tinha um quintal. Esses dois fecharam na frente esse portão enorme, e do lado do quintal o Helmut foi lá, porque a irmã dele cuidava da casa, não tinha mais mãe, então ela cuidava de tudo, foi uma menina esperta. Ele foi lá, ela não estava e pegou uma pá e colocou umas brasas em cima da pá e foi lá na frente naquele túnel e meu irmão já estava esperando com uma garrafa, que tinha garrafa tinha fábrica de bebidas, ele estava esperando com uma garrafa e o pozinho já dentro da garrafa, já pensou? E meu irmão falou para mim: “você vai lá pra fora e fica do lado”, mas como eu sou curiosa eu tinha que espiar um pouquinho.

E esses dois não enfiaram a brasa dentro da garrafa e aí correram, mas deu um estouro, porque tudo fechado....e um desses cacos daquela garrafa me cortou a perna embaixo, ainda tenho a cicatriz. Mas depois a Linda, irmã do Helmut pegou o irmão dela e bateu, deu uma surra nele e minha tia xingou com minha mãe e falou: “e você tem que bater no menino, tem que bater” e minha falou: “eu não bato por causa de uma coisas dessas, eu bato com ele mente, rouba, faz essas coisas, aí eu bato, mas esses são experiências que eles tem que fazer, estão aprendendo na escola. (risos)

Tinha naquele quintal, não meus parentes, mas o dono da casa, tinha frango e também tinha uma telhas e ali ela pegou um frango, eu vi lá e fiquei admirada de como aquilo podia acontecer...ela tinha três ou quatro frango....ela pegou um, pegou o machado e bateu na cabeça dele e jogou no lado, e pegou outro....e eu fui olhar, o frango sem cabeça deu um pulo que foi parar em cima do telhado e ficou batendo lá em cima. A mentalidade das meninas

daquela época, eu era criança, vinha da cidade grande...não entendia um frango sem cabeça pulando em cima do telhado. (risos)

23 – A senhora falou do Hitler, na escola o nome dele era mencionado?

Não, que eu me lembre.

24 – E na escola, vocês tinham noção do que estava acontecendo?

Acho que não. Onde eu tava, minha escola principal foi em Hamburgo, depois fui para Bayern, depois para Prússia Oriental, mas nunca foi falado, que eu me lembre. Mas que foi uma educação exemplar foi, os estudos, disciplinas, tudo.

A filha pede para falar: Tinha a Mittelschule, a escola do Hitler mesmo. Era o top da educação na Alemanha naquela época, quem conseguia ir para aquela escola era um sonho...(D. Elsbeth diz: Tinha que ser inteligente. Meu irmão mais velho estudou naquela escola) ...não se aceitava indisciplinados, quem não acompanhava mentalmente, tinha que ser os melhores. Era um orgulho para os pais.

Meu outro irmão também queria ir para escola, mas não conseguiu. Era para aqueles que eram mais elevados, que já fizeram o quarto ano.

25 – a senhora lembra das brincadeira da escola?

Tinha mais eu não lembro.

ANEXO III

3.1. Nilson Elisiário da Silva - 2005.

Olá Flávia Renata. É sempre muito bom fazer contato com você. Deixa ver no que posso te ajudar.

O início de suas colocações está correto, o Clube da Curva visava o resgate e a valorização da cultura alemã. Em torno disso havia o incentivo ao grupo de danças alemãs, que fazia apresentações além do Clube da Curva. Com a decadência da Cooperativa Riograndense o Clube perdeu a sua principal "patrocinadora". Durante algum tempo depois foram realizados bailes promovidos por um grupo de funcionários da Cooperativa que fizeram de tal fato uma fonte de renda (de 1994 a 1999). Depois disso o Clube da Curva foi a leilão sendo arrematado pelo advogado Jorge Luiz Spera, que hoje é o dono do Clube da Curva, uma vez que o mesmo tinha uma ação trabalhista para receber da Cooperativa e recebeu como parte de pagamento o Clube da Curva. Como o Sr. Jorge não tinha nenhum interesse em explorar o Clube da Curva, a Cocepa que havia então alugado as instalações da Cooperativa Riograndense, entra em contato com o mesmo e acerta que vai fazer a manutenção do Clube, e em troca vai administra-lo.

A Cocepa não visa nenhum lucro com o Clube da Curva, pelo contrário sempre tem prejuízo com ele. Toda a renda dos bailes, Oktoberfest e festa da imigração que são realizados são destinadas a Associação dos Voluntários no combate ao Câncer de Maracaí. Eventualmente o mesmo é alugado para festas e casamentos. A renda do aluguel desses eventos visa cobrir apenas as despesas de manutenção e energia elétrica. Eventualmente a Cocepa também usa o Clube para reuniões e palestras de empresas agrícolas divulgando seus produtos.

O Objeto da Cocepa é de certa forma não deixar esquecida a Cultura Alemã, embora isso já seja um tanto difícil nos dias de hoje. Promover entretenimento e com o resultado financeiro ajudar entidades.

O responsável maior por tudo isso é o dono da Cocepa o Sr. José Lázaro Aguiar Silva. Quem na realidade coordena a realização dos eventos é o Aparecido João Batista de Souza. Eu também participo juntamente com o João da realização desses eventos. O Trabalho nos eventos é todo voluntário por parte de membros das entidades Beneficiadas.

Atualmente estamos conseguindo envolver mais pessoas da comunidade. O próximo evento que será o Baile de Aleluia contará com a participação do Cássio do Garagem com a sua equipe. Mesmo assim o evento continuará beneficente, que é ponto principal que o Sr. José

Lázaro não abre mão. Como ele sempre diz: não quer um centavo de lucro do clube, quer apenas que ele continue em atividade e que além disso possa beneficiar entidades.

Também estão sendo estudados eventos de grande porte como Rodeio e bailes com bandas de grande popularidade. Na medida em que mais gente vai participando na divulgação e na promoção dos eventos, mais populares vão se tornando.

Atualmente o Calendário de eventos anual realizado no Clube da Curva com o apoio da Cocepa é: Baile de Aleluia, Festa da Imigração alemã na última semana de julho, e a Oktoberfest no início de Outubro. O Baile de Reveillon não mais será realizado, uma vez que tem sido um evento de muito prejuízo, já que as bandas são muito caras para essa época, e a participação do público muito pequena. O evento de maior porte continuará sendo a Oktoberfest que no ultimo outubro contou com a participação de aproximadamente 3000 pessoas em dois dias de evento.

A Cocepa tem sua matriz em Assis. Na Colônia Riograndense a Cocepa se instalou em agosto de 1999. Além dessa filial a Cocepa também tem entrepostos em Teodoro Sampaio e Candido Mota.

Espero tê-la ajudado pelo menos um pouquinho. Qualquer outra dúvida que você tiver que eu possa ajudar esteja à vontade.

Um grande abraço.

Nilson.

ANEXO IV

4.1. Carta de Waldemar Ribeiro ao Presidente da Cooperativa

WALDEMAR RIBEIRO DE OLIVEIRA
ADVOGADO

Primeiro de Maio, Pr., 12 de março de 1986

SENHOR PRESIDENTE DA
COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA DA
COLÔNIA RIOGRANDENSE

Senhor Presidente

De pessoa muito amiga e que residiu muitos anos na Colônia, recebi um pedido que honrou-me sobremaneira: escrever sobre a história da minha velha e querida Colônia Riograndense. Falta-me, para isso, o necessário tempo; para fazer um trabalho digno da terra que abrigou a minha infância e iluminou os sonhos da minha juventude, teria que afastar-me de minhas ocupações normais e dedicar-me inteiramente às pesquisas.

Ademais, se fosse dedicar-me a tal trabalho, iria fixar, ao máximo possível, a biografia dos três homens que mais influenciaram a formação da Colônia e mais importância tiveram em sua história: Cupertino de Oliveira Castro, desde 1919 na fazenda Capiwara (depois Colônia Riograndense), primeiro na margem esquerda do Ribeirão Pau Queimado, e a partir de fins de 1920 na margem direita do Braço Direito da Barra Mansa, que os caboclos impropriamente chamavam Água dos Porcos; Michael Lamb, o primeiro colono alemão, chegado em 1922 e instalado na cabeceira da Água do Macaco; Albert Scherr, figura extraordinária de pessoa, durante décadas o grande líder entre os alemães da Colônia, liderança marcada pela bondade, pela honradez e pela compreensão.

Outras figuras mereciam atenções especiais: o "Lehrer Hahn" (Reinhold Hahn), o pastor Heinrich Wrede, o madeireiro Otto Erne, o moageiro Martin Pichler, a comerciante Frau Kitzmann, os irmãos Ludwig, os irmãos Neumann, o velho Müller (Capitão Perigo), enfim, todos os que marcaram mais fortemente sua presença ao longo da vida da Colônia.

E tudo isso, Presidente, que eu gostaria de escrever e historiar, não o permite a exigüidade do meu

WALDEMAR RIBEIRO DE OLIVEIRA

ADVOGADO

meu tempo.

A Cooperativa é a força maior e a maior representatividade da Colônia; em razão disso, entendo que ninguém melhor que a Cooperativa para abrigar e executar a idéia de se historiar nossa velha Riograndense. Para tanto, basta oferecer apoio material a jovens estudantes, a professores, a todos os que possam e queiram pesquisar e contar as histórias de nossa história. Será, eu tenho certeza, uma história riquíssima de grandezas humanas, porque formada em sua maior parte por uma raça que é de per si, uma grandeza humana, a raça alemã.

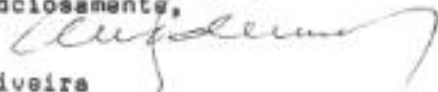
A Cooperativa não pode criar um Departamento de Estudos Históricos da Colônia Riograndense? Não pode nele criar um pequeno Museu, onde guardar fotografias, máquinas, utensílios, enfim, tudo que significar nosso passado?

Para muitos pode parecer que é pequeno o campo de pesquisas. Eu o entendo imenso. Para dar ao residente uma pequena idéia, mando uma relação de questões a serem propostas aos estudiosos.

Espero que a Cooperativa possa e queira manter vivos os espíritos dos colonos que se foram, e que escreveram, com seu pioneirismo, suas lutas e sacrifícios, a saga do heroísmo indispensável aos que abriram, no alvorecer deste século, este pedaço de sertão brasileiro.

Nesta oportunidade, envio ao Presidente e todos os seus companheiros de Direção, com um abraço de "patriótico" da Colônia, meu maior Respeito e Consideração.

Atenciosamente,



Waldemar Ribeiro de Oliveira
Rua 10 n. 653 - Caixa Postal 96
Fone 0432-35.11.80
Primeiro de Maio -PR.
CEP 86.140

WALDEMAR RIBEIRO DE OLIVEIRA
ADVOGADO

Questões e seras propostas aos estudiosos

Em 1931 (2 de setembro), um agrimensor, a mando de Cupertino de Castro, fez um levantamento geral e total da Colônia. Foram pesquisados os 127 lotes rurais que então compunham a Colônia e foram encontrados os seguintes colonos; Otto Erne, Azor Marques, Salvador F. Souza, Wilhelm Mayer, Wilhelm Stark, Albert Scherr, A. Kronenberg, Richard Elzenberger, Gustav Ranck, Otto Kinzel, Franz Rippler, Kurt Gärtner, Heinrich Wrede, Emil Gapsch, August Voss, Otto Henning, H. Holzhausen Fr, Louis Gapsch, Karl Gau, Karl Götschow, August Gärtner, Luiz Seyfert, I. Schöndorf, H. Götschow, Wilhelm Vietzo, Heinrich Petz, D. Simon, Albert Blum, Ia. Bösch, Frau Kitzmann, F. Dessow, Henrique Ludwig, Michael Lamb, Gustav Lamb, Maximo Christi, D. Marques Filho, J. F. Marques, Ir. Adamat, G. Schmidt, F. Marth, H. Pichol, I. Mollenthin, Martin Pichler, Karl Hering, Hanz Liphaus, W. Rehr, C. Fandreit, C. Inselmann, Georg Möller, Joseph Griebel, H. Holzhausen, Ir. Koch, ? Killing, H. Pietschmann, Joseph Ploner, ? Braun, H. Köster, M. Börder, B. Mannigel, H. Prenzier, Miguel Ludwig, A. Krämer, W. Krämer, Georg Fox, H. Schruppf, Henrique Lins, José Ludwig, Léo Kinzel, Bernardo Ludwig, Viuva J. Ludwig e filhos, Aloys Neumann, Emil Belter, August Neumann, Franz Neumann, Léo Sokoloski, Frantz Fitkau, Bernard Diller, Aloys Beckmann, Joseph Belaw, Pio Aestelden, Anton Krause e Cupertino de Oliveira Castro. Pergunta-se: está certa a relação ? quem foi o agrimensor quantos alqueires ainda possuía Cupertino de Castro, que sucedera a Alfredo Antunes de Oliveira, para colonizar (Presidente, ele ainda tinha para vender aos colonos 660,48 alqueires paulistas em 02-9-1931).

Quem foi o primeiro pastor luterano ? o primeiro padre católico quando foi inaugurada a primeira capela católica na Laranjeira ? e primeira capela luterana ? A primeira capela luterana foi a do espigão Macaco-Barra Mansa ?

Qual dos Ludwig chegou primeiro à Colônia ?

Em 1925, segundo o colonizador Alfredo Antunes de Oliveira, havia um "Syndicato Rural". Havia mesmo ? quem o presidia ? quais os seus membros ?

Como foi que o Otto Erne ficou aleijado ? (Presidente, eu estava na venda da Frau Kitzmann quando o cavalo caiu por cima do

WALDEMAR RIBEIRO DE OLIVEIRA
ADVOGADO

Otto Erne, quebrando-lhe a perna e a bacia).

Quando, na década de 30, começaram os colonos gaúchos a comprar terras para os lados da Estiva, do Elísio Galvão, etc. ?

Quais as primeiras famílias fora do primitivo perímetro da Colônia ? os Fetter ? Os Assmann ? Quem ?

Quem veio primeiro, os Fetter ou os Wahner ?

Quem foi o primeiro a ser sepultado no cemitério entre a Barra Mansa e o Braço Direito (200 metros atrás de antiga venda do Emílio Erne) ?

Quem foi primeiro sepultado no cemitério luterano ? (Presidente, numa tarde de muita chuva, assisti ao sepultamento de Michaël Lamb).

Como os Scherr, Albert e Walter, adquiriram o primeiro caminhão usado na Colônia ?

Quem foi a primeira professora brasileira, tanto na Barra Mansa quanto na Laranjeira, a partir de 1928 ?

O famoso professor Mahn foi o primeiro professor alemão da Colônia ?

Qual o 1º crime de morte a vitimar alemão na Colônia ? qual o 1º alemão a ser vitimado em derrubada de mata ?

Quais os alimentos básicos dos colonos, nos primeiros tempos ?

Como era improvisada a iluminação dos trilhos, quando saíam à noite, para visitarem-se mutuamente ?

Que importância tinha a suinocultura, nos primeiros tempos ?

Como os colonos enchiam seus colchões e travesseiros, quando não tinham palha-de-milho ?

Que motivos levaram Julio Malves e Otto Isernhagen a se desentenderem ?

Porque o colonizador Alfredo Antunes de Oliveira rescindiu o contrato de Otto Isernhagen ? foi o 1º contrato ou sua dilação ? quando ?

Quantas famílias Otto Isernhagen trouxe ? Quem era Gustav Isernhagen ? Que papel teve no trabalho de seu irmão Otto ?

A notificação judicial requerida por Alfredo Antunes de Oliveira, em 1925, contém nomes de alemães colonos, que não constam da relação do agrimensor em 1931. Que fim levaram ? quais eram ?

W. D. Ribeiro de Oliveira

4.2. Memórias de Waldemar Ribeiro

Colônia Alemã e a guerra

Eu fui criado numa colônia de alemães, de modo que fui alfabetizado em alemão e minha convivência era com alemães. E nesse contexto, Inglaterra contra Alemanha, eu era alemão. Quando o Brasil entrou na guerra, em 42, eu não morava mais na colônia, estava em Assis, estudando, e eu me lembro muito bem, fiz discursos, era líder dos estudantes; Assis tinha ginásio, o Ginásio Municipal de Assis, o que naquela época era raro, eram todos moços e moças. Hoje é criançadinha que está no ginásio, naquela época não.

Aconteceu uma coisa muito desagradável, havia perseguições aos alemães brasileiros. Em Assis tinha um dentista espertalhão, Horário Lobo, que era primo do Dr. Urandi. Era um crápula. Ele se mancomunou com o delegado de polícia, Antonio Catalana, e judiou bastante daqueles alemães.

Foram na colônia, tomaram as coisas, revistas lindas, que nada tinha ver com a guerra, nem com nada...eles levavam embora livros, estatuetas, tomavam tudo. Foi uma rapinagem. E eu fui nomeado tradutor, o que me marcou demais.

Em casa nós fizemos uma reunião pra ver como é que eu ia fazer, que atitude devia tomar. Eu não queria fazer aquilo. Participaram da reunião meu padrasto, tio Oto, mamãe. Eu me lembro que estava em Assis nessa época, o tio Valdomiro, da tia Hilda. Ele disse: “não recuse porque você vai ser perseguido, e a família também; você vai ser considerado 5ª Coluna”.

Não traduzi coisa nenhuma. Sabe o que eu fiz? Fiz um judeu que ninguém sabia que era judeu, e a mulher dele tinha um caso com o dentista...Eu cheguei pro Dr. Catalano e disse que o alemão que eu sabia não era suficiente para fazer traduções e que em Assis tinha um alemão que podia ser tradutor, e indiquei o Geraldo Simo. Aí então ele nomeava nos dois para as traduções todas, e eu acabava nem indo lá.

Tinha a família desse alemão que me levou para Assis quando eu quebrei o braço, o nome dele era Alberto Scher e era amicíssimo do meu padastro. Era um líder entre os alemães, uma criatura boníssima, fora de série.

Um dia esse fdp desse Horacio Lobo vai com a polícia lá em casa, me pega e me leva na casa dele. Ele tinha um livro de poesias alemãs, ele pegou o livro e levou. O Alberto não estava em casa. Estavam os pais dele, velhinhos, e eles diziam pra mim:

- Mas Waldemar, é poesia, de 50, 100 anos atrás. Porque fazer isso?
- Frau Scher, o que é que a Sra. quer que eu faça? Não sou eu não, são eles!
- Eu sei, eu sei....
- A guerra marcou por essas coisas. Coisas pessoais, particulares.

ANEXO V

5.1 Documento original

**Relação dos proprietários de lotes na «Colônia Riograndense»,
Maracahy, Estado de São Paulo**

| LOTE N.º | NOME DO PROPRIETÁRIO | ÁREA EM ALQUEIRES | LOTE N.º | NOME DO PROPRIETÁRIO | ÁREA EM ALQUEIRES |
|----------|----------------------|-------------------|-----------|--------------------------|-------------------|
| | | 144 | 68 | F. Marth | 11,40 |
| 1 a 3 | Cupertino de Castro | 9,50 | 69 | H. Pichol | 13,60 |
| 4 | Otto Erne | | 70 | Cupertino de Castro | 38,47 |
| 5 | Azor Marques | 30 | 71 | E. Mellenthin | 10 |
| 6 e 7 | Cupertino de Castro | 21,20 | 72 | Martin Pichler | 10,66 |
| 8 | Salvador F. de Souza | 77,35 | 73 | Carlos Hering | 10,37 |
| 9 a 11 | Cupertino de Castro | 11,20 | 74 | João Liphans | 10,96 |
| 12 | Wilhelm Meyer | 9,80 | 75 | W. Rehr | 5 |
| 13 | Wilhelm Stark | 12 | 76 | C. Fandrei | 5,21 |
| 14 | Cupertino de Castro | 11,90 | 77 | C. Inselmann | 23,09 |
| 15 | Alberto Shérr | 4,44 | 78 | Georg Müller | 11 |
| 16 | A. Kronenberg | 4,10 | 79 | José Griehl | 35 |
| 17 | Ricardo Elzenberger | 6,66 | 80 | Gustavo Lamb | 29,72 |
| 18 | Gustavo Renk | 18,57 | 81 e 82 | Cupertino de Castro | 30,58 |
| 19 e 20 | Otto Kinzel | 6,20 | 83 | H. Holzhausen | 14,46 |
| 21 | Franz Aippler | 7,34 | 84 | Koch | 5,50 |
| 22 | Kurf Gärtner | 55,06 | 85 | Killing | 5,34 |
| 23 | Cupertino de Castro | 31,50 | 86 | H. Pietschmann | 9,55 |
| 24 e 25 | Heinrich Wrede | 10 | 87 | José Ploner | 27,15 |
| 26 | Emil Gapsch | 18,95 | 88 | Braun | 24,30 |
| 27 | Cupertino de Castro | 7 | 89 | Georg Müller | 19,37 |
| 28 | Augusto Voss | 7 | 90 | H. Küster | 10,25 |
| 29 | Otto Hening | 14 | 91 | M. Börder | 10,74 |
| 30 | H. Holzhausen Filho | 10 | 92 | B. Manigel | 10,58 |
| 31 | Luiz Gapsch | 10 | 93 | H. Prensler | 130 |
| 32 | Carlos Gau | 11,48 | 94 | Miguel Ludwig | 13,41 |
| 33 | Carlos Gütschow | 10,90 | 95 | A. Krämer | 12,50 |
| 34 | Augusto Gärtner | 50 | 96 | W. Krämer | 11 |
| 35 | Luiz Seyfert | 10 | 97 | Georg Fox | 5,25 |
| 36 | Irmãos Shöndolf | 10 | 98 | H. Schrupf | 15,54 |
| 37 | H. Gütschow | 10 | 99 | Henrique Lins | 30 |
| 38 | Wilhelm Vitze | 14,63 | 100 | José Ludwig | 11,57 |
| 39 a 44 | Cupertino de Castro | 2,67 | 101 | Léo Kinzel | 46,90 |
| 45 | Heinrich Petz | 2,56 | 102 | Bernardo Ludwig | 62,98 |
| 50 | Simon | 2,77 | 103 | Viuva J. Ludwig e Filhos | 48,62 |
| 51 | Cupertino de Castro | 5,17 | 104 a 107 | José Ludwig | 10 |
| 52 | Blum | | 108 | Aloys Hermann | 19,71 |
| 53 | Irmãos Bösch | 10 | 109 | Emil Belter | 18,97 |
| 54 | Viuva Kitzmann | 8 | 110 | Augusto Neumann | 17,19 |
| 55 a 57 | F. Dassow Filho | 7 | 111 | Franz Neumann | 16,12 |
| 58 | Henrique Ludwig | 13,60 | 112 | Léo Sokoloski | 15,04 |
| 59 e 60 | Cupertino de Castro | 108 | 113 | Franz Fitkan | 16,32 |
| 61 | Miguel Lamb | 5 | 114 | Bernardo Gilles | 15,37 |
| 62 | Maximo Christi | 5 | 115 | Aloysios Beckmann | 13,47 |
| 63 | D. Marques Filho | 3 | 116 | José Bellaw | 11,28 |
| 64 | J. F. Marques | 4 | 117 | Pio Amstalden | 13,45 |
| 65 | Igreja Protestante | 5 | 118 | Antonio Krausa | 233,93 |
| 66 | Adamaf | | 119 a 127 | Cupertino de Castro | |
| 67 | G. Schmit | | | | |

Estão á venda sómente os lotes pertencentes a Cupertino de Castro. Terra roxa de 1.ª qualidade. Produção : Alfafa, porcos, café e cereaes.

5.2 Documento corrigido por algum colono

Relação dos proprietários de lotes na «Colônia Riogranden»
Maracahy, Estado de São Paulo

| LOTE N.º | NOME DO PROPRIETARIO | AREA EN ALQUEIRES | LOTE N.º | NOME DO PROPRIETARIO |
|----------|----------------------|-------------------|-----------|--------------------------|
| 1 a 3 | Cupertino de Castro | 144 | 68 | F. Marth |
| 4 | Otto Erne | 9,50 | 69 | H. Pichol |
| 5 | Azor Marques | | 70 | Cupertino de Castro |
| 6 e 7 | Cupertino de Castro | 30 | 71 | E. Mellenthin |
| 8 | Salvador F. de Souza | 21,20 | 72 | Martin Pichler |
| 9 a 11 | Cupertino de Castro | 77,35 | 73 | Carlos Hering |
| 12 | Wilhelm Mayer | 11,20 | 74 | João Liphaut |
| 13 | Wilhelm Stark | 9,80 | 75 | W. Rehr |
| 14 | Cupertino de Castro | 12 | 76 | C. Fandreich |
| 15 | Alberto Scherr | 11,90 | 77 | C. Inselmann |
| 16 | A. Kronenberg | 4,44 | 78 | Georg Müller |
| 17 | Ricardo Etzenberger | 4,10 | 79 | José Griebel |
| 18 | Gustavo Renk | 6,66 | 80 | Gustavo Lamb |
| 19 e 20 | Otto Kinzel | 18,57 | 81 e 82 | Cupertino de Castro |
| 21 | Franz Hippler | 6,20 | 83 | H. Holzhausen |
| 22 | Kurt Gärtner | 7,34 | 84 | Koch |
| 23 | Cupertino de Castro | 55,06 | 85 | Killing |
| 24 e 25 | Heinrich Wrede | 31,50 | 86 | H. Pichschmann |
| 26 | Emil Gapsch | 10 | 87 | José Pioner |
| 27 | Cupertino de Castro | 18,95 | 88 | Braun |
| 28 | Augusto Voss | 7 | 89 | Georg Müller |
| 29 | Otto Hening | 7 | 90 | H. Kusler |
| 30 | H. Holzhausen Filho | 14 | 91 | M. Börder |
| 31 | Luiz Gapsch | 10 | 92 | B. Mannigel |
| 32 | Carlos Gau | 10 | 93 | H. Prenslar |
| 33 | Carlos Gütschow | 11,48 | 94 | Miguel Ludwig |
| 34 | Augusto Gärtner | 10,90 | 95 | A. Krämer |
| 35 | Luiz Seyfert | 50 | 96 | W. Krämer |
| 36 | Irmãos Shöndorf | 10 | 97 | Georg Fox |
| 37 | H. Gütschow | 10 | 98 | H. Schrumpf |
| 38 | Wilhelm Vitze | 10 | 99 | Henrique Lins |
| a 44 | Cupertino de Castro | 14,63 | 100 | José Ludwig |
| 45 | Heinrich Peitz | 2,67 | 101 | Léo Kinzel |
| 50 | Hermann Simon | 2,56 | 102 | Bernardo Ludwig |
| 51 | Cupertino de Castro | 2,77 | 103 | Viúva J. Ludwig e Filhos |
| 52 | Irmãos Blum | 5,17 | 104 a 107 | José Ludwig |
| 53 | Irmãos Bosch | | 108 | Aloys Hermann |
| 54 | Viúva Kitzmann | 10 | 109 | Emil Belter |
| a 57 | F. Dassow Filho | 8 | 110 | Augusto Neumann |
| 58 | Henrique Ludwig | 7 | 111 | Franz Neumann |
| e 60 | Cupertino de Castro | 13,60 | 112 | Léo Sokolowski |
| 61 | Michael Lamb | 108 | 113 | Franz Filkau |
| 62 | Maximo Christi | 5 | 114 | Bernardo Cöler |
| 63 | D. Marques Filho | 5 | 115 | Aloysios Beckmann |
| 64 | J. F. Marques | 3 | 116 | José Beilau |
| 65 | Igreja Protestante | 4 | 117 | Pio Amstalden |
| 66 | Adamat | 5 | 118 | Antonio Krause |
| 67 | W. Schmit | 5 | 119 a 127 | Cupertino de Castro |

o à venda somente os lotes pertencentes a Cupertino de Castro Terra roxa
qualidade. Produção : Alfafa, porcos, café e cereaes

ANEXO VI

6. Bericht

Colonia Rio grande

124

Bericht.

Am 1. April 1936 konnten wir endlich wieder mit der Schule beginnen, nachdem sie ein halbes Jahr geschlossen war. Da eine „Escola Evlada“ hier besteht, fingen wir mit 17 Kindern an. Man war gewissermassen misstrauisch gegen die deutsche Schule, denn man dachte, sie würde doch bald wieder geschlossen. Im Mai hatten wir schon 37 Kinder.

Die erste Veranstaltung die wir machten, war die Feier des 1. Mai; zusammen mit dem Stützpunkt der NSDAP. Eine einfache, aber eindrucksvolle Feier.

Eine der angenehmsten Abwechslungen in das Einzelne unserer Arbeit brachte uns am 17. Juli Dr. Wloka, vom Kulturfilmdienst. Ich glaube, dass es kaum etwas gibt, was das Deutschland in den Hinterlande mit grösserem Dank aufgenommen, als diese Filmabende.

Im Monat August besuchte uns Herr Generalkonsul Dr. Spiess mit seinem Gesand.

Am 7. September feierten wir in der Schule den „Unabhängigkeitstag“. Wir führten unter anderem ein kleines Drama auf, welches wir in der Schule selber erarbeitet hatten: „Independencia ou Morte“

Am 21. Dez. Kommittee mit Herrn Dr. Ott in unserer Mitte begründet. Mit Aufwand aller Kräfte, hauptsächlich der Partigenerwachsenen, war es möglich die Reden in neuen Schulgebäude zu empfangen.

Die grösste Freude hatten unsere Kinder am Weihnachtsfest. Das nicht nur, weil sie schon so allerhand vom Weihnachtsmann "ausgeschmüffelt" hatten, sondern auch weil wir es in unserem grossen, neuen Schulhaus feiern konnten.

"Radioabende" liessen uns vieles von Deutschland miterleben. So die Olympischen Spiele, den Partitag, die grossen Reden des Führers usw.

Augenblicklich bereiten wir uns auf unsere Schul-einweihung vor. Sie findet am 3.8. März statt.

Entwicklung

Gründung der Kolonie: 1922 durch Rio-grandenser Bauern (daher der Name). Schon 1923 Einfluss von Deutschland. grösste Schwierigkeiten: Inflation, Revolution hier.

Im Jahr 1925 Gründung des Schulvereins. 1926 Schulbau. Dieses Gebäude hat man nun der Staatsschule zur Verfügung gestellt. Schulverein 40 Mitglieder.

Die Kolonie hat seit 1933 seinen Stützpunkt der NSDAP mit 1 Block in Assis.

Es besteht ausserdem ein Faschistenverein und ein Turnverein.

Die 160 Familien der Kolonie (mit Saranguas und Nova Rio-grandense) verteilen sich folgendermassen:

| | |
|--------------------|----|
| Reichsdeutsche | 90 |
| Deutschbrasilianer | 45 |
| Deutschrussen | 20 |
| Brasilianer | 5 |

Die Deutschen sind erst im letzten Jahre
zusammen mit einigen ostpreussischen Familien
hier angekommen (von Kaffeefazendas).

Aus den bescheidensten und schwierigsten An-
fängen entwickelte sich Rio-grandense zu einer
der stärksten Stützen des Deutschthums des Staates.
Der beste Beweis dafür dürfte die „Cooperativa
Teut-Brasileira“ sein, die 1938 hier gegründet
wurde. Allein an Klee gehen alljährlich circa
200.000 Arrobas (400 Wagons) durch unsere Schup-
pen in Assis, was bei dem Durchschnittspreis
des letzten Jahres einige Hundert Contos Absatz
bedeutet.

Das alles hat deutscher Fleiss hier geschaffen,
denn das Land war auf Abzahlung gekauft. Die
Inflation und dann die Revolution hier, hatte
den ersten Siedlern alles genommen. Eine Fa-
milie z. B. kam hier mit 500 an; heute be-
sitzt Hüter und Land und Maschinen und
alles was zu einer gutgehenden Familienwirt-
schaft gehört.

Es war auch dieser Fleiss und diese Ausdauer,
die, trotz grösster Schwierigkeiten aller Art, unser neues
Schulhaus entstehen liessen. Ein schöner Steinbau,
mit seinen 9 x 28 m ^{der nicht} nur für die Gegenwart gebaut wurde.

Col. Rio-grandense, Februar, 1939.

João J. ...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)